



Universidade Federal
de Campina Grande

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

**“O PASSADO SE FAZ PRESENTE”: A DANÇA DE CABOCLOS DOS ANOS 80
NO COTIDIANO ATUAL DA CIDADE MAJOR SALES/RN**

THERESA DÁVILLA LIMÃO DE BESSA

CAJAZEIRAS-PB

2021

THERESA DÁVILLA LIMÃO DE BESSA

**“O PASSADO SE FAZ PRESENTE”: A DANÇA DE CABOCLOS DOS ANOS 80
NO COTIDIANO ATUAL DA CIDADE MAJOR SALES/RN**

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), Graduação em História pela Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande UFCG-PB.

Orientadora: Prof^ª. Dra Silvana Vieira de Sousa

Cajazeiras-PB

2021



B557p

Bessa, Theresa Dávilla Limão.

“O passado se faz presente”: a dança de caboclos dos anos 80 no cotidiano atual da cidade Major Sales/RN / Theresa Dávilla Limão Bessa. - Cajazeiras, 2020.

114f. : il. Color.

Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Vieira de Sousa.

Monografia (Licenciatura em História) UFCEG/CFP, 2021.

1. História cultural - Major Sales-RN. 2. História oral. 3. Dança dos Caboclos. 4. Tradição religiosa. 5. Sertanejo Potiguar (1940- 1960). 6. Historiografia- Município de Major Sales-RN. 7. Malhação de Judas. I. Sousa, Silvana Vieira de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

BS/CFP/UFCEG

CDU - 930.85(813.2)

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

THERESA DÁVILLA LIMÃO DE BESSA

**“O PASSADO SE FAZ PRESENTE”: A DANÇA DE CABOCLOS DOS ANOS 80
NO COTIDIANO ATUAL DA CIDADE MAJOR SALES/RN**

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), Graduação em História pela Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande UFCG-PB.

Aprovada em: ____ / ____ / ____

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a. Dr.^a. Silvana Vieira de Sousa
(Orientadora – UACS/CFP/UFCG)

Prof.^a Ms. Nadja Claudinale da Costa Claudino
(Examinadora – Externo)

Prof. Dr. Israel Soares de Sousa
(Examinador – UACS/CFP/UFCG)

Prof. Ms. Francinaldo de Sousa Bandeira
(Suplente - UACS/CFP/UFCG)

“E devo dizer que, se não há diferenças entre os fatos da
história e a ficção,
então não faz sentido ser historiador.”
Eric Hobsbawm

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer em primeiro lugar a **Deus**, por me dar forças em momentos que achei não ter. Aos meus familiares, amigos e colegas de jornada. Foram longos anos de dedicação e esforço para concluir essa etapa da minha vida.

Aos meus familiares, minha mãe, **Consola Limão**, irmão, tias e primas, em especial a minha **Tia Lurdes** que nunca deixou de me apoiar, a minha prima **Tamara** que sempre me incentivou nos estudos, e a minha mãe que sempre foi meu maior exemplo de dedicação e esforço para alcançar seus objetivos, amo vocês mais do que posso explicar.

Agradecimento aos meus avós maternos, **Tica e Antônio Limão** (in memoriam), que sempre, mesmo diante de suas simplicidades, incentivaram a mim e a família a estudarem e seguirem as oportunidades que os mesmos não conseguiram ter. A minha avó **Ana Bessa** que também sempre me foi fonte de expiração e determinação.

Aos meus padrinhos, **Graça e Cícero** (in memoriam), pela dedicação na minha criação e incentivo em todos os meus anos de estudo.

Agradeço a minha segunda família em Cajazeiras-PB, que me adotou com todo coração, e me ajudou nesse processo. A **Dona Luciene** e ao **Senhor Cerlan**, que me trataram como filha. As minhas irmãs de coração, **Darphany e Myrelly**, toda minha admiração e gratidão, amo vocês.

Aos meus colegas de faculdade que acabaram se tornando mais que isso, hoje tenho orgulho em chamar de amigos, me ajudaram de forma direta de indireta até chegar nesse momento. A **Hérika Jhenifer** que infelizmente não prosseguiu no curso, a **Tháisa Karla, Emilly e Ramon**. Gratidão meus amigos, a parceria que tivemos nessa jornada.

Em especial a **Vanessa Nóbrega**, que só Deus sabe dos perrengues que passamos juntas nesses últimos meses, e que sem ela creio que não conseguiria alcançar esse objetivo, amo você amiga, irmã, um dos presentes mais preciosos dados pela UFCG a mim.

Gratidão também a essa Universidade que se tornou minha casa por cinco anos, aos meus professores, e em especial a minha orientadora **Dr^a Silvana**, gratidão por ter aceitado meu convite e abraçado com tanto empenho o meu projeto.

Agradeço a minha banca, aos professores **Dr^o Israel Soares**, a **Ms Nadja Claudino** que me concedeu sua turma para que eu pudesse estagiar no Colégio Estadual Dom Moisés e ao professor **Ms Francinaldo Bandeira**, que por anos lecionou algumas das minhas disciplinas favoritas.

*Dedico esse trabalho aos meus avós, que sempre me incentivaram. **Ana Bessa, Tica e Antônio Limão** (in memoriam)*

RESUMO

Esta pesquisa busca estudar a cultura e a tradição da Dança dos Caboclos, também conhecida na região de Major Sales-RN como Malhação de Judas. Em outras regiões do país ela apresenta aspectos diferentes da perspectiva a qual proponho trabalhar. Na cidade de Major Sales/RN essa tradição é vivida de maneira intensa desde o final do século XX ao século XXI. Por meio desse estudo podemos compreender como uma tradição se enraíza socialmente, mesmo passando por modificações ao longo de décadas e ainda hoje meche com o imaginário e o cotidiano de uma grande parte da população de mesmo que precisemos destrinchar a mudança social de hábitos e até mesmo eventuais mudanças de significação vinculada a ela. Após 90 anos a tradição da dança, que se configura em uma canção específica com trajes adequados e coreografia, também conta com o ritual de pedir esmola que ocorrem preservando os mesmos traços inicialmente usados em 1924. Este trabalho busca entender como algo que parecia apenas uma tradição cristã feita somente na Semana Santa virou um festival conhecido na região nordeste, como se tornou o referencial da cidade e como moldou a percepção dessa cultura nesses habitantes que vivenciam anualmente o concurso. Posto isso, me proponho a pensar em como essa experiência cultural vive e afeta de forma mais ativa vários membros da comunidade.

Palavras-chave: História cultural, História Oral, Cultura, Caboclos, Tradição Religiosa, Festa, Cidade, Major Sales.

RESUMEN

Esta investigación busca estudiar la cultura y la tradición de la danza de los Caboclos, también conocida en la región de Major Sales como ejecución de Judas. En otras regiones del país ella presenta aspectos distintos de la perspectiva al cual propongo trabajar. En la ciudad de Major Sales/RN esta tradición se vive intensamente desde finales del siglo XX hasta el siglo XXI. A través de este estudio, podemos comprender como una tradición se arraiga socialmente, aunque sufriendo modificaciones durante décadas y aún hoy interfiere en el imaginario y en el cotidiano de una gran parte de la población mismo que necesitamos desenredar los cambios sociales de hábitos y hasta mismo eventuales cambios de significaciones vinculada a ella. Después de noventa años la tradición de la danza, que se configura en una canción específica con vestimentas y coreografía adecuadas, también tiene un ritual de pedir limosna que ocurre en preservación a los mismos rasgos inicialmente utilizados en 1924. Este trabajo busca entender como algo que parecía solo una tradición cristiana hecha solo durante la Semana Santa se convirtió en un festival conocido en la región noreste, cómo se convirtió en el referencial de la ciudad y cómo moldeó la percepción de esa cultura en estos habitantes que experimentan anualmente el concurso.

Palabras-clave: Historia Cultural. Historia oral. Cultura. Caboclos. Tradición Religiosa. Fiesta. Ciudad. Major Sales.

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 01: Mapa da localização geográfica da cidade de Major Sales – 2021.....	36
IMAGEM 02: Mapa da distância geográfica das cidades de Major Sales e Luís Gomes – 2021.....	41
IMAGEM 03: Foto do 2º concurso de caboclos de Major Sales/RN, retirada de um vídeo no YouTube.....	73
IMAGEM 04: Foto reprodução da festa pós concurso.....	74
IMAGEM 05: Foto reprodução dos dançantes de Caboclos durante a semana santa nas calçadas das casas dos moradores.....	75
IMAGEM 06: Foto reprodução do 2º concurso de caboclos de Major Sales/RN, retirada de um vídeo no YouTube.....	76
IMAGEM 07: Foto reprodução da apresentação da equipe do Mestre Bebé, no concurso do ano de 2018.....	77

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
Capítulo I	17
OS CABOCLOS DE MAJOR SALES COMO OBJETO DE PESQUISA: HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA	17
1.1 <i>A cultura Religiosa como ponto norteador da Dança de Caboclos</i>	18
1.2 <i>Quando a tradição assume um novo papel</i>	23
1.3 <i>O dançar Caboclo como competição em Major Sales</i>	28
1.4 <i>Memória e identidade, os principais transmissores da cultura Dança de Caboclos</i>	30
Capítulo II	36
MAJOR SALES-RN: “A CIDADE É PEQUENINA, MAS VALORIZA A CULTURA”	36
2.1 <i>Sonhos em perspectivas: os primeiros moradores e as primeiras atividades na nova terra</i>	37
2.2 <i>A vida do Sertanejo Potiguar (1940-1960)</i>	40
2.3 <i>População, educação e religião, a tríade local formadora das cidades</i>	44
Capítulo III	48
CABOCLOS, DANÇA E FESTIVIDADE: UMA HISTÓRIA DE TRADIÇÃO, CULTURA E RELIGIOSIDADE	48
3.1 <i>A Dança de Caboclos de Major Sales como legado social e cultural</i>	49
3.2 <i>O concurso de Danças dos Caboclos em Major Sales com novas propostas</i> . 53	
3.3 <i>Arrastões, o evento que antecede a competição dos Caboclos</i>	54
3.4 <i>A invenção dos Caboclos em semelhanças e diferenças de uma tradição religiosa</i>	55
3.5 <i>A malhação de Judas em Major Sales, um caso de tradição</i>	58
3.6 <i>Personagens dos Caboclos de Major Sales: Judas, Caboclos, Velha/Velho</i> ..	64
3.7 <i>As Esmolas na Semana Santa em Major Sales como forma pagamento</i>	66
3.8 <i>As músicas dos caboclos de Major Sales como parte da tradição</i>	68
3.9 <i>O Concurso de Caboclos como agente transformador em Major Sales</i>	69

<i>3.10 Impacto da Dança de Caboclos na Economia de Major Sales, uma Evolução Intencionada?</i>	72
<i>3.11 Novos paradigmas da Cultura em Major Sales para os mais jovens</i>	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	83
FONTES ORAIS	86
APÊNDICE	87

INTRODUÇÃO

“Escutar os mortos com os olhos”

(Roger Chartier)

A vida acadêmica por si só é já um grande desafio, desde o entrar na universidade até o percurso dentro da mesma, pra sair um profissional não apenas no diploma, mas em ter propriedade daquilo que fala. Ser professor é uma tarefa árdua, lidar com as frustrações, sonhos e esperanças de outras pessoas depositadas no seu conhecimento.

Já quis ser veterinária, advogada, nutricionista e enfermeira. Mas, jamais quis ser professora. Por ver minha mãe também professora chegar em casa esgotada do trabalho, estressada com as cobranças em sala de aula, eu não conseguia me ver naquela situação, sempre rejeitei a ideia de lecionar.

Durante o ensino médio a meta era fazer Direito, como não obtive êxito no primeiro ano, tentei Letras e passei. Primeiro período até me interessava, mas o objetivo era ser advogada, então em 2015 tentei Nutrição, via a situação da minha avó materna em sua luta contra a diabetes e de alguma forma eu queria ajuda-la. Iniciei um período, a UFCG entrou em greve e vi que não me sentia feliz naquele curso. Na chamada de 2015.2 consegui transferir para História com o único objetivo de trocar para Direito. 5 anos depois, ainda permaneço aqui, me formando no curso que não almejava, mas que nele me encontrei.

A frase de Chartier que encabeça essa parte do TCC diz muito sobre o nosso trabalho, do Historiador. Boa parte do nosso trabalho, das nossas fontes, está em lidar com pessoas que não estão mais conosco. Ouvir os mortos com os olhos, atentar as histórias daqueles que na época não tiveram voz. O papel do historiador vai além de uma sala de aula, somos também pesquisadores, vivemos esse processo de produzir e reproduzir conhecimentos.

Qual o trabalho do historiador? Além de resgatar as memórias de um povo, também somos responsáveis pela sua preservação. Mas o nosso papel não se resume em ouvir as fontes e simplesmente transcrevê-las, temos como obrigação

moral com a história e a sociedade em nos manter imparciais com toda e qualquer fonte.

Nossa função é investigar as fontes, usar meios metodológicos e científicos para validar nossa pesquisa, sem infringir nossa posição pessoal, sem modificar os fatos. Devemos interpretar as fontes, não as julgar a partir dos nossos próprios interesses.

Nesse trabalho me propus a trabalhar com a memória e oralidade, dois elementos fundamentais até mesmo para a formação de caráter de um indivíduo, visto que muitos dos valores que trazemos vem de ensinamentos passados de geração em geração por nossos familiares. O papel da cultura se assemelha com a família nesse aspecto, com ela vislumbramos valores passados por meio da música, de peças teatrais, de vestimentas e interpretação de mundo.

Para fazer dessa história, uma história viva e sensível, o uso das fontes orais serão parte fundamental nessa empreitada. As experiências humanas contidas em cada palavra serão essenciais na construção dessa história local, sempre respeitando a imparcialidade como prega a função. Essa memória que usaremos como fonte, faz parte da bagagem de vida dos sujeitos, ela lida com o real, a vida e convívio do sujeito, sua interação com o objeto que será estudado.

Reiterando o papel fundamental do historiador nesse processo analítico das fontes, pois o sujeito portador das memórias, sendo ela processo de constantes mudanças, filtragens e adaptações controladas pelo indivíduo que a narra, é preciso de uma grande responsabilidade com a História e o seu papel científico. A História tem várias vertentes, mas não é o caso desta ser uma narrativa de um legado familiar.

Conforme vamos analisando essas experiências, notamos a produção de memórias e sentidos subjetivos de cada indivíduo. O cuidado de mostra-las em cada espaço que é praticado como: elementos religiosos, eventos familiares e a competição que empregava aos grupos mais antigos um novo sentido adotado na prática cultural. Foram esses elementos obtidos por meio da memória que nos tornou possível a realização dessa pesquisa e o entendimento dela nos seus anos iniciais e no cotidiano atual da mesma comunidade.

Este trabalho monográfico encontra-se dividido em três capítulos. O primeiro, chama-se **OS CABOCLOS DE MAJOR SALES COMO OBJETO DE PESQUISA: HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA**, buscamos apresentar o objeto de estudo e explorar as motivações que me levaram a ingressar nesta pesquisa, os significados de História Cultural, Tradição Religiosa, Memória e Oralidade como elementos que caracterizam o nosso objeto, assim como falar da relação destes elementos com a comunidade de Major Sales/RN da década de 80 ao cotidiano atual. Compreender os principais marcadores da cultura e da sua transformação no decorrer dos anos faz parte do projeto, objetivando os elementos iniciais que podem ter influenciado na continuidade da dança e na sua transformação na identidade social dos indivíduos da comunidade.

No segundo capítulo, intitulado: **MAJOR SALES, “A CIDADE É PEQUENINA, MAS VALORIZA A CULTURA”**, tratamos da História local da comunidade de Major Sales, do seu surgimento e desenvolvimento em vários aspectos; são eles políticos, sociais, econômicos e culturais. Buscamos compreender o contexto social principalmente dos anos 40 a 90, ver o grau de escolaridade, profissões dos moradores, apego a religiosidade e quais práticas culturais ocorriam no momento, se seria somente a Dança de Caboclo ou se existiam outras representações. Na medida que os apresentamos, colocamos em evidencia suas particularidades e dificuldades, pois raramente algo consegue ser exercido na sua totalidade por todo um grupo social, esse não é um caso exclusivo desta cultura.

No terceiro e último capítulo, **CABOCLOS, DANÇA E FESTIVIDADE: UMA HISTÓRIA DE TRADIÇÃO, CULTURA E RELIGIOSIDADE**, tratamos de apresentar o objeto de estudo de uma maneira mais concisa e destrinchada, contando a história da Dança de Caboclos por meio das experiências vividas e relatadas pelos indivíduos Homens, Mulheres, Jovens e Adultos a exemplo do Senhor Francisco de Assis Silva (Bebé), Senhor Antônio Otacílio da Silva (Antônio Grosso) e o Jovem Antônio José da Rocha Limão (Tonyinho), de ontem e de hoje que vivem ou viveram dentro da tradição cultural religiosa que é a Dança de Caboclos, as suas perspectivas de origem e desenvolvimento, a interação da comunidade nas mudanças dentro da cultura, como a adição de novos elementos e personagens na dança. Também notaremos as transformações no sentido participativo dos brincantes, na monetização da tradição e sua transformação em um evento de grande proporção que leva renda e fama para a cidade de Major Sales.

CAPÍTULO I

OS CABOCLOS DE MAJOR SALES COMO OBJETO DE PESQUISA: HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA

*♪ “Olha só como é o presente
Veja aí preste atenção
Essa dança é do passado
mostrando a tradição.
E por muito tempo essa dança
emocionou.
Agora tudo tá lindo, tudo se
modernizou.”*

Mônica Silva

Para apresentar nosso objeto de estudo que é sobre Os Caboclos de Major Sales, se faz importante falar do trajeto que foi chegar até ele. Todos nós temos memórias da nossa infância e sempre existem aquelas que se sobressaem. Da minha infância consigo recordar dos animais de estimação que tive, das comidas preparadas pela minha avó materna, datas comemorativas, que nas escolas, nesse contexto de que trata esse estudo, as lembranças que se destacam são sem dúvidas, da Cultura, dos trajes, músicas e dança típica da pisada do caboclo.

Entrar na faculdade por si só já é um peso muito grande, e mesmo que pareça precipitação, pensar no Trabalho de Conclusão de Curso [TCC] faz parte da saga de todos. Nos primeiros períodos torna-se um sonho distante, uma ideia vaga, mas logo que começou a primeira disciplina de Projeto de Pesquisa I, pensar numa ideia de tema e amadurecê-la era algo de extrema importância.

Apesar de não ter sido o primeiro curso de graduação a qual iniciava, pois já havia tido duas outras experiências, a primeira foi com o curso de Letras Espanhol pela UERN e a segunda foi Nutrição pela UFCG, o curso de História foi o primeiro a quem de fato eu me via realizada e pretendia concluir. Pensar no tema do TCC não

foi algo difícil, já que durante toda minha vida [até agora], a cultura sempre foi presente, fosse dentro da minha própria casa ou em ambientes públicos da comunidade, como em escolas e praças de recreação.

É muito clara a memória da minha infância no período de semana santa, as comidas típicas, os rituais feitos em casa, e, principalmente, ouvir de dentro de casa, ou da dos meus avós, as pisadas das turmas de Caboclos dançando nas nossas calçadas ou dos vizinhos, chamando por: Dona Maria ou Senhor Zé, pedindo uma “esmolinha” para poder dançar.

Enquanto assim o faziam, era de costume ver uma multidão os seguindo, cantando e observando cada passo daquele grupo. Algumas crianças vestidas a caráter [com os trajes de Caboclo], outras se escondendo, assustadas com as vestes, máscaras e trejeitos.

O ano de 2020 e esse de 2021 terá o mesmo sentimento nostálgico, a saudade da normalidade do período de Semana Santa, a falta que faz de ouvir o triangulo tocando junto com a sanfona, o som dos passos fortes pelo chão seguindo o ritmo da música, a população acompanhando em festa cada turma fervorosamente. Uma coisa que sem dúvidas essa pandemia COVID 19, está nos mostrando, é a valorizar cada pequeno momento que até perdemos, não acharíamos que faria tanta falta.

1.1 A Cultura Religiosa como Ponto Norteador da Dança de Caboclos

Me propus a pensar qual o tipo de relação que uma representação cultural pode fazer em uma sociedade da década de 1980 e a mudança no tempo trago por ela até a atualidade na cidade de Major Sales/Rio Grande do Norte, antigo sítio Cavas, esse local, território de meus tempos de infância, meus tempos de juventude e meus tempos atuais.

É possível dizer que a cultura molda uma sociedade e é moldada por ela, que a memória coletiva dá um caráter familiar a uma prática que talvez não seja para você algo enraizado, mas que com o passar do tempo e o lugar social no qual você está

inserido gera um acolhimento, seja por a cultura local ou as práticas sociais nela presente.

Neste trabalho tento relacionar essas práticas culturais e buscar entender como elas levaram uma comunidade a construir representações para esse rito, não só como uma dança folclórica, mas como uma tradição passada de geração para geração, e como a realidade econômica, social e religiosa contribuiu na propagação dessa dança e a levaram a ser o que é hoje nessa comunidade, um rito identitário muito presente.

Falar sobre a cultura é imprescindível, mas entender a História como ela é hoje, suas mudanças e transformações darão um caráter único a pesquisa, já que graças a essas mudanças dentro da ciência é possível ouvir essas histórias passadas na maioria das vezes de forma oral.

A História como entendemos hoje, a ciência analítica e baseada em fatos empíricos nem sempre foi assim, antes da intervenção dos Annales o que conhecíamos de uma determinada época ou local, dependia diretamente dos interesses existentes por trás de quem contaria sua história, de quem contratava para contar a história e das fontes as quais teria acesso.

Era a chamada história dos heróis, dos feitos dos grandes homens. Homens da família que tinha poder econômico e político, ou seja, antes da chegada dos Annales, a Historiografia era dominada por uma visão Positivista, contava as histórias das grandes figuras na sua maioria masculinas e das famílias mais importantes da época. Diga-se de passagem, os meros mortais não passavam de figurantes em todo processo histórico, sua cultura, suas contribuições e até a própria existência passavam despercebidas durante o processo de escrita.

Segundo Burke (2005, p. 66), “O arquiteto suíço Sigfried Giedion que escreveu um estudo pioneiro sobre cultura material, *Mechanisation takes Command* (1948), em que argumenta que, “para o historiador, não existem coisas banais”, já que “instrumentos e objetos são decorrências de atitudes fundamentais perante o mundo” (apud GIEDION, 1948, p. 201).

O que podemos concluir dessa citação é que tudo e todo material seja ele escrito, em forma de objeto ou narrativa, carrega em si uma história que não pode ser

banalizada, já que traz consigo características únicas que poderão narrar uma dada situação a qual está sendo estudada. Essa é uma das principais características da Nova História que em contraponto, a História Positivista só levava em consideração aquelas fontes partidas de documentos oficiais do governo.

Como em toda e qualquer ciência existe o campo teórico e o metodológico, tanto a História Social quanto a Cultural apresentam ambas as características, boa parte do trabalho do historiador está na busca pela informação, seja ela em livros ou no cotidiano do objeto estudado, ou seja, na busca das suas fontes documentais e na forma de trabalhar essa documentação.

Ambas as correntes historiográficas são indissociáveis pois, tudo que é produzido em sociedade; suas práticas, é cultura e não há como ter cultura sem um grupo de indivíduos vivendo em conjunto. Mas, quem é a sociedade? A História Social é a responsável pela resposta desta indagação já que ela é responsável pelo trabalho com esse objeto (sociedade) de forma direta em campo, enquanto a História Cultural será responsável por trabalhar o produto criado por essa sociedade, as suas práticas em conjunto.

Qual o grande diferencial dessa Nova História pós Annales? A amplitude de fontes e a introdução de todos os personagens na narrativa, novas perspectivas se abriram e lacunas foram preenchidas após o uso de outras fontes. O interesse pela vida cotidiana e a dispersão do uso das antigas fontes oficiais foram os principais pontos modificados no processo, o que culminou em pontos de vista distintos e até mais reais de acontecimentos antes tidos como únicos e irrefutáveis.

É preciso entender um pouco desse conceito de Cultura para compreender a sua importância nesse cenário. A cultura é algo enraizado nas pessoas desde os primórdios dos tempos, entretanto, algo que é pouco atenuado e que muitos desconhecem é das categorias existentes nessa cultura; erudita, popular e de massa. Embora façam parte de um mesmo “grupo” existem distinções pertinentes entre elas, a primeira, Erudita, consiste na visão de uma elite social, política e econômica e cultural advindas de seu conhecimento adquirido através do pensamento científico de livros, pesquisas, trabalhos universitários e leituras acadêmicas.

A cultura Erudita era principalmente ligada a uma determinada classe social, relacionada a conhecedores da arte, literatura, pessoas de grande saber científico já

que essa tarefa cobrava um alto grau de instrução acadêmica e alta ascensão econômica.

A cultura popular por sua vez, o que tem de conservadora também tem em renovação ou incorporação de novos aspectos e/ou pequenas alterações nas tradições. O conservadorismo se encaixa nas permanências de traços originais e ao mesmo tempo, inovadora em agregar novos elementos, havendo assim uma renovação nas tradições.

Essa cultura era associada principalmente as classes populares, excluídas de quaisquer requintes econômicos ou alta formação educacional já que advém do conhecimento popular e senso comum, porém, tem que se deixar claro que a cultura popular era algo real, uma tradição verídica como o Carnaval ou a Malhação de Judas que por sinal é o tema desse projeto.

Por fim temos a Cultura em Massa que é tida como uma cultura “fake”, muito usada pelo capitalismo como um produto comercial, um filósofo alemão Theodoro W. Adorno defende a tese que a ideia de cultura de massa é imposta pelos meios de comunicação e que a população, a massa, apenas absorve aquilo que lhe é imposto.

O que podemos ver até agora é a categorização da Cultura em três perspectivas; a Cultura Erudita, a Cultura Popular e a Cultura de Massa, se distinguem em certos aspectos, mas isso significaria que uma sobrepõe a outra? Segundo Chartier (1995);

A "literatura popular" e a "religião popular" não são tão radicalmente diferentes da literatura da elite ou da religião do clero, que impõem seus repertórios e modelos. Elas são compartilhadas por meios sociais diferentes, e não apenas pelos meios populares. Elas são, ao mesmo tempo, aculturadas e aculturantes. (1995, p.184)

Ou seja, o entendimento da cultura passa por um processo de mudança a partir da perspectiva da sociedade, e isso não a deslegitima em nenhum sentido, apenas a difere para adequar-se à nova situação e se fazer entender ao grupo que a recebe. A Cultura Popular é o que é devido ao processo de aculturação, por interpretar a Cultura Erudita e transforma-la em algo condizente para esse grupo social, visto que a Erudita em tese, demandava muitos conhecimentos em literatura, artes, etc.

Para Chartier (1990, p. 17) não há sobreposição de culturas, elas são diferentes assim; “A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objetivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler.”, em outras palavras, a História Cultural é a história da sociedade, abordando diversos aspectos e âmbitos sociais POIS Onde há vida em sociedade há uma cultura, hoje os mais diversos temas são tratados em busca de entender melhor quais aspectos específicos.

O entendimento da História da Cultura pode ser dividido em quatro fases: a fase clássica, a da história social da arte, a história da cultura popular, e a nova história cultural. Entender esse conceito é necessário para que possamos distinguir os vários tipos e ao mesmo tempo compreender que eles não se dissociam, se entrelaçam e se completam. É preciso discutir esse novo conceito de História Cultural que ganhava força nas ciências, como uma história de rompimentos e continuidades. Segundo Burke (2005);

De 30 anos para cá, ocorreu um deslocamento gradual no uso do termo pelos historiadores. Antes empregado para se referir à alta cultura, ele agora inclui também a cultura cotidiana, ou seja, costumes, valores e modo de vida. Em outras palavras, os historiadores se aproximaram da visão de cultura dos antropólogos. (2005, p.32)

Como dito, foi necessária a aproximação da História com outras áreas do conhecimento científico, nesse caso a Antropologia. Entretanto, as ciências sociais sempre precisaram conversar entre si e manter essa interdisciplinaridade para chegar mais a fundo no objeto de pesquisa.

Quanto a Cultura Popular, por muito tempo foi inferiorizada por alguns pesquisadores, por vincular mais ao uso folclórico e antropológico e por também se tratar de aspectos mais comuns da sociedade, de figuras simples, mas como foi possível acompanhar com a leitura, todo contexto econômico e social também formula cultura e esta é sempre lugar de significados que sempre revelam aspectos importantes da vida em sociedade.

A Malhação/Matança de Judas como é comumente conhecida, é uma das várias tradições trazidas pelos portugueses durante a colonização. Algumas das tradições que existem no Brasil se dão por tradições indígenas e pelo contado com outras nações.

A segunda teoria, o Judas seria a personificação das forças malignas, rituais eram feitos durante o início e no final das colheitas, queima-lo traria bons resultados para as plantações. Alguns historiadores afirmam ser um costume remanescente da festa pagã dos romanos. Em alguns países a malhação do Judas acontece de forma parecida com o Brasil, no Uruguai, por exemplo, é bem similar a pratica, o que realmente difere é a data, pois lá ocorre durante o Natal.

Quando se trata de cultura Major Sales/RN acabou se tornando referência, há mais de 100 anos ela continua firmemente no coração da população, desde os tempos quando ainda era um sítio, denominado de Sítio Cavas. Passando por mudanças, gerações diferentes com novas leituras, mas nunca perdendo o sentido inicial da Tradição, a união familiar, a brincadeira entre amigos e acima de tudo, o sentido religioso no qual ela se estrutura.

A Dança de Caboclos, Matança/Malhação de Judas como é bastante conhecida também, é uma cultura de cunho religioso, estruturada na figura de Judas Iscariotes, a sua traição com Jesus. A brincadeira seria uma maneira dos católicos vingarem a traição de Judas para com Cristo. Antes de “matar” o boneco, ele deve ser bastante machucado, depreciado e por fim, assassinado.

1.2 Quando a tradição religiosa assume um novo papel

Pensá-la como uma tradição religiosa cristã nos faz imaginar que ela seja essencialmente parecida em todas as regiões do país, coisa que definitivamente não acontece. Essa tradição varia brutalmente de região para região, no Nordeste as práticas são a dança, a depravação e esquarteramento do boneco Judas, mais ao Sul o boneco toma a forma de alguma figura pública, política ou uma crítica social, o boneco incorpora o descontentamento da população para com aquele personagem incorporado ao boneco, cria-se um testamento onde se põe nele as acusações feitas ao “Judas”.

Existem algumas definições sobre o que é cultura popular e a cultura de massa como já vimos, a maneira que se unem em alguns locais e práticas, isto é, acontece uma incorporação de aspectos industrializados nessa cultura como por exemplo fazer o boneco do Judas uma figura de algum personagem de novela e puni-

lo como se fazia originalmente com a figura primária. Porém, isso não ocorre apenas com personagens fictícios, também se “personifica” imagens de políticos ou figuras públicas.

Porém, nem sempre, o encontro entre cultura popular e cultura de massa deve ser visto negativamente. É o caso da brincadeira da morte do Judas no município de Nossa Senhora dos Remédios – PI, onde, desde o ano de 1990, o testamento dos bonecos a serem mortos mantém uma relação com a novela de maior audiência no momento, normalmente uma telenovela da Rede Globo de Televisão. O Judas passa, nesse caso, a ser uma personagem da ficção[...] (BRANCO, 1998, p. 11-12)

Conforme dito no decorrer do texto e com a citação de Branco (1998, p. 11-12), podemos perceber a linha tênue que existe entre a cultura erudita, popular e de massa, não que isso seja ruim ou que tire a particularidade de cada uma prejudicando a sua essência, mas ocorrem intercessões que as unem em determinados locais e práticas.

A cultura popular conta com a participação das pessoas, o entrosamento da tradição histórica com a população e o que aquilo passa a representar, a ligação criada através daquela interação, isso pode evoluir para uma cultura em Massa quando se faz modificação de elementos chaves e introduz os meios de comunicação para comercializar aquilo, quando se transforma esse evento tradicional em algo ainda maior contando com a presença de veículos de comunicação ou a criação de festivais usando o tema inicial, mas incorporando essa nova perspectiva com outros elementos.

Essa tradição em algumas regiões se modificou muito da original, se aproximando mais da cultura de massa, porém, não quer dizer que perdeu o seu valor da cultura popular, já em outras regiões essa tradição se perdeu por completo, não havendo nenhum tipo de releitura ou incorporação.

A palavra “Tradição” acarreta muito mais do que o breve sentido de continuidade de uma ação, vai além, significa a relutância em aceitar aquilo que não é de seu costume, é transportar valores, costumes e uma visão de mundo através de práticas corporais e da oralidade, como quando os índios do Brasil na época da conquista relutavam em aceitar o catolicismo e viviam suas crenças de forma discreta. A Tradição passou a ser acima de tudo um comprometimento com aquele objeto sem

calcular os obstáculos, podendo incorporar novos aspectos devido as transformações sociais, mas nunca encerrando a reprodução.

O livro *A invenção das tradições*, organizado pelos historiadores Eric Hobsbawn e Terence Ranger, nos anos de 1980, revela uma nova abordagem no campo das ciências humanas e sua principal contribuição foi abordar um novo conceito de tradição, introduzindo a noção de tradição inventada que assim orientou o olhar de muitos pesquisadores a respeito das práticas culturais, consideradas como tradição. Para Hobsbawn e Ranger (1997), seria assim possível estabelecer as diferenças entre a “tradição inventada”, aquela que se especifica por ser uma continuidade artificial com o passado e o costume.

Segundo essa perspectiva, o objetivo e a principal característica das tradições, e das inventadas seriam as permanências. “O passado real ou forjado a que elas se referem impõem práticas fixas (normalmente formalizadas), tais como a repetição” (HOBSBAWM. RANGER, 1997, p.10). Já o costume das sociedades tradicionais teria, “a dupla função de motor e volante. Não impede as inovações e pode mudar até certo ponto, embora evidentemente seja tolhido pela exigência de que deve parecer compatível ou idêntico com o precedente”, já que a sua função seria dar às mudanças a continuidade histórica conforme o expresso na história (HOBSBAWM; RANGER, 1997, p.10).

Como diria Gwyn Prins (1992), “[...] A tradição é um processo – vive apenas enquanto é continuidade reproduzida.”. Independentemente da forma dessa continuidade a tradição depende exclusivamente da sua reprodução, muitas vezes sobrevive através da memória dos seus participantes.

A Dança dos Caboclos, Malhação de Judas ou Queima de Judas como é popularmente conhecida no Brasil, ocorre originalmente durante a semana santa, dentro do calendário da Igreja Católica e simboliza o período de morte e ressurreição de Jesus Cristo. O período de comemoração iniciado no Domingo de Ramos, ocorre por sete dias até o Domingo de Páscoa.

A “malhação” de Judas representa a punição do traidor, por isso é justificado as diversas formas utilizadas no ritual de dança para “matar” o boneco que o representa. Durante o concurso cada equipe trás de forma teatral uma maneira nova

e inusitada para punição do boneco. O uso de armas de caça, bombas simulando tiros ou até mesmo uma forca já foram usados durante algumas apresentações.

A teatralidade da morte rende uma pontuação melhor no concurso feito durante o sábado de aleluia. É importante frisar que esses elementos mais requintados são usados apenas nos concursos, nos arrastões que acontecem nas ruas da cidade é feita apenas a apresentação de dança simples, sem muita coreografia.

Entendida como e dança folclórica é interpretada por diversos estudiosos com releituras diferentes já que cada interpretação difere muito seguindo uma conjuntura do lugar social de cada um, como também os diferentes contextos econômicos e principalmente a região onde a prática ocorre.

Como já dito por Chartier (1990, p. 17), o processo de aculturação transforma e (re)descobre novos elementos, ocorrendo assim transformações ou permanências nessas práticas culturais.

Segundo o autor André Luiz da Silva, a “Queima de Judas” é uma tradição onde representa uma crítica social a algum político ou figura pública que caiu no desagrado popular tomando assim a face do Judas, um traidor. O artigo de SILVA (2012) trabalha com a ideia da marginalização dos personagens que fazem essa prática, por fatores sociais e políticos.

A Queima do Judas, uma manifestação popular que expressa as reivindicações, pensamentos e críticas destes grupos que estão a margem das decisões que movem a sociedade e que sofrem as consequências desta posição passiva, restando apenas os meios da Folkcomunicação, neste artigo a Queima do Judas, como forma de expressar o seu descontentamento. (SILVA, 2013, p. 2)

Conviver minha infância, adolescência e até a vida adulta com essa Cultura me fez perceber o quanto essa prática alterou o pensamento dos populares da cidade. Não mais sendo uma obrigação como cristão as práticas, mas uma espécie de herança perpassada entre as famílias por gerações.

Quando parei para pensar em meu tema de Projeto I, não pude imaginar um tema diferente, não apenas por ser algo local, mas por fazer parte do imaginário de tantas pessoas diferentes. Absorver um certo tipo de conhecimento é uma tarefa muito particular, alguns apenas observam de fora achando interessante ou somente

repudiando aqueles que vivenciam, outros se jogam de cabeça durante todo o ano levando essa cultura para outras cidades e estados.

Os Caboclos de Major Sales passaram a ocupar muito além de um período festivo de Semana Santa, durante todo o ano ocorrem apresentações seja na cidade ou em outros eventos municipais e estaduais, não sendo o bastante, a maioria das equipes após o sábado de aleluia (dia que ocorre o concurso), começam em seguida os preparativos para o evento do ano seguinte, então de certa forma o trabalho não acaba no momento do fim da apresentação.

Quando nos referimos a manifestações religiosas, logo pensamos em símbolos que retratem a Igreja, que não pode deixar de ter, mas basicamente, a maior referência dessa cultura local a religiosidade seria a imagem de Judas Iscariotes e a sua “morte” simbólica.

Como falamos da cultura de massa e a sua forte relação com a modernidade e capitalização, podemos citar como exemplo o Domingo de Páscoa, principalmente para os mais novos essa data retrata ovos de chocolate e o coelhinho que os trás, o renascimento de Jesus Cristo perde espaço devido ao imaginário elaborado visando o fator econômico.

O sábado de aleluia representa a ressurreição de Jesus Cristo, o domingo de páscoa a sua comemoração do sacrifício de Cristo para salvar os meros pecadores. Discutido esse contexto religioso, Gurgel (2008) traz uma reflexão sobre essas mudanças que acontecem no decorrer do tempo na sociedade.

As formas espirituais de cultura, passam também por transformações profundas. A Semana Santa, por exemplo, terá sido o caso mais evidente, de tais mudanças. Aquele espírito de respeito e recolhimento, que os católicos assumiam outrora, pela morte de Jesus, transformou-se, para a juventude de hoje, numa alegre expectativa pelas animadas comemorações do sábado de aleluia. (GURGEL, 2008, p.40).

Apesar de ocorrer durante a Semana Santa onde os ritos são vividos de forma mais intensa, a celebração mistura o Sagrado e o Profano. Conforme Santos (2018, p. 44) “A parte religiosa fica por conta da Igreja Católica, com vias-sacras, caminhadas e missas, que iniciam no domingo de ramos e se estendem até o domingo de páscoa. Na Sexta-Feira Santa, à noite, ocorre à encenação da Paixão de Cristo, que relembra sofrimento, morte e ressurreição de Jesus.”

A cultura dos caboclos se manifesta durante a Semana Santa, isso a tornaria um ritual sagrado, porém, o profano está presente na mesma manifestação já que a dança por si só foi adicionada a tradição original, que seria de matar o Judas, mas a adição da dança no caso da cidade de Major Sales/RN aconteceu pela observação de um ritual de dança indígena e posteriormente adicionado na malhação do Judas.

Sabe-se que há versões sobre a morte de Judas após a traição contra Jesus, como diz a passagem de Mateus 27.5; “*Então, Judas, atirando para o santuário as moedas de prata, retirou-se e foi enforcar-se*”. Essa não é a única versão, saber qual a verdadeira é uma incógnita. Em Atos 1.18; “*caindo de cabeça para baixo, arrebitou pelo meio e derramando-se todas as suas entranhas*”. Malhar o Judas implicava impor sofrimento aquele que causou sofrimento a Cristo, e esse ritual acontecia durante o sábado de aleluia, sendo assim, um ritual sagrado.

Segundo os mais velhos da cidade, a dança de caboclos iniciou como já dito, a partir da observação de danças indígenas e assim agregou ao ritual de matar o Judas. A justificativa seria deixar a dança mais atrativa aos olhos da população e assim arrecadar mais esmolas para financiar a festa que acontecia no sábado, após as apresentações das equipes. Essa festa de comes e bebes acontecia até a década de 90, antes de existir o concurso. Tal manifestação é tida como profana, segundo Eliade (1992):

É preciso acrescentar que uma tal existência profana jamais se encontra no estado puro. Seja qual for o grau de dessacralização do inundo a que tenha chegado, o homem que optou por uma vida profana não consegue abolir completamente o comportamento religioso [...] até a existência mais dessacralizada conserva ainda traços de uma valorização religiosa do mundo. (1992, p. 18)

Como acontece em todo lugar, as manifestações culturais se transformam e se reinventam, o contexto da Dança de Caboclos na década de 20 (período do seu início) com certeza não permanece o mesmo depois de décadas, houveram transformações que continuarão a acontecer já que a vida é um constante processo de transformações.

1.3 O dançar caboclos como competição em Major Sales

Em janeiro já começam os preparativos das equipes que concorrerão no concurso, mas somente no mês de março que os encontros ficam mais frequentes, tanto para a confecção de roupas quanto para o ensaio da coreografia que será apresentada.

O concurso acontece desde 1990, quando a cidade ainda era Vila Cavas e pertencia a Luís Gomes, a iniciativa partiu de Dr. Pio X Fernandes onde o mesmo reunia as equipes numa festa privada e premiava as turmas, haviam jurados que davam notas pelo figurino, pisada e turma mais animada, bem semelhante aos requisitos julgados até hoje nos concursos.

Há 29 anos, 29 concursos já aconteceram, mas desde 2020 não ocorrem novas edições, visto que há mais de um ano vivemos em um novo momento mundial, a pandemia.

Às vésperas do concurso as turmas iniciam a divulgação da equipe, fantasiados de Caboclos, Judas e a Velhinha, saem de porta em porta pedindo esmola e arrastando multidões de apreciadores da dança. A apropriação cultural se faz presente nesse momento, a implementação da dança vinda de agentes indígenas deu uma nova cara a esse movimento, como já foi dito de região para região ele sofre mudanças na sua estrutura sem se perder do eixo principal, o agente religioso cristão.

Geralmente cerca de dez equipes apresentam-se na arena, por volta de dez minutos apresentam sua coreografia, até vinte e seis pessoas podem participar de cada equipe. Os trajes são específicos, cria-se novas fantasias a cada ano sempre utilizando materiais que poderiam ser facilmente encontrados e de baixo valor, recriando as condições existentes em 1924 quando se fundou.

As músicas usadas pelas equipes geralmente são de autoria própria, utilizam durante os arrastões e também na arena durante a apresentação no concurso. Com a banda formada, os dançarinos cantam trechos das canções e soam barulhos como se estivessem xingando/brigando com o Judas. Boa parte das pessoas que acompanham as equipes cantam junto as canções, parecendo assim um grande coral.

♪ "Vem cá caboclo, se prepara pra entrar!

Vem caboclo pisa e vem contagiar!

Entra caboclo pisa forte no salão

Se não pula com seus pés, pule com seu coração.

(...)

Pisa Caboclo! De frente e de lado

De banda, de quina, não esquece o passado.”

Mônica Silva

A letra das músicas é pensada essencialmente para a dança, narram uma história que simboliza o tema que eles irão trabalhar no concurso, os materiais das roupas e a forma que matarão o Judas. Todas as características são descritas nas canções, sincronizando a dança, a música e a morte do boneco.

A formação das equipes é algo que chama atenção, mulheres não são muito comuns em participar, há exceções, grupos femininos já foram criados, entretanto, atualmente não tem nenhum, a predominância até o momento é masculina. Porém, na formação das equipes é notória a relação dos participantes, por se tratar de uma cidade bem pequena e ser uma Tradição familiar, em cada equipe os participantes ou são amigos ou são parentes.

A equipe encabeçada pelo senhor Mestre Bebé é formada basicamente por seus filhos, netos e bisnetos, desde os dançarinos até a banda. O senhor José Berto da Silva é uma figura de grande importância nessa cultura, segundo familiares e amigos foi seu avô quem iniciou esse movimento quando a cidade ainda era um sítio, seu pai e ele continuaram o legado familiar, junto com outros moradores.

1.4 Memória e Identidade, os principais transmissores da cultura Dança de Caboclos

Esse apego ou adesão dos habitantes com essa Tradição é demonstrado no envolvimento e preparação das apresentações o que repercute principalmente no reconhecimento exterior que vem a cada ano ganhando mais holofotes. O município vem ganhando reconhecimento de órgãos estaduais e nacionais, privados e públicos em virtude do envolvimento da população e do seu esforço em preservar essas manifestações populares. A Dança de Caboclos de Major Sales/RN é hoje um Patrimônio Imaterial e Cultural do Estado do Rio Grande do Norte.

Segundo o dicionário, a Identidade é um conjunto de atributos e características que alguma pessoa ou coisa possuem, e a soma desse conjunto de caracteres individualizam a pessoa ou coisa, distinguindo-a das demais. E quando se trata de identidade cultural? Seria a soma de caracteres que tornam não uma pessoa, mas um grupo, os individualizando e transformando diferentes dos demais, unidos pela influência causada pela cultura que os une. Segundo Hall (1997):

“(…) Nossas identidades culturais refletem as experiências históricas em comum e os códigos culturais compartilhados, que nos fornecem, a nós, como um ‘povo uno’, quadros de referências e sentidos estáveis, contínuos, imutáveis sob as divisões cambiantes e as vicissitudes de nossa história real” (Hall, 1997).

Na medida em que uma Cultura tem o poder de agir e moldar uma comunidade, a mesma é capaz de moldar e (re)formular essa cultura através das memórias individuais e coletivas carregadas por cada membro que a forma.

Portanto o que me moveu em particular a pensar nesse tema como meu Projeto de Pesquisa foi a possibilidade de indagar como uma prática hoje em dia pouco percebida em outras cidades da região e interioranas, acabou se tornando o carro chefe de divulgação da cultura do município de Major Sales. Assim, como futura historiadora acabo sentindo-me na obrigação de refletir sobre como essa cultura alterou o imaginário de gerações e ainda assim se mantém forte e com traços rigorosos de outrora.

Problematizar a construção desse ritual como figura na vida das pessoas, como ela altera a visão dessa sociedade sobre a importância de uma cultura em uma geração que é cada vez mais voltada para as redes sociais, jogos virtuais e se distanciando ainda mais do mundo real.

Por se tratar de um tema que lida principalmente com memória e história oral, algumas fontes serão de pessoas que acompanharam várias fases dessa tradição. Sujeitos que durante a infância, por volta de 1950 aprendiam a customizar suas roupas, confeccionar mascaradas e dançar de casa em casa buscando esmolas que patrocinavam a continuidade das apresentações. Hoje, esses sujeitos ensinaram seus filhos e esses dão continuidade ensinando seus netos e bisnetos a perpetuarem a tradição que se fundiu com a comunidade.

Quando lidamos com memória, tratamos de histórias culturais e coletivas que abrigam uma identidade social que muitas vezes existe e perpassa através de narrativas, contos e falas advindas da memória social daquele ou demais grupos.

A História da Memória é imprescindível nos dias de hoje, principalmente devido a aceleração das mudanças sociais e culturais ligadas direta ou indiretamente aos avanços tecnológicos e os novos hábitos sociais. Esse tipo de mudança pode ameaçar as identidades e separar o que somos daquilo que fomos, como diz a seguir:

Como a história da viagem, a história da memória é um campo que revela com rara clareza a importância dos esquemas ou estereótipos, já destacada pelo psicólogo Frederick Bartlett em seu livro *Remembering* (1932). À medida que os acontecimentos retrocedem no tempo, perdem algo de sua especificidade. Eles são elaborados, normalmente de forma inconsciente, e assim passam a se enquadrar nos esquemas gerais correntes na cultura. Esses esquemas ajudam a perpetuar as memórias, sob custo, porém, de sua distorção. (BURKE, 2005, p. 59).

Essas pessoas poderão identificar a situação a qual problematizo, ouvir o seu cotidiano e retornar ao seu passado a partir das suas memórias me ajudará a perceber como essa relação de Cultura e Sociedade foram se modificando ao longo dos anos, seja nas práticas sociais ou nas relações pessoais entre esses grupos praticantes.

A memória ela existe em dois campos, o individual e o coletivo. Ambos são tão entrelaçados que, dificilmente podemos romper os traços que os unem. Quantas vezes nos perdemos nas nossas próprias memórias? Independente de qual seja ela, são traços de lugares e acontecimentos que presenciamos diretamente. Quanto as memórias coletivas, como explicá-las? Segundo Pollak (1991):

[...] Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de “vividos por tabela”, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada. (1991, p.201)

Como visto acima, as memórias coletivas podem ser passadas por meio da socialização dos grupos, onde esses acontecimentos são repassados de tal maneira que parece que também vivenciamos as situações relatadas. Ao estudar História, em fatos marcantes como A Segunda Guerra Mundial, por exemplo, temos uma memória

coletiva permeada dos pavores e atrocidades feitas, são tantas e tão marcantes as lembranças que podemos ter a sensação de vivenciar aqueles acontecimentos graças a memória coletiva que é compartilhada por nós.

Vemos assim a importância do trabalho com a memória que História Oral nos possibilita, quando essa consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram ou testemunharam acontecimentos do passado e do presente. Essas entrevistas são a matéria da história que escrevemos e se tornam mais importantes quando diz respeito a aspectos da memória de tradição de oralidade, como é o caso desse nosso tema. Visto que a maioria das pessoas no início da tradição não registravam pois não sabiam ler e escrever para documentar os acontecimentos, então a oralidade foi o fator principal para a difusão dessas tradições.

Ao mesmo tempo, o trabalho com a História oral pode mostrar como a constituição da memória é objeto de contínua negociação. A memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade. Ela [a memória] é resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência – isto é, de identidade.²⁷ E porque a memória é mutante, é possível falar de uma história das memórias de pessoas ou grupos, passível de ser estudada por meio de entrevistas de História oral. As disputas em torno das memórias que prevalecerão em um grupo, em uma comunidade, ou até em uma nação, são importantes para se compreender esse mesmo grupo, ou a sociedade como um todo. (Alberti, 2006, p.167)

Trabalhar com a história oral não significa tomar pra si aquela entrevista como a verdade absoluta, como dito por Alberti a memória passa por uma reorganização onde são elegíveis as memórias mais importantes, e essas memórias são repassadas para o grupo e disseminadas na comunidade, mas ao trabalharmos com elas como nossos documentos precisamos questioná-las.

As fontes para a pesquisa como já anunciadas serão fundamentadas principalmente em entrevistas orais realizadas com Francisco de Assis Silva, Antônio Otacílio da Silva, Antônio José da Rocha Limão também serão importantes obras ou escritos que nos coloca em contato com as temáticas sobre Cultura, Identidade, Comunidade, rituais festivos e religiosos como o da Matança de Judas em outras regiões e em âmbito local, ou seja, documentos escritos pelos moradores que praticavam a dança e retratem sobre o surgimento na cidade potiguar na década de 80 embora de grande valia, nos parece difícil de encontrar pois a comunidade de moradores de Major Sales-RN na época era formada principalmente por agricultores analfabetos cuja cultura vive na tradição de oralidade que perpassam através de contos, cantigas e histórias como se deu o início dessa prática.

Assim, mesmo que se encontre em um ambiente, de certa forma, “adverso”, e, por conseguinte, manifestando-se eventualmente, este contar de hoje tem sua importância resguardada no testemunho de um estilo e de um gosto cultural anterior. E, mesmo contando casualmente, estes contadores estão, na verdade, reafirmando um valor – que perpassa por séculos – acerca da beleza das narrativas ficcionais as quais, além de outros significados, são, no mínimo, um extraordinário atestado de poder de recriação da mente humana. Em outras palavras, talvez o grande valor dessa cultura narrativa de contar história esteja na capacidade, no jeito e na opção que fazem estes homens e mulheres, simples ou populares, como queira chamar, pela criação imaginativa, pelo sonho, pela contemplação e por que não dizer, por um jeito diferente de “dizer” e de ser. (SOUSA.1997. p.173.)

O trabalho do historiador não é eleger as melhores histórias, e sim investigar, analisar e não tomar partido. Tentar ser o mais imparcial possível e sempre buscar a veracidade nas suas fontes, sejam elas orais ou documentais. Também não é nosso papel refutar as memórias de grupos sociais, pois como vimos essas memórias são construídas e não cabe a nós modifica-las, mas investiga-las para no final chegar o mais próximo possível da realidade.

No primeiro momento será necessário entender o contexto inicial desse movimento Cultural, como chegou ao Brasil, qual era a sua finalidade e como foi se modificando em diferentes localidades, mas sempre dando ênfase a localização potiguar. Também será preciso compreender e discutir o movimento da nova história cultural. Em um segundo momento buscará compreender quais grupos sociais eram mais afetados por essa dança, se o alvo principal era jovem ou adulto, se o pensamento para aquela dança seria apenas como diversão, ou buscando o segmento religioso no qual ele se fundamenta.

Alguns desses materiais de pesquisa estão disponíveis no Google Acadêmico, tendo sempre o zelo de garantir a segurança e veracidade das informações obtidas, outros estão disponíveis na Câmara de Vereadores local, com atas de sessões e leis validando a abertura do Primeiro Concurso de Caboclos realizado na cidade, que acabou como já sabemos virando uma tradição.

A relevância acadêmica desse trabalho está na possibilidade de um estudo mais aprofundado da vivência dos membros da comunidade de Major Sales/RN dos anos 1980 até atualmente, em como mesmo com a estrutura familiar, política e econômica inicialmente precárias não fizeram efeitos negativos na Tradição Cultural e mesmo com os avanços sociais e tecnológicos não distanciaram a comunidade do caminho cultural.

No campo historiográfico esse trabalho será relevante para compreender o impacto que um movimento cultural pode causar em uma comunidade, nesse caso específico de Major Sales/RN. Poderemos perceber como a cultura age diretamente e dita os comportamentos sociais aceitos, seja seguindo uma tradição ligada a religião ou dissociada seguindo apenas pelo caminho da diversão.

Os questionamentos feitos nessa pesquisa não são unicamente pensados por mim, são curiosidades de muitos conterrâneos que sem dúvida, com a leitura sentirão aquele momento nostálgico de infância, lembrarão situações vividas que por muitas vezes não entendiam o motivo da Dança de Caboclos local ser tão assídua na população, então a considero importante não somente no campo histórico cultural, mas também no âmbito social da comunidade trabalhada.

Contudo a finalidade desta pesquisa se institui em analisar a relação desta Tradição Cultural na formação de uma sociedade, de como uma prática cultural é capaz de mudar o cotidiano e o pensamento de uma população, seja durante o período de Semana Santa onde é vivido mais intensamente ou durante todo o ano que o antecede, de modo geral, o foco central é no grupo formado por crianças e jovens que desde o berço tem contato direto com essa atividade.

Com base em tudo que foi discutido até agora, discutiremos a seguir no próximo capítulo as relações existentes entre a História das Cidades e a forma que a formação dessas cidades afeta a população existente desde o âmbito social, religioso, até mesmo no âmbito econômico e modelando seus valores e expressões culturais.

CAPÍTULO II

MAJOR SALES-RN: “A CIDADE É PEQUENINA, MAS VALORIZA A CULTURA”

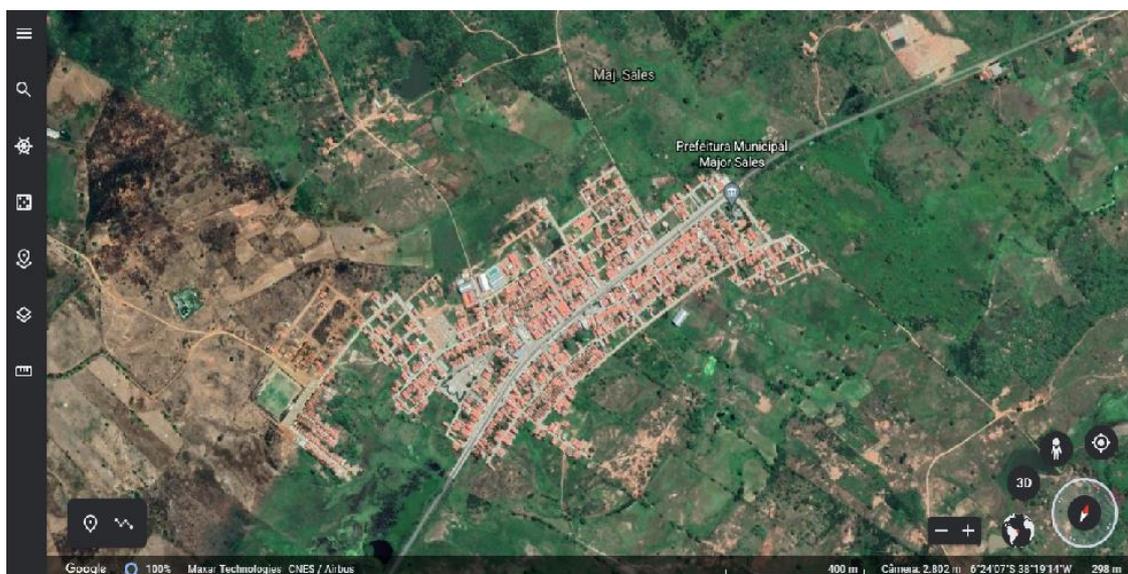
♪ “Chega menino que os Caboclo quer brincar.

Chega menino que os Caboclo quer dançar.”

Autor desconhecido.

A cidade em que os caboclos brincam e dançam é Major Sales, localizada no interior do Rio Grande do Norte, a aproximadamente 10 km da divisa entre o RN e a PB. Situada na micro região denominada de Alto Sertão, na região oeste do estado, localizada no semiárido brasileiro conta com uma extensão territorial em cerca de 35 km, território seco de raízes úmidas, com um censo IBGE de aproximadamente 4.062 habitantes.

IMAGEM 01: Mapa da localização geográfica da cidade de Major Sales - 2021



Fonte: imagem de satélite retirada do Google Earth¹

Antigo Sítio Cavas, se tornou Vila Cavas pertencente a cidade de Luís Gomes, foi emancipada 1997 quando teve o seu primeiro prefeito. Em 1940 quando ainda era uma área desocupada, foi habitada pela primeira família que lá também instalou o primeiro comercio, o Senhor Aprígio Matias Fernandes fixou residência, uma humilde casa de taipa onde também servia para o seu ponto comercial, sua pequena mercearia.

2.1 Sonhos em perspectivas: Os primeiros moradores e as primeiras atividades na nova terra

Por volta de 1951 um outro senhor, André de Moraes e sua esposa Francisca Dantas de Moraes foram atraídos para a região devido a fertilidade do solo, vindos do sítio Oitis, município de José da Penha/RN, souberam que a região até então desocupada, tinha o território propicio para plantação principalmente de algodão, milho, feijão e arroz

Adquiriram a posse de parte do território, o que o fizeram construir assim a primeira casa de tijolos, e instalar um comercio o que beneficiaria e facilitaria a vida e necessidade dos demais moradores, assim como aumentava sua busca do sustento de sua família.

Na localidade em 1953 iniciou-se a construção da Barragem, responsável pelo abastecimento de água potável da cidade até os dias de hoje, que obviamente passou por algumas obras para aumentar o seu tamanho e profundidade, assim atendia a demanda de moradores que só crescia com os anos.

Devido ao crescimento populacional continuo do sítio, no ano de 1963 elevou-se a categoria de vila, e graças a essa nova categoria e estrutura populacional aumentada, a necessidade da educação demandava urgência, então no mesmo ano

¹ Disponível em: <https://earth.google.com/web/search/Major+Sales,+RN/@-6.40296798,-38.3241131,306.15167604a,15080.55570096d,35y,0h,0t,0r/data=CigIjgokCU8RQIZt9hjAEQpEQOeHNR7AGZQrjmilCOPAlbajJDZfskPA> Acesso 19/05/2021

o professor Sr Francisco Fortunato das Chagas propôs ensinar numa pequena casa da localidade.

Em 1967 foi inaugurado um estabelecimento estadual de ensino, a Escola Reunidas Coronel Antônio Germano contando com um professor titular, o Senhor Fortunato, e três professoras auxiliares, a Senhora Maria de Lourdes Alves Limão, Senhora Maria de Fátima das Chagas e a Senhora Maria Vilanir da Silveira.

Com o passar do tempo e a organização na escola, algumas práticas foram adicionadas no calendário escolar. O desfile de 7 de setembro que temos até hoje, iniciou em 1955 na pequena vila Cavas.

De 1992 até 1996 mesmo com o título de cidade, Major Sales continuou sendo administrada pela cidade de Luís Gomes, apenas em 1997 após as eleições de 03 de outubro de 1996 que o primeiro prefeito eleito da cidade tomou posse. Carlos José Fernandes com seu vice Raimundo Matias de Oliveira permaneceram no poder de 1997 a 2000 e de 2001 a 2004.

A história das grandes figuras é muito comum na velha historiografia, como também a história das cidades, a preservação e supervalorização dos costumes e valores de um determinado período. Segundo Abreu (1998):

Depois de um longo período em que só se cultuava o que era novo, um período que resultou num ataque constante e sistemático às heranças vindas de tempos antigos, eis que atualmente o cotidiano urbano brasileiro vê-se invadido por discursos e projetos que pregam a restauração, a preservação ou a revalorização dos mais diversos vestígios do passado. A justificativa apresentada é invariavelmente a necessidade de preservar a "memória urbana". (1998, p.5)

A História age de certa forma como um reflexo para a sociedade, e a história sobre uma cidade pode influenciar nos valores e dogmas dessa comunidade. Esses elementos palpáveis ou não, são transmitidos e compartilhados, influenciam os aspectos e delimitam o modo de vida do seu povo.

Outro aspecto dessa história que podemos também chamar de história local, diz respeito a criação de uma identidade social que acompanha as mudanças, visto que com os avanços tecnológicos e a facilidade de informação, as sociedades tendem a se transformar.

A criação dessa identidade social local e a tentativa extrema de tentar preservar traços culturais de modo exacerbado pode prejudicar a própria continuidade da representação cultural.

A busca da identidade dos lugares, tão alardeada nos dias de hoje, tem sido fundamentalmente uma busca de raízes, uma busca de passado. Tal procura, sem dúvida defensável em termos da preservação das tradições vitais de uma sociedade, pode, entretanto, ser perigosa quando levada a extremos. (ABREU, 1998, p. 7)

A busca por uma criação de memória urbana é um aspecto dado devido a própria história do Brasil, a maior parte das cidades brasileiras são datadas deste século.

Em suma, não é muito comum encontrarem-se vestígios materiais do passado nas cidades brasileiras, mesmo naquelas que já existem há bastante tempo. Há, entretanto, algo novo acontecendo em todas elas. Independentemente de qual tenha sido o estoque de materialidades históricas que tenham conseguido salvar da destruição, as cidades do país vêm hoje engajando-se decisivamente num movimento de preservação do que sobrou de seu passado, numa indicação flagrante de que muita coisa mudou na forma como a sociedade brasileira se relaciona com as suas memórias. (ABREU, 1998, p.8)

Dada as transformações passadas pela sociedade é possível notar uma maior preocupação e necessidade de preservar a história urbana, seja de forma material com a restauração e preservação de artefatos históricos, ou na criação de uma história local e circulação da mesma.

Mesmo cidades relativamente novas já adotam a prática de preservar os vestígios mais significativos de sua história. E naquelas em que a destruição da herança urbana foi devastadora, grandes têm sido os esforços para salvar e valorizar o que restou. (ABREU, 1998, p.9)

Esta busca pela valorização material da história urbana não se prende apenas em itens materiais, o setor cultural vem passando por diversas transformações, as cidades buscam cada vez mais incentivar a população a valorizar os rituais praticados na comunidade com a criação de grupos culturais, apresentações e investimentos nesse setor.

Assim, A cultura, A identidade e a memória andam juntas de maneira indissociável, os elementos culturais são reflexos dos diversos aspectos do modo de vida de uma sociedade, pois a mesma viverá de acordo com regras ou costumes culturais que são compartilhados, tais regras nem sempre são escritas, mas são transmitidas e servem para regular as práticas sociais aceitas.

Segundo Ortiz (2008), “entende-se que ela está amplamente vinculada ao desenvolvimento e ao processo de (re) construção das identidades locais, visto que

as identidades locais refletem os modos de vida de um povo que vive em determinado lugar/local.” (apud SIQUEIRA, 2019, p. 3)

A memória é um processo de organização, seja ela a individual ou a coletiva, essa organização favorece o objeto a ser lembrado. Para Pollak (1992, p. 204) “A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa.”

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992, p. 204)

Devido à época, as difíceis condições de vida, acesso à educação, saúde e tecnologias, o pequeno Sítio que se formava na década de 40 era muito ligado a religiosidade. Todas as manifestações religiosas eram feitas na cidade de Luís Gomes, gerando assim o deslocamento para presencia-las.

Todos os aspectos de desenvolvimento, seja na saúde, educação ou segurança, os moradores do Sítio Cavas tinham que recorrer a Luís Gomes. As casas do sítio também eram geograficamente distantes e o transporte se resumia a animais de carga como cavalos e carroças.

Recordo das lembranças da minha avó, Tica Limão (*in memoriam*), contando sobre sua época quando era mais jovem e não existia a cidade. Contava das dificuldades para atendimento médico e que a sorte dela durante as gravidezes era a sua avó e mãe, já que ambas eram parteiras, hospitais só existiam nas cidades vizinhas e ainda assim o transporte era um problema devido a sua dificuldade econômica.

2.2 A vida do sertanejo potiguar (1940-1960)

Em 1940 a economia do sítio era basicamente toda voltada para a agricultura, minha avó tomava de conta da casa e das crianças enquanto meu avô trabalhava numa plantação de algodão que ficava no pé da Serra de Luís Gomes. Nessa época eles viviam em uma casa cedida pelo dono das terras onde na própria terra podiam cultivar a ceder parte da produção para o dono do território, era meeiro.

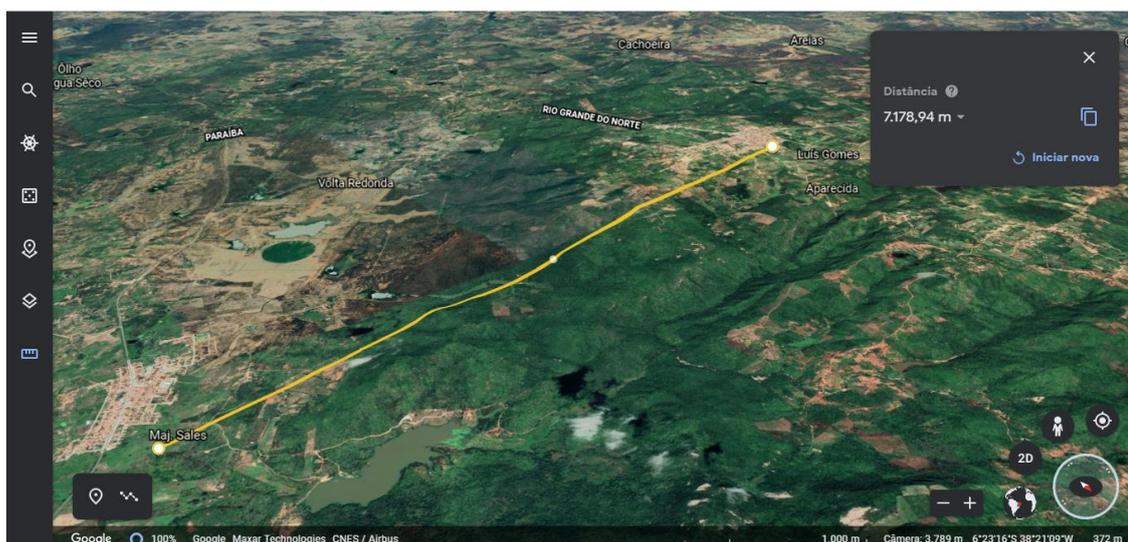
Esse tipo de vínculo empregatício era bastante comum, uma forma dos donos obterem lucro sem trabalhar na terra e ainda ter alguém para cuidar da casa. Para

peças como meus avós, sem muita instrução e condições financeiras, essa era a parceria perfeita. Segundo ela, todos os filhos ajudavam no roçado, até mesmo as mulheres.

Era mais comum os homens ajudarem meu avô, as meninas ajudavam na casa, aprendiam a costurar e bordar, mas também precisavam ir para a escola. As que não queriam estudar eram forçadas a irem ajudar no roçado junto aos irmãos e pai.

Apesar de ser uma prática comum e que não tinha tantos direitos, após ser demitido, meu avô e outros empregados tiveram direito a uma pequena quantia em contos de réis como indenização, e assim ele comprou sua casa na vila que estava se formando. Por muito tempo continuou mantendo a sua família através da agricultura, agora em outras terras.

IMAGEM 02: Mapa da distância geográfica das cidades de Major Sales e Luís Gomes - 2021



Fonte: imagem de satélite retirada do Google Earth²

Das décadas de 40 a 60 as escolas mais próximas ficavam em Luís Gomes, do ensino fundamental até o antigo magistério. Meus avós não tiveram tanto acesso a educação, mas não eram analfabetos. Mesmo assim, entendiam a importância da educação na vida das pessoas e sempre incentivaram o estudo dos filhos, dada a

² Disponível em: <https://earth.google.com/web/search/Major+Sales,+RN/@-6.40131228,-38.35425863,384.81175647a,7460.73573094d,35y,-144.28287597h,62.8851622t,-0r/data=CigiJgokCYdVCPW-hDRAEYZVCPW-hDTAGSoCD7t4tlHAIflHucX2oGXA> Acesso 19/05/2021

época nem todos conseguiram levar a diante os estudos, optaram por trabalhar e manter a casa.

Quanto a saúde, os hospitais mais próximos ficavam em Luís Gomes ou Pau dos Ferros, acabavam indo pra Luís Gomes por ser mais próximo. Saúde igualmente precária, sem muitos recursos e investimentos, período em que muitas crianças morriam em decorrência de doenças que hoje em dia são facilmente tratadas.

Minha tetravó foi a primeira parteira a residir no sítio Cavas, realizada os partos da maior parte das mulheres que residiam na vila, em sua homenagem o Hospital local leva seu nome, Hospital e Maternidade Mãe Tetê.

Recordo-me das histórias contadas por minha avó, dos abortos que sofria e só percebia quando já era tarde demais, falava que a sua sorte era a sua avó, Mãe Tetê, com o conhecimento prático de partos identificava quando ela estava sofrendo abortos ou entrando em trabalho de parto.

Este não era um caso isolado, quando não se tem o conhecimento teórico, o prático sobressai e agrega valor. A prática era usada em vários aspectos da vida sertaneja nessa época, desde o trabalho na roça até a saúde.

Quantas e quantas vezes minha avó tratava sintomas de doenças como gripe, febre e dores corporais com chás medicinais, xaropes caseiros e comidas específicas para aquela enfermidade.

Outro exemplo dessa sabedoria prática estava no meu avô, identificava as mudanças do tempo só em olhar para o céu, sabia dizer qual dia iria chover mesmo estando bem estrelado.

Enfim, mesmo com as adversidades, falta de formação acadêmica e poucas tecnologias, as pessoas daquela época conseguiam se adaptar as mais diversas possibilidades.

Por volta da década de 1950 e a demanda de novas moradias o território foi se expandindo. Quando se trata do aspecto econômico, as terras apesar de desocupadas não significam que não pertenciam a alguém. Boa parte das terras foram doadas para construção de praças, escolas, casas e do hospital. Um exemplo disso é a Escola Municipal, seu terreno foi doado pelo meu tio Francisco Rocha (in memoriam) e leva o nome do meu bisavô Antônio José da Rocha (in memoriam).

A maioria dos moradores do antigo sítio trabalhavam nas fazendas aos redores de Luís Gomes e do próprio sítio Cavas, não apenas eles, mas também seus

filhos. Mesmo após o crescimento populacional e a demanda de outros comércios, a maioria dos trabalhadores viviam das suas plantações de algodão, milho, feijão, arroz, criação de gado e porcos. De tudo um pouco, era preciso que eles soubessem fazer, assim não teria a necessidade de contratar alguém e ainda poderiam ganhar por essas habilidades.

As mulheres se responsabilizavam em manter a casa limpa, fazer comida, cuidar dos filhos. Os que já tinham idade “suficiente” iam trabalhar na roça, em sua maioria, os meninos. As meninas aprendiam a costurar, bordar, cozinhar e cuidar da casa. Eram responsáveis também por deixar o almoço dos pais e irmãos na roça.

Enquanto isso, o desenvolvimento do comércio era bem lento, já que a maioria dos moradores não tinham condições de abrir um negócio próprio. As primeiras lojas que se tem conhecimento eram uma bodega (pequena mercearia) e uma loja de tecidos, que também vendia calçados e confeccionava roupas.

Ambos os empreendimentos pertenciam a uma mesma família, um casal. A bodega que antes pertencia Senhor João André de Moraes, falecido em um acidente automobilístico, passou a pertencer ao Senhor Beijamim Franco da Silva, mais conhecido por Beija, que se casou com a viúva do falecido. A loja de tecidos pertencia a sua esposa, Francisca Dantas de Moraes, chamada por Fransquinha. Além da loja de tecidos, ela também teve um armarinho e farmácia alguns anos depois.

A importância da bodega é óbvia, alguns condimentos os moradores adquiriam nas suas plantações, mas outros itens importantes só eram adquiridos nesses estabelecimentos. Em contrapartida, a loja de tecidos se fazia igualmente necessária, visto que a maioria dos habitantes eram classe baixa, seu plantio e animais servia apenas para sua sobrevivência, e o pouco que sobrava era vendido para custear outras necessidades.

Não existia a possibilidade de comprar as roupas já feitas em boutiques, já que as mesmas eram extremamente caras para a realidade dos moradores. Segundo as memórias das minhas tias, minha avó, Dona Tica, comprava tecidos uma vez por ano, após a venda dos produtos plantados na roça. Por isso as meninas eram ensinadas a costurar e bordar, além de gerar renda extra para a casa também servia para a confecção de suas próprias roupas.

Até hoje essas habilidades são usadas por minha mãe e tias, seja pra uso próprio ou empregadas para ganho financeiro. Enquanto alguns dos meus tios também utilizam os conhecimentos de agricultura em suas terras e animais.

A partir da década de 60 e a nova categoria do território, agora como Vila, os moradores dos sítios vizinhos passaram a migrar para a localidade, em busca de melhores condições de vida, pois já encontrava atendimento escolar, parteiras, capela e alguns pequenos comércios.

2.3 População, educação e religião, a tríade local formadora das cidades

É difícil mensurar a população local nas décadas de 40 a 90, pois o único órgão responsável pelo mapeamento, o IBGE, só fez o censo após tornar-se cidade, dessa forma só se tem acesso dos anos 2000 até 2020. Sendo assim, nos anos 2000 a população era de 2.948 enquanto em 2020 salta para 4.062.

A primeira escola funcionava em ambiente residencial, no entanto, em 1983 foi construído de fato um ambiente escolar mais adequado. Hoje devido a demanda acadêmica a instituição precisou ser deslocada para um espaço maior, porém a antiga construção ainda funciona como Sede.

Apesar de desde 1967 ter sido fundada uma pequena escola no município, a educação era algo precário, visto que a maioria dos moradores adultos eram semianalfabetos, enquanto os jovens dividiam seu tempo entre estudo e trabalho, em determinado momento tinham que optar pelo trabalho para ajudar a família no trabalho.

Na escola até pouco tempo atrás só eram oferecidas as turmas de fundamental menor, ou seja, de 1º a 5º ano. Para maior grau de conhecimento ou ensino superior, era preciso recorrer a Luís Gomes/RN ou Pau dos Ferros/RN. Atualmente as escolas de rede municipal oferecem turmas de EJA, Primário e ensino Fundamental de 1º a 9º. O ensino Médio é ofertado pela rede estadual e superior infelizmente ainda não é disponível na cidade, para essa especificidade é preciso haver o deslocamento.

Formada por uma sociedade pluricultural, a principal fonte de renda da população de Major Sales é a agricultura de subsistência. Agricultura familiar limitada devido às condições climáticas. A renda do município é formada basicamente por pessoas aposentadas e pelo Programa do Governo Federal: Bolsa Família.

A maior fonte de emprego da população advém dos serviços públicos, estadual e municipal. Outras parcelas se dividem entre vínculos empregatícios em comércios locais, agricultura e serviços prestados fora da cidade.

Por se tratar de uma cidade bem pequena, situada no interior do nordeste, a religião é um aspecto mais tradicional. Tradição de uma religiosidade católica em que se seguem todos os seus rituais. A capela de Nossa Senhora do Sagrado Coração, construída em 1967 passou por diversas reformas e hoje, é a Igreja matriz da cidade.

Os moradores dos primeiros anos se apresentavam como católicos. Em 1967 devido aos esforços da Senhora Francisca Dantas de Moraes e de outros habitantes da região, foi construída a primeira capela que tem até hoje a mesma padroeira, Nossa Senhora do Sagrado Coração. Nesse período se destaca como a primeira catequista a Senhora Erotides (não há registros sobre seu nome além da memória dos populares).

Antecedendo a construção da capela, os casamentos, batizados, missas e novenas aconteciam na casa de Dona Fransquinha (Francisca Dantas de Moraes). Realizadas pelo Padre Raimundo Caramuru e depois pelo Padre Raimundo Osvaldo Rocha.

A construção da capela se deu graças a união coletiva da comunidade, desde o pedido a Diocese de Mossoró, até a sua própria construção. Os moradores da vila viajavam nos sítios pedindo esmolas e ajuda para a construção da futura Igreja, arrecadado os materiais, os mesmos moradores arregaçavam as mangas para construção da estrutura que sediará as missas e novenas.

Durante os períodos de festividades, o Padre Raimundo Osvaldo Rocha ajudava a comunidade realizando missas, novenas e quermesses. Esses eventos eram animados por sanfoneiros e alguns componentes da banda de Música de Luís Gomes.

Para ajudar ainda mais na construção da capela, festas eram criadas usando uma forma de competição, partidos eram encabeçados por jovens ou crianças, e a que arrecadasse mais fundos ganhava a competição. Graças a esses eventos e a disposição da população, em 1967 a capela foi finalizada.

Ambiente de amplo espaço, onde são realizadas cerimônias desde missas até casamentos. Aos domingos as tradicionais missas ocorrem às 16hrs. A festa da padroeira ocorre no mês de maio por cerca de 10 dias, onde todos os dias acontecem celebrações intercaladas com missas.

*As missas dominicais
O triste bater do sino
Nos dias de funerais
A hora da Ave-Maria
Anunciando fim do dia
A leitura dos jornais
A noite ficando escura*

Genipapeiro ou Cavas ou Major Sales – Francisca Dantas de Moraes

Isso não significa que não existam outras práticas religiosas presentes na comunidade, a Igreja Protestante é a segunda com mais fiéis na cidade. Dividida em algumas Igrejas diferentes, mas todas do segmento protestante.

A cultura era um dos poucos momentos de entretenimento coletivo que ocorria na cidade, começando nas festividades religiosas durante a Semana Santa, como a encenação teatral da Paixão de Cristo, realizada pelo Grupo de Teatro Fénix. Até hoje essa é uma prática ainda adotada na comunidade todos os anos, não mais por esse grupo, há anos recebemos grupos teatrais de vários locais do país para retratar essa encenação.

Além dessa peça teatral, também existiam outras práticas culturais como Os Caboclos, O Rei de Congo e as Quadrilhas Juninas. O Grupo Mandacarú do Sertão é a maior equipe de quadrilha estilizada da cidade. O artesanato também era uma prática comum e bem querida pela população, ainda há alguns artesões que durante a semana santa expõe seus trabalhos nas tendas da feira cultural.

A relação da comunidade com a música existia principalmente nas festividades, e essas estavam sempre relacionadas com as tradições cristãs. Muitos músicos locais tinham o hábito de cantar suas serestas utilizando violão, sanfonas e triângulos.

Algumas representações artísticas como poemas e artesanatos ficam disponíveis no Museu Cultural Francisca Dantas de Moraes, inclusive a mesma que dá nome ao Museu escreveu alguns poemas encontrados lá.

*Vou falar sobre a origem dessa Cidade Major Sales
Aqui era sítio Genipapeiro
O proprietário daqui era o Senhor
Antônio Jose da Rocha, esposa Francisca
Conhecida como Chiquinha Rocha
Eu digo com consciência que tem gente
Que mora aqui paga o J.P.T.U. por nome
Genipapeiro, Município Luís Gomes*

Francisca Dantas de Moraes

Talvez tenha sido devido a força dessa religiosidade presente na população que a cultura Major Sales tenha se fortificado tanto na localidade. Claro que esse não é o fato principal, já que décadas depois a cultura ainda é ativa, mas talvez tenha sido o fator que impulsionou através do incremento da prática da dança.

CAPÍTULO III

CABOCLOS, DANÇA E FESTIVIDADE: UMA HISTÓRIA DE TRADIÇÃO, CULTURA E RELIGIOSIDADE

♪ “Caboclo chegou aqui, caboclo pisou no chão
Os caboclo vão chegando pra mostrar a tradição
Eu fui menino já brinquei muito caboclo
Com os mais velhos eu prestava atenção
Quando chegava no sábado de aleluia
Amarrava o Judas e derrubava no chão”

Autor desconhecido.

Este trabalho não consiste em encontrar ou apresentar uma verdade absoluta, como dever de ofício cabe ao historiador, buscar desenvolver a pesquisa documental e analisar as fontes a partir da interação entre a teoria e prática de pesquisa. A cultura da Dança de Caboclos de Major Sales-RN de que fala este trabalho e em específico esse capítulo tem algumas vertentes interpretativas sobre sua origem, mas é inegável sua trajetória e o legado por ela repassado entre as gerações desde a década de 1920.

Como tradição e cultura de oralidade, o trabalho com a memória das gerações se faz importante, os depoentes dessa tradição geram uma contribuição central para que possamos pensar na sua história a partir de referências da micro história e da história da cidade.

Como dito, não cabe um trabalho ou papel de julgar as fontes e sim analisá-las, ainda mais quando não se tem outros meios documentais de datar cada acontecimento, eles existem apenas nas memórias daqueles que os presenciaram ou tiveram conhecimento a partir de memórias contadas através de histórias por seus ancestrais. Todavia, não é o objetivo desse trabalho revelar as origens dessa cultura, ou mostrar qual família detém a patente da tradição.

Parafraseando Gwyn Prins (1992), “A tradição só existe enquanto é reproduzida”. Portanto, independentemente da sua origem, o processo resultou numa identidade social da comunidade e sua origem não modificaria o resultado final.

3.1 A Dança de Caboclos de Major Sales como legado Social e Cultural

Como no trecho da música acima colocado, essa era e ainda é a vivência na infância da população majorsalense. A Dança de Caboclos é representada pela música, pisada, vestes, máscara, e claro, pelo arrastão formado por dançantes e população em geral que os acompanha, e um ritual que encanta pela sonoridade e pela estética dos seus participantes.

Essa é uma das maiores expressões de cultura religiosa da cidade, existindo conforme os relatos dos mais antigos, desde por volta da década de 20 e que se perpetua no seio da comunidade, passada como um legado familiar ao longo de sua história foi abraçada pela secretária de cultura do município de Major Sales onde existe um investimento anual nas equipes participantes de um concurso do qual falaremos mais adiante.

A priori, é necessário entender o contexto religioso dessa dança, o período em que ela acontecia, como era a vivência da comunidade e as recordações sobre a mesma entre as décadas de 40 a 60 quando ela acabou ganhando destaque no pequeno sítio Cavas.

Para ajudar nessa contextualização é mais do que necessário ouvir aqueles que estavam presentes ou que carregam memórias dessa época. São nossos depoentes parte fundamental nesse processo de busca documental para o registro historiográfico que objetivamos nesse estudo, são pessoas comuns, homens que carregam em suas experiências de vida essa tradição, vejamos:

O senhor Francisco de Assis Silva, mais conhecido como Mestre Bebé, nascido em 06 de junho de 1955, Agricultor, é descendente de uma das figuras mais importantes cultura local e da cultura de Dança de Caboclos, em especial o seu avô, senhor José Berto da Silva foi, como em algumas versões, o primeiro a dançar caboclos como conhecemos hoje na localidade.

O senhor Antônio Otacílio da Silva, comumente conhecido como Antônio Grosso, nascido em 28 de abril de 1944, Agricultor, é um dos mais antigos e reconhecido na comunidade como chefes de equipe de Caboclos ainda vivo. Traz consigo uma bagagem rica da cultura local.

O Jovem Antônio José da Rocha Limão, conhecido como Tonyinho, é residente de Major Sales do seu nascimento até os dias de hoje, nascido em 25 de agosto de 1993, Educador Físico, é praticante da tradição cultural desde a sua infância e representa um dos inúmeros jovens vinculados a cultura e que ajudaram a transformar a cidade numa referência da forma que lida com a cultura. Através das falas desses depoentes começamos a montar nossa história a partir de um roteiro de questões sobre a prática.

Ao ser questionado sobre as práticas religiosas vivenciadas no período de Semana Santa em suas infâncias, suas memórias são bem sucintas, como dito pelo Senhor Bebé:

Na semana santa o ritual era diferente, eu alcancei ainda nas quartas-feiras de cinzas tinha um ritual diferente, era até quarta-feira de cinzas não, era quarta-feira de trevas. Tinha certas coisas que a pessoa não fazia. Era uma coisa que eu diria assim, era triste no momento, o povo ficava naquela emoção de ser o início do sacrifício de Jesus.³

Esses rituais se estendiam em muitas famílias, principalmente por ser tradições repassadas por gerações, a maioria sem formação educacional, viviam seguindo conhecimentos práticos. A respeito da mesma pergunta, a resposta do Senhor Antônio Grosso foi a seguinte:

Eu dessa época da semana santa eu lembro que antigamente, hoje não tem mais não, quase ninguém quer jejuar mais. Mais aqui jejuava três dias na semana, era quarta, quinta e sexta, era o jejum né. Não comia de tudo, era só aquele jejum mesmo, comia na hora. Mas hoje em dia não tem mais, acabou, é cachaça, é tudo que come... carne assada né? Tudo no mundo.⁴

Essa prática, na verdade, era uma espécie de jejum espiritual feito para purificar o corpo e a alma, ocorria durante toda semana santa, entretanto, era mais assídua na quarta-feira de cinzas. Esse jejum era feito em todos os âmbitos da vida

³ Trecho da entrevista oral concedida por Francisco de Assis Silva. 66 anos. Agricultor. Entrevista realizada em 01 de Abril de 2021, em sua residência no município de Major Sales-RN.

⁴ Trecho da entrevista oral concedida por Antônio Otacílio da Silva. 77 anos. Agricultor. Entrevista realizada em 09 de Maio de 2021, em sua residência no Sítio Bom Jardim, município de Major Sales-RN.

das pessoas, não somente no cotidiano em suas casas, mas também no trabalho, como faz lembrar o Senhor Bebé:

No trabalho, trabalhava o dia todo na quarta-feira, mas na quinta-feira trabalhava até o meio dia e na sexta não trabalhava. Mas tinha o ritual que na sexta-feira era tão forte que ninguém nem tomar um banho tomava. E o jejum, no meu tempo de criança eu via mamãe e papai fazer, só bebia água, somente, não tomava nem café, e se tomasse o café era amargo.⁵

As obrigações religiosas eram tão ferrenhas nesse período, por volta de 1950, que durante o período de quarta-feira até a sexta-feira, além do trabalho ser condicionado aos dias e horários, tinham também algumas superstições, como relatada pelo Senhor Antônio Grosso:

Nessa época minha filha, se você furasse um pinhão, ele saía sangue. Eu comecei vendo tudo isso, no tempo do jejum você não podia cortar um pau que saía sangue, era diferente a coisa né, mas hoje em dia acabou, tem mais não.⁶

Segundo uma primeira perspectiva histórica, a dança de caboclos até a vinda do senhor José Berto, não existia, mas já era tradição a utilização da figura do Judas apenas para pedir esmolas e depois, no sábado de aleluia, ele ser “judiado” e desmembrado por quem quisesse participar. Esse ritual consistia em maltratar o boneco de diversas formas, pisotear, apedrejar, derrubar de locais alto, arrasta-lo por um jumento e por aí seguia.

Ainda sobre as práticas de crenças e rituais festividades da semana santa existente desde o início e que até hoje se mantem são as ações de esmolas, ou a prática de oferecer aos próximos algum tipo de alimento a troco de nada, apenas para auxiliar na alimentação de desjejum. Segundo o Senhor Bebé:

Ainda hoje eu estava falando com a minha esposa, sobre a religião de antigamente pra hoje. No dia de hoje a gente se preparava, já ali prontinho, em cima da mesa mamãe já preparava as esmolas pra esperar o pessoal que passava sempre pedindo esmola. O dia de hoje era sagrado, e amanhã onde tinha uma casinha pertinho de vizinho, amanhã era sagrado, era um menino

⁵ Trecho da entrevista oral concedida por Francisco de Assis Silva. 66 anos. Agricultor. Entrevista realizada em 01 de abril de 2021, em sua residência no município de Major Sales-RN.

⁶ Trecho da entrevista oral concedida por Antônio Otacílio da Silva. 77 anos. Agricultor. Entrevista realizada em 09 de Maio de 2021, em sua residência no Sítio Bom Jardim, município de Major Sales-RN.

indo deixar em fulano, outro ir deixar em ciclano, a esmola, tinha que deixar. Não era em troca de nada, mas os de lá também mandavam.⁷

Podemos notar que para ele ocorreram algumas mudanças das práticas religiosas de décadas atrás para hoje em dia. Com as transformações sofridas na nossa sociedade atual, muitos costumes acabaram por se modificar.

A partir da leitura das falar dos depoentes Senhor Bebé e Senhor Antônio Grosso notamos que umas das mudanças mais abruptas nas práticas vivenciadas nos períodos de Semana Santa foram, principalmente ao que diz respeito ao jejum. Segundo o senhor Antônio Grosso:

Era só aquela coisa, semana santa é semana santa, não tinha exagero de bebida que tem hoje em dia né. Hoje dia de semana santa o caba vai pra um bar, ai bebendo, comendo uma carne. Ninguém comia não, naquele dia de jejum, era dois, três dias de jejum, mas era só aquele jejum, o tempero que tinha num era carne de jeito nenhum, peixe, queijo e essas coisinhas moderna.⁸

Entre mudanças e permanências, uma das características principais que norteiam essa prática é a forma que ela é transmitida. As crianças desde seus primeiros meses de vida são apresentadas aos caboclos, justamente para evitar o estranhamento e afastar qualquer medo que possam sentir.

Enquanto para os mais velhos a lembrança da semana santa era e é encabeçada por rituais religiosos, costumes e práticas da Igreja Católica, para a geração mais jovem as lembranças mais antigas já incluíam suas interações com os caboclos. Conforme diz o depoente Tonyinho:

Desde pequeno, quando eu ia lá pra vó, que via as turmas fazendo as visitas, principalmente na sexta-feira santa, que a gente se reunia toda família e tinha as visitas das turmas, aí eles já incluía, a gente já começava a brincar com 6, 7 anos de idade. E daí a gente foi começando a interagir. Depois fomos criando a turma entre os primos, e comecei a participar todos os anos.⁹

Cada geração adota uma particularidade, uma essência, os mais velhos se ligavam a religiosidade, os mais jovens a brincadeira, a atratividade dos movimentos

⁷ Trecho da entrevista oral concedida por Francisco de Assis Silva. 66 anos. Agricultor. Entrevista realizada em 01 de Abril de 2021, em sua residência no município de Major Sales-RN.

⁸ Trecho da entrevista oral concedida por Antônio Otacílio da Silva. 77 anos. Agricultor. Entrevista realizada em 09 de Maio de 2021, em sua residência no Sítio Bom Jardim, município de Major Sales-RN.

⁹ Trecho da entrevista oral concedida por Antônio José da Rocha. 28 anos. Educador Físico. Entrevista realizada em 13 de Maio de 2021, em sua residência no município de Major Sales-RN.

e o divertimento que ele trazia consigo, e essas mudanças permanecerão acontecendo enquanto a cultura for perpassada.

Era fundamental associar as vestes às pessoas, apesar de usarem máscaras que poderiam assustar as crianças, os dançantes as retiravam e se apresentavam aos que temiam que não os fariam mal e que era alguém que a criança conhecia, ter em mente que por trás das máscaras habita um ou mais de seus entes queridos. Ao ser questionado sobre a cultura, se age de forma positiva na comunidade e a sua interação com os mais jovens, o Senhor Bebé respondeu:

As criancinhas hoje, é no bucho da mãe e já se estremecendo pra dançar caboclos (risos). Acho positivo que essa tradição é positiva aqui dentro de Major Sales. Apesar de ter gente que não gosta, mas né 100% não.¹⁰

Como podemos ver nas narrativas, a cultura de Caboclos é vivida de forma intensa na comunidade, desde os dançantes em seus arrastões, pois é nesse momento se juntam todas as turmas e público, onde fazem um desfile “arrastando” todos pelo centro da cidade, cantando e dançando as músicas típicas dos caboclos.

O tempo e o trabalho em que as mães e avós se dedicam preparando as fantasias de seus filhos e netos era típico do momento, relato isso com precisão, pois fez parte da minha infância todas essas vivências. Ajudar minha mãe a confeccionar a fantasia do meu irmão era uma das tarefas da semana santa, as vestes eram feitas com retalhos de roupas que não usávamos mais, confeccionávamos no período da tarde no final de semana que antecedia o período de dança, já que os brincantes começavam a dançar na segunda-feira.

3.2 O concurso de Danças dos Caboclos em Major Sales com novas propostas

Com o advento do concurso de Caboclos aconteceram mudanças na forma de tratar a dança, antes os brincantes iniciavam as apresentações a partir da segunda-feira, passavam de casa em casa dançando e pedindo as esmolas que dividiriam entre si e com a população mais carente. Após a invenção do concurso e as premiações existentes, os participantes tem que treinar a coreografia para não existir falhas, além

¹⁰ Trecho da entrevista oral concedida por Francisco de Assis Silva. 66 anos. Agricultor. Entrevista realizada em 01 de Abril de 2021, em sua residência no município de Major Sales-RN.

de dedicar tempo para confecção das roupas, estas e a coreografia tem que estar em perfeita sincronia, já que são requisitos da pontuação do concurso.

O concurso elevou a tradição a um novo patamar, com investimentos, propagandas, incentivos a comunidade em participar. Mas, com ele também vieram as mudanças no sentido de querer participar, a motivação maior não estava mais em brincar caboclo, e sim em ganhar o concurso e recebera quantia em dinheiro do prêmio.

De certa forma, é uma cultura de maior adesão masculina. Poucas equipes femininas participaram do concurso, atualmente, em 29 anos de concurso, apenas cerca de três equipes eram formadas por mulheres. Uma delas ocupando o espaço de 3º lugar em uma edição da competição.

3.3 Arrastões, o evento que antecede a competição dos Caboclos

Já nos arrastões de dança das equipes, as mulheres se fazem presentes, não apenas acompanhando as turmas, mas também fantasiadas dançando. Em sua maioria crianças e jovens, adultas é mais incomum.

Como dito, a dança é ensinada quase como um ritual sagrado em várias famílias, se não os pais, são primos ou tios, em sua maioria que os ensina. O senhor Bebé, por exemplo, aprendeu com familiares conforme o mesmo citou:

Eu aprendi a dançar caboclo com os meus primos, porquê meus primos mais velhos do que eu, ali na carrapateira, pertinho daqui também, foi lá onde eu comecei também. Eles aprenderam com meu avô¹¹.

O senhor Antônio Grosso ingressou muito jovem na dança, por já ter habilidades aptas para a representação, foi incentivado por familiares a praticar os movimentos. Segundo o mesmo:

Você sabe, ai agora vamos falar.. Eu comecei essa cultura de caboclo com a idade de 8 anos. Meus tios moravam no Bom Jardim aí, que era irmão da minha mãe, tinha um que era mestre de caboclo, se chamava Mané Painha, ai eu ia pra lá e vinha, brincava aqui de frente a Antônio Rocha. Era o mestre

¹¹ Trecho da entrevista oral concedida por Francisco de Assis Silva. 66 anos. Agricultor. Entrevista realizada em 01 de Abril de 2021, em sua residência no município de Major Sales-RN.

de caboclo mesmo, que isso aí era a dança antiga, aprendi essa dança antiga com eles lá.¹²

A dança antiga a qual o depoente se refere se trata da marcha, xote e baião, que segundo o mesmo, se difere da pisada atualmente usada pelos dançantes.

Conforme visto, os depoentes acima relataram ter aprendido a dança com seus parentes enquanto ainda eram bem jovens, crianças pra ser mais exata. Os jovens das gerações seguintes não ficaram por fora desse hábito. Tonyinho, o depoente mais jovem nos relata a essa tradição:

Aprendi como falei, com as outras turmas maiores quando era criança, eles iam pular lá em vó e a gente ia se incluindo no meio da turma e os caboclos mais experientes iam ensinando como era.¹³

A lembrança de aprender com os brincantes não isenta o papel fundamental da família em incentivar e apoiar a cada passo dado dentro da cultura. A maioria dos que chefiam as equipes entraram nesse meio cultural antes dos 10 anos, inicialmente como uma forma de diversão e com o passar do tempo foram notando a importância da representação.

3.4 A invenção dos Caboclos em semelhanças e diferenças de uma tradição religiosa

A Malhação do Judas, como é comumente chamada em outros locais do Brasil, emprega características distintas das que são usadas nos dias de hoje, como por exemplo o uso exclusivo do boneco do Judas e a sua fatídica “morte” no sábado de aleluia.

Em algumas regiões o boneco é revestido por roupas e nessas peças se é escondido dinheiro, e aqueles que tentam pegar acabam apanhando de pessoas que ficam responsáveis apenas por essa repreensão. No Sul, o costume é de personalizar o boneco como alguma figura de destaque no período, figuras negativas, sejam elas personagens de filmes e novelas ou até mesmo políticos. Como em todas as

¹² Trecho da entrevista oral concedida por Antônio Otacílio da Silva. 77 anos. Agricultor. Entrevista realizada em 09 de Maio de 2021, em sua residência no Sítio Bom Jardim, município de Major Sales-RN.

¹³ Trecho da entrevista oral concedida por Antônio José da Rocha. 28 anos. Educador Físico. Entrevista realizada em 13 de Maio de 2021, em sua residência no município de Major Sales-RN.

representações, no fim do sábado de aleluia o boneco personalizado de Judas é sacrificado de diversas maneiras.

Tendo tudo isso em vista, nos surgiu um questionamento acerca de como surgiram essas figuras de Caboclos em Major Sales, de onde veio a ideia, qual a serventia desses personagens e quando surgiram as primeiras “aparições” dessas figuras. Vejamos o que sobre isso nos diz os depoentes.

Até a década de 20 em Major Sales era comum acontecer a Malhação de Judas, o uso do boneco passando na vizinhança e arrecadando as esmolas. Mais ou menos a partir de 1924, com a chegada do senhor José Berto, o uso dos caboclos foi incrementado na apresentação segundo o relato do senhor Bebê, segue o diálogo:

Meu avô ele nasceu em 1888, no Seridó. Agora a gente não sabe exatamente onde foi que ele nasceu, papai não disse pra mim, talvez nem ele saiba. Com 16 anos ele veio embora pra cá, em 1904 ele chegou aqui nessa região, e quando ele chegou, ele já trazia, só que ele viu lá os índios dançar, agora nós não tamo sabendo qual era a tribo. Sei que papai contava que a dança ele aprendeu com os índios, só que os índios dançava de um jeito, e meu avô era um homem muito inteligente e viu os índios dançar e juntou com o judas que já trazia, e pensou em trazer os caboclos pra poder pedir esmolas pra sair mais esmola, porquê só com o judas saía pouca esmola e com os caboclo dançando tinha mais graça.¹⁴

Essa é a primeira corrente histórica que será relatada, entretanto, não é a única. A segunda perspectiva vem do Senhor Antônio Grosso, que ao ser perguntado como surgiram os caboclos deu o seguinte relato:

Partiu daí que eu to lhe dizendo, desse tio meu né. Ele fazia o Judas, naquele tempo não tinha caboclo. Botava o Judas no jumento e saía de casa em casa de noite, visitando aquelas casas, recebendo aquelas esmolas. [...]Ai depois acharam que o moderno mesmo era ter a dança do caboclo, ai começou. Os caboclo surgiu daqui mesmo, da cultura. Esse tio meu era também executor de dança, de tudo no mundo, sabe? Aquele “sabidoge” que tem né. Ai saiu na televisão, pegou isso aí, aqueles ano de fora né, aquela cultura que tinha fora que tinha, ai dali tiraram. Daqueles negócio que dançava com aquelas máscara lá, diferente, os índios, ai daí começou. Os caba começou a treinar daquilo logo.¹⁵

É importante frisar que em ambos os relatos tem pontos discrepantes e quase impossíveis de serem vistos por outras fontes. O primeiro caso, o Senhor Bebê relata a observação de índios nativos dançando na região do Seridó, aqui no Rio Grande do

¹⁴Trecho da entrevista oral concedida por Francisco de Assis Silva. 66 anos. Agricultor. Entrevista realizada em 01 de Abril de 2021, em sua residência no município de Major Sales-RN.

¹⁵ Trecho da entrevista oral concedida por Antônio Otacílio da Silva. 77 anos. Agricultor. Entrevista realizada em 09 de Maio de 2021, em sua residência no Sítio Bom Jardim, município de Major Sales-RN.

Norte, e a partir daí a inspiração para a prática atual. Porém, o problema está em não saber qual a região específica do Seridó, qual a tribo indígena, e principalmente, não ter outros dançantes da época que ainda estivessem vivos para contar mais sobre essa história.

Mas podemos notar que enquanto o Senhor Antônio Grosso narra a também inspiração nas práticas indígenas, e culturais de outras regiões, como Rio Grande do Sul, porém, só foram observadas por imagens na TV. Esse segundo caso me causou maior inquietação, visto que a TV no Brasil só teve sua primeira transmissão em 1950, além de ser um artigo de luxo, objeto que um simples trabalhador rural não teria acesso. Assim como é preciso pensar sobre a eletricidade, sua inexistência na região durante a época. Em meados de 1950 Major Sales ainda era um sítio, então sendo assim a eletricidade ainda não havia chegado à região, assim constatamos algumas incoerências que podemos considerar, procurar os elos do que queria ser dito, principalmente por vir de uma cultura oral, que advém principalmente da memória.

A oralidade é um dos fatores mais importantes nessa cultura, visto que a maior parte dos acontecimentos não são datados ou registrados, eles vivem e se espalham a partir das memórias de seus viventes. Segundo relatos dos familiares do senhor José Berto, apesar de ter trazido esse novo elemento, não conseguiu de cara a grande aceitação dos homens locais, visto que era necessário um certo empenho para confeccionar os trajes, além de precisar pegar os passos, ou como chamam os brincantes: “a pisada do caboclo”.

Por se tratar de um período onde não existia as facilidades de locomoções modernas de hoje (2021) e onde as pessoas viviam em sítios e se locomoviam usando animais em carroças, ou bicicletas, e até mesmo a pé para comunidade um pouco distantes, portanto, a criação dos primeiros grupos tivera obstáculos. Sendo um deles o fato de que a maior parte dos homens que residiam no mesmo sítio não aceitavam em sua maioria participar dos grupos, ou não tinham resistência e habilidade de dança. Em Segundo, os que resolviam participar viviam em sítios mais distantes. Esses obstáculos até hoje são visíveis, não pela dificuldade de locomoção, mas pelo fato de não encontrar com facilidade por perto todos os integrantes da equipe, é muito comum utilizar caboclos de até mesmo outras cidades para completar o grupo.

Perante todas as dificuldades existentes, podemos questionar quais os motivos ou razões que fazia as pessoas se envolverem nessa empreitada. Tanto aqueles que participavam dançando, quanto aos que tomavam frente da festa pós apresentação realizada no sábado de aleluia. Conforme o senhor Bebé, o que o motivava a dançar seria:

Eu saía sozinho pra ir pra lá, o que que acontecia, eu ia lutar a semana toda, mas sabendo que no sábado de aleluia eu podia levar minha família pra festa. Era a alegria daquele tempo, a alegria nossa era isso aí. Era brincar a semana inteira pra no final participar da matança de judas. A matança do judas sempre teve a festa, o forró pé de serra, o forró de latada.¹⁶

Com o passar dos anos, as motivações para participar da dança acabaram se modificando, principalmente por nos dias de hoje não existe mais o mesmo tipo de festa familiar e tradicional que ocorria nas décadas de 50 a 90. É importante entender qual a motivação dos jovens atuais de participar dessa cultura e dança que exigem tanto desempenho corporal. Tonymho explica:

Mais pelo estímulo local, todo mundo se envolve muito, é um período onde a população se envolve bastante, principalmente aqui em Major Sales, crianças, jovens, adolescentes, adultos, tipo, não tem faixa etária, praticamente todo majorsalense já espera por essa semana.¹⁷

Talvez seja devido a essa apresentação tão precoce a cultura que os residentes da cidade acabem se interessando desde tão jovens, a continuidade na tradição é explicada pelo apego as raízes que eles adquirem o hábito de ter, afinal, não são muitas as cidades que valorizam tanto a cultura local que lá existe.

3.5 A malhação de Judas em Major Sales, um caso de Tradição

Como dito em outros momentos, o ato de malhar o boneco do Judas distingue-se muito entre as regiões e seus praticantes. O que as vezes surpreende o público é a forma truculenta como o boneco é “assassinado”, e nos leva a questionar a motivação da violência, se ela parte de maneira individual, se é em consenso coletivo, e principalmente, a motivação do que poderíamos considerar um ato de barbárie.

¹⁶ Trecho da entrevista oral concedida por Francisco de Assis Silva. 66 anos. Agricultor. Entrevista realizada em 01 de Abril de 2021, em sua residência no município de Major Sales-RN.

¹⁷ Trecho da entrevista oral concedida por Antônio José da Rocha. 28 anos. Educador Físico. Entrevista realizada em 13 de Maio de 2021, em sua residência no município de Major Sales-RN.

Essa tradição cultural que se consolidou, acaba por ser uma tradição cristã. Visando isso, ela é totalmente voltada para a semana em que acontecia o sacrifício de Jesus Cristo e a sua ressurreição. Judas foi o responsável pela traição que sucedeu na morte de Cristo, logo após o ato traidor, Judas suicidou-se por meio do enforcamento. Por não aguentar a culpa da traição por 30 moedas de prata, Judas cometeu o auto sacrifício durante essa mesma semana santa.

Como uma forma de se vingar do traidor, os fiéis passaram a subjugar um boneco intitulado de Judas, o infringindo a dor, humilhação e morte. Em lugares como em Major Sales, o boneco é realmente a encenação e representação do apóstolo de Cristo, já em outras regiões como já visto, empregam a imagem de um personagem fictício das novelas ou então algum político corrupto.

Devido a esses questionamentos, saber a opinião dos dançantes é extremamente necessário, entender o cenário atual e qual a maneira que lidam com essa representação. Para o senhor Bebé o significado é:

O significado, já teve muitos que perguntaram e cada vez que vem um perguntar eu sempre digo uma coisa, sempre vem mais coisa pra mim falar porquê a matança do Judas desde que eu vi meu pai falar que meu avô fazia, a matança do judas era vingando. Já que colocaram o nome de Judas, era vingando a traição, ele num traiu Jesus? Então a semana santa vem junto com o judas. Antigamente muitas região não tinha caboclo, tinha só o Judas, ainda hoje tem só ele, não tem caboclos. Então eles faziam isso de pedir esmolas com o judas pra depois afuzilar ele, porquê fazia a vingança. Só que não era na intenção de maldade, porquê a intenção de maldade é numa pessoa e não num boneco de pano.¹⁸

Não existe ambiguidade no sentido de malhar o Judas, o depoente Antônio Grosso expõe na sua fala o sentido da prática:

É semana santa, tinha aquela, num judiaram com Jesus? Então tinha a mesma coisa, de pegar o Judas pra judiar, foi isso aí quando começou.¹⁹

Prosseguindo com a entrevista, vários aspectos da representação cristã da morte do Judas também foram mantidos na dança. Podemos notar em todo tipo de representação cultural que mesmo com o desenvolvimento das sociedades sempre haverá as permanências. Continuando com o entrevistado, Bebé:

¹⁸ Trecho da entrevista oral concedida por Francisco de Assis Silva. 66 anos. Agricultor. Entrevista realizada em 01 de Abril de 2021, em sua residência no município de Major Sales-RN.

¹⁹ Trecho da entrevista oral concedida por Antônio Otacílio da Silva. 77 anos. Agricultor. Entrevista realizada em 09 de Maio de 2021, em sua residência no Sítio Bom Jardim, município de Major Sales-RN.

Eu sempre falo isso aí, o Judas é um boneco de pano. O que eu conheço bem, que papai contava que meu avô dizia que era pra vingar, somente isso. Ele foi traidor, é tanto que eles num rasgaram a veste de Jesus? Aí faz com o Judas. Ele morreu enforcado, ficou pendurado, então tem tudo a ver.²⁰

Apesar de terem sido mantidos vários aspectos das primeiras apresentações e seu sentido, isso não significa que para alguns, os valores não tenham sido modificados. Após a criação do concurso, segundo o Senhor Antônio Grosso muita coisa mudou e o interesse era outro:

[...] Pode ver, mudou mais do centro, pro que era de antigamente. Olhe, Major Sales começou a formar uma turma, aí ficava a turma. Quando começou essa cultura lá, Dr Pio botou pra fazer a cultura lá em Major Sales, pra se apresentar lá. O povo ficou interessado no dinheiro né, aí pegou e ficou fazendo turma de tudo que era jeito, encheu mesmo. Mas era aquela ganancia, pra ganhar dinheiro.²¹

O que antes se tratava de uma tradição e comemoração da ressurreição de Cristo, e vingança com o traidor, Judas agora se tratava de um evento comercial onde o principal objetivo não era a dança pela dança, mas a monetização envolvida no ato de apresentação desta. Essa mudança que ele se refere aconteceu principalmente na cidade.

Mesmo com o desenvolvimento da sociedade, suas tecnologias e novos brincantes, o motivo de malhar o Judas até hoje não modificou seu sentido, talvez só o seu interesse, não mais movido de forma inocente buscando participar do evento, mas sim visando a recompensa criada junto ao concurso.

Por seguir o calendário cristão, por todo contexto social e econômico da década de 1920 a 1990, principalmente por que a cultura em si não era tão importante como é atualmente, então essa representação cultural só acontecia uma vez por ano. Mestre Bebê explica o porquê:

Só acontecia uma vez por ano, acredita? Se falasse em caboclo fora da época vixemaria, o povo num falava não. Num tinha onde a gente brincar, não tinha ninguém que procurasse, o povo não se interessava por aquilo não, a parte da cultura era apagada naquele tempo, veio mesmo mudar de 92 pra cá.²²

²⁰ Trecho da entrevista oral concedida por Francisco de Assis Silva. 66 anos. Agricultor. Entrevista realizada em 01 de Abril de 2021, em sua residência no município de Major Sales-RN.

²¹ Trecho da entrevista oral concedida por Antônio Otacílio da Silva. 77 anos. Agricultor. Entrevista realizada em 09 de Maio de 2021, em sua residência no Sítio Bom Jardim, município de Major Sales-RN.

²² Trecho da entrevista oral concedida por Francisco de Assis Silva. 66 anos. Agricultor. Entrevista realizada em 01 de Abril de 2021, em sua residência no município de Major Sales-RN.

Tendo como destaque a economia, por se tratar de uma população em sua maioria formada por agricultores, com grandes famílias e sem muito recursos, era necessário um longo período de preparação física e financeira, já que além das esmoladas arrecadadas, os chefes de equipes geralmente completavam aquilo que estava em menor quantidade.

Enquanto nos anos iniciais da tradição ela só ocorria uma vez por ano, principalmente devido as condições financeiras dos brincantes e população em geral, há uns anos atrás e até hoje, a representação ocorre várias vezes no ano, não só na cidade, mas em eventos vizinhos. Segue o relato de Tonyinho:

Geralmente anual, principalmente na semana santa, é onde se dá mais ênfase, tanto que aqui em diversos momentos do ano vemos muitas manifestações, apresentações de caboclos, viagens. Mas, a ênfase mesmo é no período da semana santa.²³

O evento principal, de antigamente ou nos dias de hoje permanece sendo a Malhação do Judas, e para esse evento é necessária uma maior ênfase e preparação, seja na confecção do boneco ou na preparação do local onde o malhariam.

Matar o Judas era um evento, e este precisava ser planejado pra na hora da realização nada dar errado. Não tinha quantidade máxima para participar da sua morte, quem quisesse poderia levar sua espingarda e atirar junto a todos. De acordo com Bebê:

Tu quer saber, no meu tempo que começou lá na carrapateira era muito controlado, sabe?!, quem morava mais perto chegava aquele horário, já ficava todo mundo já se preparando. Um ia no mato cortar a madeira, que era uma aspa de aroeira, bem alta. Outros se preparando em carregar as espingardas porquê tinha que ter muitas espingardas. E outros se preparando, um cavando um buraco. Eu sei que era em grupos, sempre foi em grupo.²⁴

Mas, apesar de se tratar de uma prática cultural realizada em um território pequeno de uma mesma região, a prática de matar o Judas não era compartilhada integralmente por todos na hora da sua idealização. No grupo do Senhor Antônio Grosso era assim que ocorria:

²³ Trecho da entrevista oral concedida por Antônio José da Rocha. 28 anos. Educador Físico. Entrevista realizada em 13 de Maio de 2021, em sua residência no município de Major Sales-RN.

²⁴ Trecho da entrevista oral concedida por Francisco de Assis Silva. 66 anos. Agricultor. Entrevista realizada em 01 de Abril de 2021, em sua residência no município de Major Sales-RN.

[...]Tinha um certo mesmo. Um, dois que organizava e já sabia o que ia acontecer mesmo.²⁵

Depois de formada a cidade, por volta dos anos 2000, a tradição de reunir os vizinhos e malhar o Judas se manteve por gerações, substituindo os “terreiros” dos sítios pelas ruas da cidade. Relato do depoente Tonyinho:

Na matança do Judas, o elemento que é o principal, é um momento de todos, todos devem participar da matança dele. Na origem mesmo dos caboclos, no começo, antes do concurso em si, muitas turmas tinham a tradição de fazer a matança de Judas no domingo, reunia a população em geral, pendurava o Judas em um local mais alto e todo mundo atirava pedra, atirava de espingarda pra poder derrubar o Judas e fazer a matança.²⁶

A morte do boneco não era a principal atração da noite, durante décadas as pessoas participavam da brincadeira sem nenhum intuito de disputas. O número de equipes brincantes era menor devido a dificuldade de encontrar caboclos para dançar.

Se malhar o Judas não era a principal atração, então qual seria? Segundo os brincantes mais velhos, o auge do sábado de aleluia era a festa que acontecia após a malhação do boneco. O forró em que eles podiam levar os familiares e curtir a brincadeira de comes, bebes e muita música até o dia amanhecer. O Senhor Bebé relata:

[...]porquê antigamente não tinha o concurso, o concurso era o que? Era matar o judas pra ir dançar o forró, comer festa, partia o que sobrava. Naquele tempo só partia o que sobrava, tinha história não, partia o que sobrava. Tirava arroz, muito arroz, arroz em casca, ia chegando o arroz em casca e as mulher começava logo a tirar, preparando pra festa do sábado de aleluia. E amanhecia o dia matando as galinhas, capote, o que tivesse. Eu sei que tinha casa de chefe de caboclo que se a mistura era pouca que tirou, as esmola de galinha, mas em casa tinha né, no chiqueiro, que ele já se preparava e já botava. A festa era grande, era grande.²⁷

A festa feita no sábado de aleluia era a união da praticidade e da vontade de comemorar a vitória de Cristo, conforme o passar dos anos e, principalmente pela criação do concurso, a festa tomou outro rumo, passaram a ser festas com várias

²⁵ Trecho da entrevista oral concedida por Antônio Otacílio da Silva. 77 anos. Agricultor. Entrevista realizada em 09 de Maio de 2021, em sua residência no Sítio Bom Jardim, município de Major Sales-RN.

²⁶ Trecho da entrevista oral concedida por Antônio José da Rocha. 28 anos. Educador Físico. Entrevista realizada em 13 de Maio de 2021, em sua residência no município de Major Sales-RN.

²⁷ Trecho da entrevista oral concedida por Francisco de Assis Silva. 66 anos. Agricultor. Entrevista realizada em 01 de Abril de 2021, em sua residência no município de Major Sales-RN.

atrações musicais famosas e o principal intuito era atrair em maior quantidade o público, gerando assim uma monetização maior do evento.

Praticidade devido a já aproveitar a estadia dos caboclos no local e não precisar de uma nova locomoção, visto que ela não era tão simples naquela época. Parte a experiencia do senhor Antônio Grosso:

Matava o Judas no sábado né, aí eu até dizia pra Maria que ia aproveitar logo os caboclo pra fazer a festa, pra não precisar mais trabalho pro domingo de pascoa né? Aí fazia no sábado mesmo, vinha o povo de fora pra ver como era aqui. Fazia no meu terreiro.²⁸

Enquanto ocorria a malhação do boneco, as mulheres ficavam em casa organizando as esmoladas adquiridas durante os dias de arrastão, ou seja, durante a semana os brincantes visitavam outros sítios e dançavam em troca de alimentos, estes que eram dos mais variados, de cereais a animais vivos.

Essa festa atraía não somente os residentes do sítio em que era realizada, mas pessoas de vilas e cidades próximas, era o costume chamar os vizinhos para brincarem na matança do Judas, ou seja, não era restrito aos brincantes e seus familiares. Como veremos na fala do Senhor Bebê:

Vinha gente distante, lá de cima da serra, vinha gente lá de Major Felipe, lá da Suçuarana, da Fazenda Nova, e juntava era muita gente.²⁹

Outro aspecto interessante é que em algumas das festas, além de trajarem o Judas para o sacrifício, também colocavam em suas roupas uma certa quantia em dinheiro, na época contos de réis. E então, depois de abatido, as pessoas podiam procurar em suas roupas para tentar encontrar o máximo de dinheiro que conseguissem. Essa alternativa não é mais usada nos dias de hoje, tanto também como a festa nesse nível familiar. Com a chegada do concurso algumas coisas se transformaram, a festa virou um evento regional de grande destaque da comunidade. É importante frisar que essas histórias são repassadas através da oralidade e

²⁸ Trecho da entrevista oral concedida por Antônio Otacílio da Silva. 77 anos. Agricultor. Entrevista realizada em 09 de Maio de 2021, em sua residência no Sítio Bom Jardim, município de Major Sales-RN.

²⁹ Trecho da entrevista oral concedida por Francisco de Assis Silva. 66 anos. Agricultor. Entrevista realizada em 01 de Abril de 2021, em sua residência no município de Major Sales-RN.

memória, a escrita sobre o assunto é muito recente e a inexistência de fontes escritas ou que diferem das informações atuais também não são do conhecimento popular.

3.6 Personagens dos Caboclos de Major Sales: Judas, Caboclos, Velha/Velho

Conforme observamos até agora, o personagem principal da dança é o Judas e conforme o tempo foi passando começaram a incrementar novos elementos. O intuito para uns era estimular a arrecadação de mais esmolas, enquanto para outros era se “modernizar” na cultura.

O primeiro personagem adicionado a representação, acabou roubando até mesmo a cena de destaque que se direcionava ao Judas. Os caboclos são representados pelas vestes bem elaboradas, as máscaras cheias de adereços para chamar a maior atenção possível, e claro, pela dança típica, a pisada dos caboclos.

A pisada dos caboclos é marcada pela forte demarcação no território, pisar forte no chão a cada movimento ocasionando assim um barulho e certo tremor quando feito em conjunto. As vestes, feitas de retalhos para dançar nas ruas se diferem das usadas no concurso, pois precisam de maior elaboração e não podem ser vistas até o momento de entrar na arena de competição. São usadas também roupas do concurso anterior, já que não serão reutilizadas.

As histórias por trás do personagem Judas e dos Caboclos já foram aqui mencionadas, mas um último personagem da tradição de Major Sales é a “Velhinha”, geralmente interpretada por aqueles brincantes mais destemidos e que lidam melhor com o público, como a dos Caboclos, o surgimento da mesma é cheio de lacunas e divergências.

Todas as tradições são inventadas e condicionadas ao seu tempo e seus adeptos, Major Sales não seria exceção dessa regra. Independentemente de quando, onde e por quem a Velhinha foi criada, ela permanece por décadas na tradição, seja dentro ou fora do concurso.

Duas correntes tentam explicar o surgimento deste personagem, nomear qual a correta não é a minha intenção, mas sim analisar as informações que obtive a partir das entrevistas. Conforme a primeira, contada pelo senhor Bebé:

Antigamente eles andavam com a velhinha buchuda que era pra pedir mais esmolas, pra poder sair mais cascalho. A velhinha era pidona, botava ela pra pedir. Por que os caboclos dançando, as vezes não pedia como a velhinha pedia, aí a velhinha ficava no pé da porta. Cansei de ver lá na Betânia, quando chegava as turmas lá, a velhinha chegava nas portas e enquanto não desse mais ela não parava. Chegava dando uma bacia de feijão e ela pedindo uma rapadura, aí a pessoa dava, aí ela pedia dois ovo e assim ia. Era pidona, as velhinha pidona era a alegria das turmas. Pra pedir esmola era as véa. Foi feita pra pedir, foi inventada pra pedir.³⁰

Todas as inovações empregadas na tradição geravam propositalmente ou não, uma arrecadação maior nas doações. A utilização de novos elementos gerava uma interação maior com o público e maior divertimento.

O papel da velhinha é divertir durante a dança dos caboclos, ela também entra na roda para dançar, mas também é a personagem que pode sair da roda de dançar e pedir esmolas nas portas onde a turma está dançando. Enquanto para o senhor Antônio Grosso, a personagem surgiu conforme o trecho:

A veinha, sabe pra que servia a véa? Quando saiu a cultura no mundo, no Brasil todo quando saiu, no Rio Grande do Sul, aé pegou vindo na televisão saindo aquela turma com aqueles vestido de veia, sabe. O povo até perguntava se era uma mulher mesmo no meio, mas era um homem. Era da cultura mesmo, saiu o boi, o Jaraguá, tudo saindo já, a cultura de lá era diferente da nossa, daí que surgiu a cultura da veia entrar também.³¹

Como podemos perceber, só existe uma concordância no uso do Judas, da sua representação e surgimento. Quanto aos demais personagens e sua adição na cultura, não há um consenso de onde, quando, como e quem criou.

Além da Velhinha, aparentemente havia há alguns anos o personagem do Velho, provavelmente uma invenção mais recente, visto que não foi mencionado por nenhum dos praticantes mais antigos. Seu surgimento e quem o criou não é de conhecimento do depoente, mas Tonyinho relata a sua função:

Nos caboclos o principal personagem além dos caboclos e do Judas, é a Velha, também era utilizado muito o Velho, como se fosse formar o casal do velho e da velha que eram os responsáveis por pedir as esmolas e pedir permissão pra pular na casa. Por exemplo, a velha ia na frente da turma e pedia permissão ao dono da casa pra poder pular e era quem fazia a

³⁰ Trecho da entrevista oral concedida por Francisco de Assis Silva. 66 anos. Agricultor. Entrevista realizada em 01 de Abril de 2021, em sua residência no município de Major Sales-RN.

³¹ Trecho da entrevista oral concedida por Antônio Otacílio da Silva. 77 anos. Agricultor. Entrevista realizada em 09 de Maio de 2021, em sua residência no Sítio Bom Jardim, município de Major Sales-RN.

animação da turma, que chamava mais atenção, a animação do velho e da velha durante a dança dos caboclos.³²

A continuidade desse personagem na equipe do depoente não ocorre mais, e se existe em outras equipes ele não soube informar. O interessante é notar a pluralidades de novos elementos que são testados e por vezes não conseguem se firmar na representação.

Assim como os Caboclos e a Velhinha, o Velho era um novo elemento que poderia agregar valor as equipes, ao enredo da apresentação e gerar mais entretenimento na dança, mas por algum motivo ele não deu continuidade.

3.7 As Esmolas na Semana Santa em Major Sales como forma de pagamento

A prática de dar ou trocar esmolos durante a Semana Santa é uma prática muito antiga e respeitada por boa parte dos católicos. Repassada por gerações, devido ser também uma tradição da religião católica, é comum durante esse período do ano ver os vizinhos trocando alimentos entre si. Tinham por objetivo ajudar na alimentação daquele que as recebia, alimentar aquela família no desjejum de sexta-feira. Geralmente as esmolos são distribuídas na quinta-feira, essa prática é mais comum entre os mais velhos, principalmente o jejum que é imposto.

As esmolos se encaixam contexto da tradição de malhar o Judas, visto que ambos estavam associados pela data e simbologia. O objetivo das esmolos na dança é que permanece sendo algo incerto, existem duas vertentes que relatam um início que se difere entre si. A primeira versão contada pelo senhor Antônio Grosso diz:

As esmolos era a mesma coisa do jejum da gente, num tinha muita gente que saía de casa em casa pedindo as esmolos pra jejuar, num tem? É a mesma coisa, foi onde surgiu a dos caboclos também, caboclo é Judas, mas é do lado de Deus.³³

Realizando a análise da fala, podemos constatar a correlação do período com a prática de pedir esmolos, só não houve uma justificativa mais detalhada a respeito

³² Trecho da entrevista oral concedida por Antônio José da Rocha. 28 anos. Educador Físico. Entrevista realizada em 13 de Maio de 2021, em sua residência no município de Major Sales-RN.

³³ Trecho da entrevista oral concedida por Antônio Otacilio da Silva. 77 anos. Agricultor. Entrevista realizada em 09 de Maio de 2021, em sua residência no Sítio Bom Jardim, município de Major Sales-RN.

do personagem Judas efetuar o pedido. Essa prática benevolente existia principalmente para livrar o corpo e alma de más energias. A tríade da semana santa é a Oração, o Jejum e as Esmolas. O último não era no sentido de se desfazer de sobras, do que não servia, e sim se livrar da ganância e avareza. Quanto ao seu surgimento na cultura de caboclos, o depoente Bebé relata outra versão:

O significado da esmola era pra festa da malhação do judas, que não chamava malhação, chamava matança. A esmola foi a primeira coisa que surgiu nesse negócio todo do judas, eu disse no início a você, ele começou só com o judas, mas pedindo a esmola, pra que? Pra fazer a festa, pra matar o judas. Papai dizia que vovô dizia que lá no Seridó usava só o judas, mas quando chego aqui ele não fez isso aí, ele começou logo com os caboclos. Então vai ser preciso pessoal, nós tirar mais esmolos porquê agora cresceu, num é só um que vai andar com o judas pedindo esmola, e depois que tirar aquela quantidade de esmola vai fazer a festa, e cada caboclo leva dois, três de sua casa, de sua família. Era bom que era uma forma de unir os familiares. Tinha também aqueles bem pobrezinhos que não tinha como tirar de casa pra ajudar, não podia tirar do trabalho, aí tinha que tirar pra essas pessoas aquelas esmolos, pra ajudar dentro de casa aquelas pessoas que não tinha nada.³⁴

Enquanto nos anos iniciais da dança, as esmolos eram usadas para alimentar os que participavam da festa e a outra parte era destinada aos integrantes mais necessitados dos grupos, nos dias de hoje o último ato não é diferente. Como não existe mais a festa familiar pós matança, era necessário encontrar um destino para essas esmas. Segundo Tonyinho o chefe da turma Os Canarinhos:

Antigamente eles pediam as esmolos pra fazer a festa, pra distribuir entre os caboclos mais pobres, mais carentes. Então, na nossa turma desde a época que começamos a brincar a gente tinha mais esse sentido, de fazer a arrecadação pra poder repassar tanto pros nossos caboclos mais carentes, como também pessoas da população com mais necessidade. Esse era nosso objetivo de arrecadar alimentos.³⁵

Podemos considerar todas as falas já que trabalhar com a memória nos exige como pesquisadores uma necessidade de imparcialidade, não podemos ser tendenciosos nas nossas interpretações por gostar ou acreditar mais de depoente A ou B, ou de gostar mais da versão de um do que do outro.

Outro grande obstáculo é a falta de datação dos acontecimentos, a nossa memória de forma involuntária acaba nos sabotando, de forma positiva ou negativa.

³⁴ Trecho da entrevista oral concedida por Francisco de Assis Silva. 66 anos. Agricultor. Entrevista realizada em 01 de Abril de 2021, em sua residência no município de Major Sales-RN.

³⁵ Trecho da entrevista oral concedida por Antônio José da Rocha. 28 anos. Educador Físico. Entrevista realizada em 13 de Maio de 2021, em sua residência no município de Major Sales-RN.

Nossas memórias de eventos podem facilmente serem modificadas para melhorar a versão de fatos e acontecimentos, o que sempre pode ser objeto de outros estudos.

3.8 As Músicas de Caboclos em Major Sales como parte da tradição

A relação da dança dos caboclos em Major Sales com a música é indiscutível e indissociável, é até ilógico você imaginar uma dança sem que tenha um toque musical. A música sempre esteve presente nessa tradição, fosse apenas o Judas ou já com a introdução dos outros personagens.

A escolha das músicas variava muito entre os grupos, alguns destes grupos tinham componentes com habilidade para compor as canções. Já em outras, os instrumentistas e o próprio cantor que ditavam as canções a serem dançadas. Em conversa com Bebê:

Uma história, em apoio ao concurso, adicionando os elementos e adereços nela.³⁶

Nesse trecho específico, o depoente se refere principalmente no contexto do concurso, mas a prática de compor as músicas com os elementos encontrados nas fantasias antecedem o concurso. Outro depoente, Tonyinho, chefe de outra equipe, relata os elementos que deveriam haver nas letas:

Elas sempre são específicas, são relacionadas a cultura, sempre botado em ênfase a pisada, os instrumentos, a vestimenta. Todas as músicas são pensadas e trabalhadas com o que está acontecendo no momento, sempre relatando.³⁷

Além dos personagens adicionais que o intuito era conseguir um maior recebimento de esmolas, as músicas também deveriam entreter e causar interesse nas pessoas, conseqüentemente estimularia a arrecadação das esmolas. A música é de fato muito importante para a dança, mas a forma de dançar é tão importante quanto. Os ritmos musicais são os principais difusores nessa cultura, existem alguns ritmos adotados pelos dançantes, não apenas aquele “pisar”. Segue o relato do depoente Antônio Grosso:

³⁶ Trecho da entrevista oral concedida por Francisco de Assis Silva. 66 anos. Agricultor. Entrevista realizada em 01 de Abril de 2021, em sua residência no município de Major Sales-RN.

³⁷ Trecho da entrevista oral concedida por Antônio José da Rocha. 28 anos. Educador Físico. Entrevista realizada em 13 de Maio de 2021, em sua residência no município de Major Sales-RN.

O caboclo que aprende a dançar tudo, eu danço tudo. A primeira dança é a marcha, aí depois é no xote. O xote alivia tudo, é manejo de ir, a pessoa vai só no molejo.³⁸

3.9 O Concurso de Caboclos como agente transformador na tradição cultural em Major Sales

Iniciado na década de 90, o Concurso de Caboclos reunia os brincantes dos sítios vizinhos, ainda quando Major Sales não passava de uma vila. Surgiu como uma brincadeira, uma forma de reunir as equipes e gerar um entretenimento coletivo, onde no final da noite do sábado de aleluia acontecia a festa para todos os presentes. Até então, as festas eram feitas em vários pontos diferentes, geralmente nas casas dos chefes das equipes brincantes. Com o desenvolvimento da localidade e o interesse frequente na cultura, houve a iniciativa de reunir os brincantes num único ponto e lá escolhiam as equipes que melhor brincavam.

Neste ano de 2021 completariam 31 anos de concurso, mas devido a pandemia já é o segundo ano consecutivo que ele não acontece. Somando com a tradição, já temos mais de 100 anos de realização da brincadeira. Dr Pio X Fernandes, médico, político e pertencente de uma das famílias mais tradicionais de Luís Gomes e Major Sales. Pôr na época Major Sales ainda pertencer a Luís Gomes, o médico exercia e ainda exerce grande influência na cidade.

Devido a essa influência e por ter uma casa de veraneio no sítio São Miguel, que faz parte do território da antiga vila Cavas, atraía muitas pessoas de outras cidades e estados, para entreter essas visitas no período de semana santa, ele passou a convidar os grupos de caboclos para dançarem no seu quintal, a partir daí surgiu a ideia de propor o concurso. De acordo com Bebé:

Olhe, essa história aí ela começou assim, por que as turmas de caboclo sabendo que lá em Dr pio, no são Miguel, vinha gente de Fortaleza, vinha gente do Piauí, vinha gente de João Pessoa, vinha pra lá passar a semana lá, aí tudo tinha cascalho. Começaram a ir e dizia: “a turma de fulano vem com tanto, a turma de ciclano vem com tanto”. Aí então devido a isso se ajuntava os grupos lá. No primeiro ano que aconteceu isso lá no são Miguel, que no histórico tá que o primeiro concurso e o segundo foi no são Miguel ne. Eles viram, era as quatro turmas que brincou lá, nesse primeiro foi quatro

³⁸ Trecho da entrevista oral concedida por Antônio Otacílio da Silva. 77 anos. Agricultor. Entrevista realizada em 09 de Maio de 2021, em sua residência no Sítio Bom Jardim, município de Major Sales-RN.

turmas, no segundo já foi cinco. Agora no terceiro ano, que foi em 93 foi que foi lá no mercado, foi quatro ou foi cinco, não lembro quantas turmas foi em 93, eu sei que lá começou os dois anos lá no São Miguel, a da fazenda nova, duas daqui de Major Sales, outra lá do baixio e a de Antônio Grosso.³⁹

Com o passar do tempo e a constatação que a cultura local poderia ser algo melhor trabalhado e valorizado, iniciaram-se os trabalhos para fazer da cultura um atrativo para a cidade que se formaria em poucos anos. Aqueles que brincavam já sabiam do valor que a representação carregava, faltava só uma maior valorização e investimento dos órgãos públicos, visto que todo trabalho até então era custeado pelos próprios brincantes. Continuando a fala de Bebê:

Começou devido a isso, Dr Pio incentivou, ele teve essa iniciativa de fazer o concurso a partir da casa dele, porquê lá era onde ele tava vendo a junção de grupos. Se ajuntava lá no São Miguel, na casa dele e daí ele foi vendo que ia ser preciso fazer um concurso num lugar maior, fez no mercado que naquele tempo era chamado de barracão, aí daí não parou mais, né.⁴⁰

Não demorou muito para o investimento financeiro nas equipes e na cultura local começarem a surgir. A criação da secretária de cultura foi o marco divisor de águas para a valorização da dança de caboclos como cultura local, junto a ela outras representações ganharam forças, como o Rei de Congo, mas o carro chefe é sem dúvidas, Os Caboclos. A respeito desse investimento, o senhor Antônio Grosso comenta:

[...]Aí tem Maria Carlos né, que trouxe essa cultura de lá e fez até um projeto né, pros caboclo. Nesse tempo foi feito um projeto pra eu e pros outros chefes de turmas também.⁴¹

Os investimentos não ficaram apenas na melhoria das vestes das equipes, ou no custeio de apresentações fora da cidade, até mesmo em outros estados. Além dos caboclos e o concurso, também foi criado um evento em torno dessa representação cultural.

³⁹ Trecho da entrevista oral concedida por Francisco de Assis Silva. 66 anos. Agricultor. Entrevista realizada em 01 de Abril de 2021, em sua residência no município de Major Sales-RN.

⁴⁰ Trecho da entrevista oral concedida por Francisco de Assis Silva. 66 anos. Agricultor. Entrevista realizada em 01 de Abril de 2021, em sua residência no município de Major Sales-RN.

⁴¹ Trecho da entrevista oral concedida por Antônio Otacílio da Silva. 77 anos. Agricultor. Entrevista realizada em 09 de Maio de 2021, em sua residência no Sítio Bom Jardim, município de Major Sales-RN.

Os mais jovens não têm como se recordarem do período de criação do concurso, mas com certeza observaram e fizeram parte do processo de mudança do mesmo. No relato do depoente Tonyinho diz:

O concurso quando ele surgiu, na verdade eu não vou ter lembrança por que foi um ano antes do meu nascimento, mas eu pude acompanhar grande parte do processo de evolução, acredito eu que tenha feito até parte desse processo de evolução, quando eu passei a ser chefe de tudo.⁴²

A tradicional Festa dos Caboclos como é mais conhecida, até alguns anos atrás acontecia somente durante a semana santa, ou seja, uma vez ao ano. Acontecia devido a tradição de malhar o Judas e em manter a também tradição da festa pós matança.

Com o desenvolver do evento e os benefícios que o trazia, o concurso foi estendido para duas vezes ao ano, o primeiro acontece no período certo, seguindo o calendário cristão, e o segundo é um evento regional, visto que o primeiro só é aberto aos moradores da cidade.

O intuito do concurso era e ainda é a escolha da melhor equipe, melhor pisada, coreográfica, roupas e encenação da morte do Judas. Contudo, a rivalidade é quase impossível de não existir, algumas pessoas levam-na para muito depois do concurso, outras só sentem naquele momento. Segue o trecho do depoente Bebê:

Surgiu, mas só acontece naquele momento, terminou já não tem mais nada, já vão beber junto. É todo mundo se abraçando, se dando parabéns. A rivalidade pra mim mesmo é só no momento.⁴³

Apesar de ser um evento aberto ao público e as diversas formas usadas para atrair o público jovem, a participação como dançante nas equipes não era e ainda não é tão fácil assim, é preciso ter habilidades e passar por um teste para ser aprovado ou não na equipe também precisa aprender o ritmo da dança, pegar a coreografia, aptidão física para suportar o período dentro da arena na competição e nas visitas as casas, comprometimento com a equipe para a confecção das roupas, já que esse trabalho é feito quase que na sua maioria por eles mesmos. Aqueles que não se

⁴² Trecho da entrevista oral concedida por Antônio José da Rocha. 28 anos. Educador Físico. Entrevista realizada em 13 de Maio de 2021, em sua residência no município de Major Sales-RN.

⁴³ Trecho da entrevista oral concedida por Francisco de Assis Silva. 66 anos. Agricultor. Entrevista realizada em 01 de Abril de 2021, em sua residência no município de Major Sales-RN.

adequassem aos pré-requisitos, eram rejeitados, e os que já fizessem parte do grupo e fugissem dos parâmetros, eram substituídos. Relato do depoente Bebê:

A fiscalização é grande (risos), é por que tem uns caboclo profissional, vem de fora fazer o teste e não passa, aí fica fora. Não pegou os passos aí não dá certo, tem que acompanhar os outros.⁴⁴

Por se tratar de uma cidade pequena, e pelo calor do momento, a pressão do concurso, é compreensível essa competição no momento da apresentação. Os brincantes se empenham por meses a fio, às vezes até iniciam os preparativos do ano seguinte após a apresentação, principalmente a depender da sua colocação.

Atualmente o concurso é pensado e organizado pela Secretaria de Cultura da cidade de Major Sales junto com os chefes das equipes que se inscrevem para o concurso. É feita uma reunião e lá se discutem tempo de dança na apresentação, elementos que somam pontos, materiais para confecção de roupas e a ajuda financeira dada pela própria Prefeitura Municipal.

3.10 Impacto da Dança de Caboclos na Economia de Major Sales, uma Evolução Intencionada?

IMAGEM 03: Foto do 2º concurso de caboclos de Major Sales/RN, retirada de um vídeo no YouTube.

⁴⁴ Trecho da entrevista oral concedida por Francisco de Assis Silva. 66 anos. Agricultor. Entrevista realizada em 01 de Abril de 2021, em sua residência no município de Major Sales-RN.



FONTE: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kzC5tXafQyk> Acesso em 17 de Maio de 2021

Os primeiros anos de concurso iniciaram de maneira simples na década de 90, realizados no mercado público municipal, sem muitos investimentos, de forma tímida ele acontecia para a população, como vemos na imagem acima.

Devido a atratividade da cultura, pelas festividades no decorrer da semana e pelo evento após o concurso, ela passou a se popularizar e servir de referência para a região e outros estados. Contudo, não demoraria muito para que essa representação cultural gerasse monetização para a cidade.

Várias premiações foram recebidas no município para incentivo de continuidade do projeto, além de ter recebido a honraria de Patrimônio Imaterial do Estado do Rio Grande do Norte. Além dos incentivos vinculados a cultura, a mesma gera um forte fluxo no comércio local no período de semana santa. Devido a festa que ocorre pós malhação do Judas, a busca por vestuário, calçados, bebida e alimentação se torna frenética nos dias que antecedem o evento.

Numa cidade com menos de cinco mil habitantes como um evento desse porte gera uma boa movimentação no mercado econômico, principalmente por atrair cerca de 30 mil pessoas, além de gerar renda extra para os trabalhadores autônomos, do que cata as latinhas ao vendedor ambulante de bebidas e comidas.

A Festa dos Caboclos gera mais destaque do que a própria festa de Emancipação Política da cidade, tanto que a verba destinada a contratação das atrações musicais é superior no período de semana santa, talvez se deva pelo fato da cidade ser conhecida como Terra da Cultura, e a valorização da mesma é crucial para manter essa imagem.

É incontestável a visibilidade trazida pelo evento, principalmente porquê investimos para o melhor funcionamento da cidade chegaram graças a isso. A ampliação da Praça Pública de Eventos, projetos para incentivo e valorização da cultura, transformar a cidade em referência cultural. Tudo isso gera lucro para toda a cidade nesses períodos festivos.

IMAGEM 04: Foto reprodução da festa pós concurso.



FONTE: Disponível em: < <http://www.festivaldecaboclos.com.br/p/plano-de-midia.html> > Acesso 17 de Maio de 2021

Graças a essa festa, o período de maior fluxo de visitantes em férias na cidade, acontece durante a semana santa, pois, é o momento onde a cidade vive

intensamente cada evento, dia após dia turmas das mais variadas idades se apresentam nas casas, isso acaba sendo um atrativo para os visitantes.

Não o bastante, o concurso que antes ocorria uma vez por ano e somente com equipes locais, foi ampliado para dois eventos no ano. O primeiro evento fechado para as equipes do município. O segundo sendo a nível regional, aceitando as equipes locais que competirão com os grupos de cidades vizinhas. Ou seja, gerando uma movimentação econômica duas vezes ao ano, movimentando toda a infraestrutura da comunidade.

Devido as atrações musicais, o alcance do concurso cresceu consideravelmente com o passar dos anos, e a cada ano as atrações são consideradas maiores e melhores, atraindo pessoas de outras regiões tanto para o concurso, quanto para a festa em si.

3.11 Novos Paradigmas da Cultura de Caboclos em Major Sales para os mais jovens

IMAGEM 05: Foto reprodução dos dançantes de Caboclos durante a semana santa nas calçadas das casas dos moradores.



FONTE: Disponível em: < <http://www.festivaldecaboclos.com.br/p/plano-de-midia.html> > Acesso em 17 de Maio de 2021

Na foto acima identificamos os dançantes durante o período de semana santa, roupas feitas de retalhos, elementos como os personagens: Velha, Caboclos e Velho. O público acompanhando a apresentação e os músicos ditando os passos da dança.

Veremos que no momento do concurso a proposta se difere, estas são roupas confeccionadas por eles mesmos com a única finalidade de brincar pelas ruas da cidade e sítios vizinhos, enquanto as roupas usadas no concurso têm uma outra proposta e materiais, mas também são confeccionadas pelos próprios dançantes.

Em decorrência das novas equipes, integrantes na dança de caboclos, e de uma nova mentalidade, o próprio sentido da dança passaram por modificações. Talvez pela tradição ter surgido num período em que não tinha acesso a tecnologias, as casas eram mais afastadas e a religião talvez tivesse mais impacto na comunidade, as primeiras equipes preservaram o conceito original da tradição, a conotação religiosa sempre foi mais presente que nos dias atuais, além de brincarem por diversão e não por que ganhariam financeiramente.

IMAGEM 06: Foto reprodução do 2º concurso de caboclos de Major Sales/RN, retirada de um vídeo no YouTube.



FONTE: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kzC5tXafQyk> Acesso em 17 de Maio de 2021

Vemos na imagem as grandes mudanças que ocorreram com o passar dos anos nessa tradição, não apenas na estrutura da dança, como vestes e adereços, mas também na estrutura física do local de apresentação. A foto retrata o 2º ano de concurso ocorrido na década de 90, não só o local mudou, mas os trajes na época eram mais “modernos”, roupas comuns padronizadas. De alguns anos para cá esse habito mudou, as regras do concurso pedem para trazer de volta elementos usados

antes da criação do mesmo. A padronização é um elemento que se difere apenas nos personagens do Judas e da Velha/Velho, mesmos materiais, mas tem que existir elementos que os distinguem dos demais caboclos.

Um dos pontos mais marcantes dessa “nova” tradição está nos seus participantes, visto que a maior parte deles são jovens e adultos, senhores mais velhos participam geralmente encabeçando as equipes como Chefes, que é o caso do Senhor Bebê e Senhor Antônio Grosso, quando o mesmo se encontrava em melhor estado de saúde.

Em quase todos os anos de competição acontecem apresentações do grupo de idosos Alegria de Viver, também da cidade de Major Sales. Eles se apresentam antes de iniciar o concurso, junto a eles também há apresentações de grupos infantis. Uma forma de dar abertura ao concurso, mas também fazer referência de que não há idade para dançar Caboclos.

IMAGEM 07: Foto reprodução da apresentação da equipe do Mestre Bebê, no concurso do ano de 2018.



FONTE: Disponível em: < <http://www.festivaldecaboclos.com.br/p/blog-page.html> > Acesso em 17 de Maio de 2021

É notório as mudanças entre a figura 06 e a figura 07, a padronização existe em ambas as equipes, mas os elementos compostos nas vestimentas remetem a

períodos distintos da história da tradição. Enquanto na década de 90 buscavam modernizar a dança, em 2018 o intuito era trazer a maior quantidade de elementos que existiam na antiguidade, como o uso de folhas de carnaúba e bananeira para confecção das máscaras e roupas.

Graças ao concurso realizado em Major Sales e como aos holofotes por ele trazido, o interesse em participar do concurso fugiu um pouco do eixo, além dos investimentos da secretária de cultura terem elevado ao novo patamar a dança. O depoente Tonyinho discorre a respeito das práticas de alguns anos atrás:

As primeiras turmas eram bem assim, a tradição era bem diferente, os trajes eram bem diferentes do que é hoje, que era trajes de trapos mesmo, de roupas velhas que a gente recortava pra fazer as roupas, tinha também uma paixão maior dos caboclos, por exemplo, a gente começava a pular na segunda-feira da semana santa o dia todo, e hoje em dia praticamente não existe mais caboclos na semana santa, somente no dia do concurso, então pra mim a grande diferença é essa, do início pra hoje, as vestimentas e também a participação dos caboclos em si durante a semana santa.⁴⁵

Fato é, o concurso trouxe troféus para a cidade, deu visibilidade para a cultura local e criou até uma nova motivação para participação da dança, mas também modificou e adicionou outros sentidos na apresentação um destes é a teatralidade, coreografia, música e trajes do concurso acabam ocupando tanto o tempo dos grupos que mal sobram horários para que eles possam dançar nas ruas, fazerem o tão famoso arrastão durante a semana toda.

Porém, engana-se quem acha que todos que dançam nas ruas podem participar do mesmo grupo no concurso em si. Tonyinho explica as condições:

Praticamente todo majorsalese, como falei, desde criança aprende a dançar, a pular caboclo. Então pra poder se incluir numa turma, necessitava mesmo só uma amizade, ou um conhecimento. Isso mudou bastante quando se fala em concurso, pra pular nas ruas, nas casas como a gente fala, fazer essa visita, pedir esmolas, toda criança, toda pessoa consegue participar tranquilamente, mas quando é pra falar em concurso existe uma seleção. Os chefes de turmas sempre procuram selecionar os melhores caboclos, aqueles que pisam mais forte, que tem um gingado mais bonito, então essa questão de participar mesmo durante a semana não existe pré-requisitos, se a pessoa souber brincar, pular, como aqui normalmente todo mundo sabe, já pode participar.⁴⁶

⁴⁵ Trecho da entrevista oral concedida por Antônio José da Rocha. 28 anos. Educador Físico. Entrevista realizada em 13 de Maio de 2021, em sua residência no município de Major Sales-RN.

⁴⁶ Trecho da entrevista oral concedida por Antônio José da Rocha. 28 anos. Educador Físico. Entrevista realizada em 13 de Maio de 2021, em sua residência no município de Major Sales-RN.

O concurso é levado com a maior seriedade para os chefes e brincantes, então divergências ocorrem e dispensas dos grupos também é algo muito comum. Além da rivalidade que é criada nesse momento, o prêmio da primeira colocação é muito cobiçado, o cargo que a equipe vencedora ocupa é sinônimo de poder.

Parece bobo pensar assim, mas cada equipe é como se fosse um time de futebol, tem aqueles preferidos do público que sempre tem a rivalidade e disputa pelo lugar principal de destaque. Obvio que tem aqueles que conseguem superar isso pós concurso, enquanto outros levam essa rivalidade por muito tempo.

Essa “nova” configuração da cultura trazida pelo concurso pode até ter modificado o interesse motivador em participar dela, mas não houveram mudanças na configuração de Cultura Popular ou a Tradição Popular, pois permanece sendo reproduzida pela população de modo geral, sem distinção de classe social. A mudança principal está na forma de comemorar o Sábado de Aleluia e a remuneração financeira trazida no contexto atual de competição.

Tudo que conhecemos passa por mudanças, principalmente quando é o ser humano que age diretamente no objeto em questão. Essas transformações mudam sentidos trazendo novos, a coisa mais importante que fica é a continuidade das tradições, que continuam sendo reproduzidas e vivenciadas nas comunidades.

Por último, reforçamos o objetivo desse trabalho na contribuição para uma compreensão e entendimento da cultura local dos caboclos em Major Sales acompanha os processos de aculturação sofridos com o decorrer dos anos. Esses processos permanecerão devido as próprias mudanças pela qual a sociedade passa, e mesmo com essas novas percepções de cultura ela sempre dará um jeito de permanecer no ambiente. Assim, pretendemos com esse trabalho fazer esse registro histórico primeiro, assim como abrir caminhos para novos trabalhos que inclusive possa avançar em busca de fontes que possam falar das ligações dos indígenas com e no início das mudanças da Malhação de Judas, dentre outras possibilidades de abordagem a exemplo da dimensão dos aspectos econômicos que a cultura tem hoje na cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por muito tempo a Cultura da Dança de Caboclos que antes era vista como brincadeira, ocupou um papel fundamental na formação das crianças, jovens e adultos dessa comunidade de Major Sales. A começar das crianças brincando aprendendo os passos e chegando aos idosos se apresentando e representando um hábito que eles trazem desde sua juventude. Essa é a cultura ensinada e repassada como uma tradição para todas as gerações.

Ao trabalhar com a Tradição Cultural Dança de Caboclos em Major Sales, pudemos perceber as mudanças sofridas no decorrer dos anos de acordo com cada geração brincante, as suas particularidades e acessos tecnológicos. A interação com a cultura nunca deixou de se fazer presente, mas o significado por traz da participação foi alterado por fatores financeiros e competitivos apresentados pelo advento do concurso.

Até a década de 90 a Dança de Caboclos era uma tradição familiar, voltada para os eventos religiosos que se tratava a Semana Santa e voltada para a comemoração em conjunto com amigos, vizinhos e parentes, todos comemorando a vitória de Jesus Cristo sob a morte, a sua ressurreição e punição do culpado pela crucificação do filho de Deus. Décadas com rituais voltados para a religiosidade que cabia e pedia a semana, rituais estes que envolviam da alimentação ao trabalho dos moradores e praticantes.

A Semana Santa com o decorrer dos anos passou por esse processo de comercialização, visto que a festa e a programação semanal visam atrair um público maior a cada ano, gerando assim maior lucro para o município e seus comerciantes. Mas como vimos, essa fase de modernização não afastou o público mais velho ou esqueceu das suas raízes, pois no próprio concurso é melhor pontuado aquele grupo que use mais características possíveis que remetam aos elementos do período de surgimento da dança, como os trajes com matérias de folha de carnaúba e bananeira etc.

Na nossa sociedade atual, quase tudo pode ser comercializado e com a Cultura não seria diferente, temos festividades como o Carnaval, São João, Natal e

outros, que são casos de festividades religiosas ligadas ao catolicismo, mas que com o decorrer dos anos e reprodução da sociedade, viraram eventos ligados ao processo de monetização. São os principais períodos do ano onde se tem fluxo de turismo, movimentação comercial e eventos festivos com atrações musicais acontecem.

O uso da oralidade e memória foram pontos chaves nesse meio de escrita, por se tratar de uma cultura transpassada por meio de histórias que vem de uma tradição oral, a cultura local passou a ser tratada pela população como uma espécie de mitologia palpável a qual eles conseguem interagir, adicionar novos elementos, como é o caso dos Caboclos e da Velha/Velho.

A simbologia de matar o Judas é uma das poucas permanências existentes durante esse processo de aprimoramento, a sua morte no sábado de aleluia e inovações na forma de mata-lo é um dos momentos mais atrativos das apresentações, e um dos que mais somam pontos no momento da competição. Também é a parte mais significativa da tradição, visto que é o elemento de real sincronia com a religiosidade do evento.

A origem da tradição de malhar o Judas não é um questionamento da pesquisa, mas sim o momento inicial de inclusão dos caboclos como personagens chave durante a malhação, e junto a eles a adição das músicas e outros personagens que surgiram com o passar do tempo. Compreender a construção de uma leitura cultural própria que passou pelas experiências desses indivíduos ao longo de suas vidas, através de suas lembranças nos mostram como esses indivíduos se adaptaram e criaram mecanismos para adaptar a experiência cultural as suas próprias necessidades do período.

O envolvimento massivo da população é outro atrativo nesse objeto de pesquisa, independente das obrigações que tenham, de um a dois meses que antecedem a Semana Santa, as reuniões das equipes já começam a acontecer, articulando cada passo que será dado durante o evento. Nesta Cultura não existe rico ou pobre, velho ou jovem, bem instruído ou analfabeto, o contexto que une todas as tribos é o amor pela cultura local que é repassada entre as gerações pelos mais velhos, seja através da dança ou das memórias contadas através de histórias.

Todos esses elementos falados no decorrer da pesquisa nos ajudam a entender melhor as transformações sofridas na forma de interação da tradição cultural que é a Dança de Caboclos com a comunidade, e a maneira que o Concurso de Caboclos com o decorrer do tempo age na cidade de Major Sales. A relevância que se criou na cidade encima desse novo imaginário trazido juntamente ao concurso, os recursos e desenvolvimentos que agregam cada vez mais valor a cidade e atrai a cada ano um número maior de turistas é graças a essa mobilização que o concurso traz.

Com o trabalho das experiências de vida dos entrevistados, narradas a exemplo de seu cotidiano pudemos ver que houveram permanências e também mudanças, mas que mesmo com o advento da modernidade e tecnologias as tradições são repassadas ainda hoje entre as gerações e que o legado é na maioria das vezes adotado pelos familiares. As falas dos depoentes foram indispensáveis para a análise dessa tradição cultural que é a Dança de Caboclos, entender a sua complexidade e transformações a cada geração.

A cultura abriu espaço para ser palco da população, é importante ter a percepção que são pessoas com profissões distantes da arte e cultura, mas que devido a identidade criada acerca dela incorporaram pra si as simbologias que rodeiam essa tradição. Do analfabeto ao letrado, do agricultor ao professor, não existe distinção para participar desse universo criado que tem como estrela a cultura de dançar caboclos.

Contudo, perante todas essas pluralidades em informações, experiências e viveres, a tradição local mesmo sem uma unanimidade sobre sua criação permanece reproduzindo a cultura e introduzindo novos valores, sentidos, vivências e elementos. Enquanto houver reprodução ela ainda continuará viva. Ao produzir este estudo não pretendemos cessar as possibilidades de pesquisa sobre esse tema, o oposto disto, ele abrirá caminhos para que esta pesquisa monográfica seja ponto norteador para outros trabalhos, pois a mesma não foi capaz de elucidar todos os questionamentos acerca da temática. É preciso agradecer aos depoentes; Antônio Otacílio da Silva, Antônio José da Rocha Limão e ao senhor Francisco de Assis Silva, por terem repassado seus conhecimentos e entendimentos dessa cultura tão querida e representada na cidade, sem suas memórias não teria sido possível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Mauricio de Almeida. **Sobre a Memória das Cidades**. Revista TERRITÓRIO, ano III, nº 4, jan./jun. 1998

ALBERTI, Verena. "**Histórias dentro da História**". In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2006.

BRANCO, Samantha Castelo. **A Malhação do Judas na Imprensa Paulista**. Recife, 1998.

_____. **Cultura popular X cultura de massa: onde Judas não perdeu as botas**. Santiago, 2000.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?**. 2.Ed. Zahar, 2005.

Caboclos, Festival de Caboclos. Disponível em: <http://www.festivaldecaboclos.com.br/p/blog-page_7.html >. Acesso em 17 de Maio de 2021

CABRAL, João Francisco Pereira. "**Conceito de Indústria Cultural em Adorno e Horkheimer**"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/cultura/industria-cultural.htm>. Acesso em 29 de abril de 2021

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano** [tradução Rogério Fernandes]. – São Paulo: Martins Fontes, 1992. – (Tópicos)

Festival, Festival de Caboclos. Disponível em: <<http://www.festivaldecaboclos.com.br/p/blog-page.html> >. Acesso em 17 de Maio de 2021

GOOGLE. Google Earth website. Disponível em: <https://earth.google.com/web/search/Major+Sales,+RN/@-6.40131228,-38.35425863,384.81175647a,7460.73573094d,35y,-144.28287597h,62.8851622t,->

[Or/data=CigiJgokCYdVCpW-hDRAEYZVCpW-hDTAGSoCD7t4tIHAIfIHucX2oGXA](https://earth.google.com/web/search/Major+Sales,+RN/@-6.40296798,-38.3241131,306.15167604a,15080.55570096d,35y,0h,0t,0r/data=CigiJgokCYdVCpW-hDRAEYZVCpW-hDTAGSoCD7t4tIHAIfIHucX2oGXA)

Acesso 19/05/2021

GOOGLE. Google Earth website. Disponível em: <https://earth.google.com/web/search/Major+Sales,+RN/@-6.40296798,-38.3241131,306.15167604a,15080.55570096d,35y,0h,0t,0r/data=CigiJgokCU8RQIZt9hjAEQpEQOeHNR7AGZQrjmilC0PAIbajJDZfskPA> Acesso em 19/05/2021

GIEDION, Sigfried. ***Mechanization Takes Command***, Minnesota: University of Minnesota Press, 2014.

GURGEL, Deífilo. **Espaço e Tempo do Folclore Potiguar**. 3ed. Natal RN. 2008.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. **Cultura, Mídia e Educação** - Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 22, n 2, p 15-46, jul./dez. 1997.

Histórico Dos Caboclos de Major Sales/RN. Grupo Cultural Caboclos e Rei de Congo do Mestre Bebé. Disponível em: <<http://caboclosereidecongodom.blogspot.com.br/p/historicos-caboclos.html>>. Acesso em 15 Abril de 2017

HOBSBAWM, E. & RANGER, T. **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra: Petrópolis. 1997.

MORAIS, Francisca Dantas. **Doces Memórias de Fransquinha de Beija**. 2019.

Panorama. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/major-sales/panorama>>. Acesso em 17 de Maio de 2021.

Plano de Mídia. Festival de Caboclos. Disponível em: <<http://www.festivaldecaboclos.com.br/p/plano-de-midia.html>>. Acesso em 17 de Maio de 2021.

POLLAK, Michael. "Memória e identidade social". In: Estudos Históricas, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992;

SILVA, André Luiz. **A "Queima do Judas": uma forma de expressão do pensamento popular utilizada pelos grupos urbanos marginalizados**. 2013.

SOUSA, Silvana Vieira de. **Cultura de falas e gestos: história de memórias.** Campinas, SP:[s.n], 1997.

SIQUEIRA, Bianca Tamara. **A História Local na Construção de Identidades.** *In:* ANPUH-BRASIL-30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. Recife, 2019

FONTES ORAIS

SILVA, F.A. **Francisco de Assis Silva**: depoimento [mar. 2021]. Entrevistadora: Theresa Dávilla Limão de Bessa. Major Sales, 2021. (1 hr 44 min 07s). Entrevista concedida para elaboração de trabalho de conclusão de curso da entrevistadora.

SILVA, A.O. **Antônio Otacílio da Silva**: depoimento [abr. 2021]. Entrevistadora: Theresa Dávilla Limão de Bessa, Major Sales, 2021. (1 hr 09 min 46s). Entrevista concedida para elaboração de trabalho de conclusão de curso da entrevistadora.

LIMÃO, A.J.R. **Antônio José da Rocha Limão**: depoimento [abr 2021]. Entrevistadora Theresa Dávilla Limão de Bessa, Major Sales, 2021. (16 min 39s). Entrevista concedida para elaboração de trabalho de conclusão de curso da entrevistadora.

APÊNDICE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo: **“O passado se faz presente: A Dança de Caboclos dos anos 80 no cotidiano atual da cidade de Major Sales/RN”**, desenvolvida pela aluna: **THERESA DÁVILLA LIMÃO DE BESSA** orientado pela professora: **SILVANA VIEIRA DE SOUSA** vinculados a **UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE** (Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro Formação de Professores de Cajazeiras-UACS-UFCG-CZ).

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo:

Objetivo geral: Compreender a importância da Dança dos Caboclos na vida e no cotidiano social da cidade de Major Sales, RN, a sua permanência na tradição cultural e suas ressignificações; **Objetivos específicos:** Problematizar como a cultura interfere na formação social de uma comunidade ao longo de 30 anos; Refletir sobre as mudanças nessa prática ao longo dos anos e como afetou de formas diferentes esses tempos; Identificar por meio de entrevistas como a mentalidade em relação a essa cultura foi se modificando e se fortalecendo através dos discursos de propagação dos meios de comunicação da época.

Entrevistas estas que serão conduzidas a partir de um roteiro de questões semiestruturadas em que as respostas serão gravadas com autorização dos entrevistados através de sessões de gravação **presenciais** ou de acordo com as normas estabelecidas para a realização de entrevistas em tempos da COVID19: A Conep vem por meio do presente documento informar aos Comitês de Ética em Pesquisa a Retomada da tramitação regular no sistema CEP/Conep para os projetos de Ciências Humanas e Sociais relacionados à Saúde Mental;

Diante do exposto, as orientações abaixo deverão ser seguidas a partir de 08/06/2020: Em relação ao Consentimento/Assentimento Livre e Esclarecido:

- De acordo com a Resolução CNS nº 510/2016, esse é o meio pelo qual é explicitado o consentimento livre e esclarecido do participante ou de seu responsável legal, sob a forma escrita, sonora, imagética, ou em outras formas que atendam às características da pesquisa e dos participantes, devendo conter informações em linguagem clara e de fácil entendimento para o suficiente esclarecimento sobre a pesquisa (Resolução CNS nº 510/2016, Artigo 15).
- Quando da previsão, no desenho metodológico, de coleta de dados em ambiente virtual (Google Forms, Redcap, Survey Monkey, Zoom, Skype, entre outros), a

modalidade de Registro de Consentimento deve apresentar, de maneira destacada, a importância de que o participante de pesquisa guarde em seus arquivos uma cópia do documento e/ou garantindo o envio da via assinada pelos pesquisadores ao participante de pesquisa.

Assim, as respostas serão gravadas com autorização dos entrevistados em documento escrito ou através do ambiente virtuais adotados se assim for necessário, mediante o respeito as condições de distanciamento em situação da Covid19 ou por meio dos ambientes virtuais propostos pela CONEP.

- Os riscos envolvidos com sua participação são: De acordo com a Resolução 466/2012 do CNS (BRASIL, 2012), toda pesquisa envolvendo seres humanos envolve risco em tipos e gradações variados. Dessa forma compreendemos que com relação a este estudo, os riscos serão mínimos, uma vez que não serão conduzidas experiências ou outras atividades potencialmente agressivas à integridade física ou mental dos participantes. Os participantes serão informados de que a pesquisa consistirá somente de respostas a um questionário, semiestruturado aplicado por meio de entrevista, e os possíveis riscos serão relacionados a possível constrangimento ou desconforto os quais serão minimizados buscando em conjunto possibilidades outras.
- No que diz respeito aos benefícios, a realização do estudo se faz importante, pois através da análise dos resultados obtidos será possível identificar como a prática da cultura e dança de caboclos age na vida e no cotidiano social das pessoas de Major Sales/RN, assim, produzir informações essenciais para a compreensão de como esses grupos se reorganizam no cenário político contemporâneo. Além disso, será possível produzir documentos de grande relevância para a realização de estudos mais aprofundados sobre o tema, oferecendo contribuição relevante para a historiografia social e local.
- Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário.

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você poderá buscar o direito de ser indenizado.

Esta pesquisa atende às exigências das resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), as quais estabelecem diretrizes e normas regulamentadoras para pesquisas envolvendo seres humanos.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) é um colegiado interdisciplinar e independente de caráter consultivo, deliberativo e educativo, que tem como foco central defender os interesses e a integridade dos participantes voluntários de pesquisas envolvendo seres humanos e, conseqüentemente, contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a Silvana Vieira de Sousa, cujos dados para contato estão especificados abaixo.

Dados para contato com o responsável pela pesquisa

Nome: SILVANA VIEIRA DE SOUSA

Instituição: Universidade Federal de Campina Grande

Endereço Pessoal: Rua Irmã Fernanda, 91. Bairro São José, Cajazeiras- PB

Endereço Profissional: Universidade Federal de Campina Grande. Centro de Formação de Professores (CFP) Cajazeiras- PB. Ambiente de Professores, Sala 13.

Horário Disponível: Em virtude da COVID 19 e estabelecimento do ensino remoto o atendimento deverá ser feito de forma remota mediante esse contato:

Telefone: (83) 999177771

Email: svv_sil@hotmail.com

Dados do CEP

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Formação de Professores da
Universidade Federal de Campina Grande- CEP/CFP/UFCG, situado a Rua
Sergio Moreira de Figueiredo, s/n, Bairro: Casas Populares, Cajazeiras - PB;
CEP: 58.900-000.

Email: cep@cfp.ufcg.edu.br

Tel: (83) 3532-2075

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios que estão relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

CAJAZEIRAS - 01/04/2021

Francisco de Assis Silva

(Francisco de Assis Silva)

Assinatura ou impressão datiloscópica do
Voluntário ou responsável

Silvana Vieira de Sousa

(Silvana Vieira de Sousa)

Nome e assinatura do responsável pelo
estudo

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo: **“O passado se faz presente: A Dança de Caboclos dos anos 80 no cotidiano atual da cidade de Major Sales/RN”**, desenvolvida pela aluna: **THERESA DÁVILLA LIMÃO DE BESSA** orientado pela professora: **SILVANA VIEIRA DE SOUSA** vinculados a **UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE** (Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro Formação de Professores de Cajazeiras-UACS-UFCG-CZ).

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo:

Objetivo geral: Compreender a importância da Dança dos Caboclos na vida e no cotidiano social da cidade de Major Sales, RN, a sua permanência na tradição cultural e suas ressignificações; **Objetivos específicos:** Problematizar como a cultura interfere na formação social de uma comunidade ao longo de 30 anos; Refletir sobre as mudanças nessa prática ao longo dos anos e como afetou de formas diferentes esses tempos; Identificar por meio de entrevistas como a mentalidade em relação a essa cultura foi se modificando e se fortalecendo através dos discursos de propagação dos meios de comunicação da época.

Entrevistas estas que serão conduzidas a partir de um roteiro de questões semiestruturadas em que as respostas serão gravadas com autorização dos entrevistados através de sessões de gravação **presenciais** ou de acordo com as normas estabelecidas para a realização de entrevistas em tempos da COVID19: A Conep vem por meio do presente documento informar aos Comitês de Ética em Pesquisa a Retomada da tramitação regular no sistema CEP/Conep para os projetos de Ciências Humanas e Sociais relacionados à Saúde Mental;

Diante do exposto, as orientações abaixo deverão ser seguidas a partir de 08/06/2020: Em relação ao Consentimento/Assentimento Livre e Esclarecido:

- De acordo com a Resolução CNS nº 510/2016, esse é o meio pelo qual é explicitado o consentimento livre e esclarecido do participante ou de seu responsável legal, sob a forma escrita, sonora, imagética, ou em outras formas que atendam às características da pesquisa e dos participantes, devendo conter informações em linguagem clara e de fácil entendimento para o suficiente esclarecimento sobre a pesquisa (Resolução CNS nº 510/2016, Artigo 15).
- Quando da previsão, no desenho metodológico, de coleta de dados em ambiente virtual (Google Forms, Redcap, Survey Monkey, Zoom, Skype, entre outros), a

modalidade de Registro de Consentimento deve apresentar, de maneira destacada, a importância de que o participante de pesquisa guarde em seus arquivos uma cópia do documento e/ou garantindo o envio da via assinada pelos pesquisadores ao participante de pesquisa.

Assim, as respostas serão gravadas com autorização dos entrevistados em documento escrito ou através do ambiente virtuais adotados se assim for necessário, mediante o respeito as condições de distanciamento em situação da Covid19 ou por meio dos ambientes virtuais propostos pela CONEP.

- Os riscos envolvidos com sua participação são: De acordo com a Resolução 466/2012 do CNS (BRASIL, 2012), toda pesquisa envolvendo seres humanos envolve risco em tipos e gradações variados. Dessa forma compreendemos que com relação a este estudo, os riscos serão mínimos, uma vez que não serão conduzidas experiências ou outras atividades potencialmente agressivas à integridade física ou mental dos participantes. Os participantes serão informados de que a pesquisa consistirá somente de respostas a um questionário, semiestruturado aplicado por meio de entrevista, e os possíveis riscos serão relacionados a possível constrangimento ou desconforto os quais serão minimizados buscando em conjunto possibilidades outras.
- No que diz respeito aos benefícios, a realização do estudo se faz importante, pois através da análise dos resultados obtidos será possível identificar como a prática da cultura e dança de caboclos age na vida e no cotidiano social das pessoas de Major Sales/RN, assim, produzir informações essenciais para a compreensão de como esses grupos se reorganizam no cenário político contemporâneo. Além disso, será possível produzir documentos de grande relevância para a realização de estudos mais aprofundados sobre o tema, oferecendo contribuição relevante para a historiografia social e local.
- Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário.

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você poderá buscar o direito de ser indenizado.

Esta pesquisa atende às exigências das resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), as quais estabelecem diretrizes e normas regulamentadoras para pesquisas envolvendo seres humanos.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) é um colegiado interdisciplinar e independente de caráter consultivo, deliberativo e educativo, que tem como foco central defender os interesses e a integridade dos participantes voluntários de pesquisas envolvendo seres humanos e, conseqüentemente, contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a Silvana Vieira de Sousa, cujos dados para contato estão especificados abaixo.

Dados para contato com o responsável pela pesquisa

Nome: SILVANA VIEIRA DE SOUSA
Instituição: Universidade Federal de Campina Grande
Endereço Pessoal: Rua Irmã Fernanda, 91, Bairro São José, Cajazeiras- PB
Endereço Profissional: Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores (CFP) Cajazeiras- PB, Ambiente de Professores, Sala 13.
Horário Disponível: Em virtude da COVID 19 e estabelecimento do ensino remoto o atendimento deverá ser feito de forma remota mediante esse contato:
Telefone: (83) 99917771
Email: svv_sil@hotmail.com

Dados do CEP

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande- CEP/CFP/UFCG, situado a Rua Sergio Moreira de Figueiredo, s/n, Bairro: Casas Populares, Cajazeiras - PB;
CEP: 58.900-000.
Email: cep@cfp.ufcg.edu.br
Tel: (83) 3532-2075

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios que estão relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

CAJAZEIRAS – 09/05/2021



 (Antônio Otacilio da Silva)
 Assinatura ou impressão datiloscópica do
 Voluntário ou responsável



 (Silvana Vieira de Sousa)
 Nome e assinatura do responsável pelo
 estudo

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo: **“O passado se faz presente: A Dança de Caboclos dos anos 80 no cotidiano atual da cidade de Major Sales/RN”**, desenvolvida pela aluna: **THERESA DÁVILLA LIMÃO DE BESSA** orientado pela professora: **SILVANA VIEIRA DE SOUSA** vinculados a **UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE** (Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro Formação de Professores de Cajazeiras-UACS-UFCG-CZ).

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo:

Objetivo geral: Compreender a importância da Dança dos Caboclos na vida e no cotidiano social da cidade de Major Sales, RN, a sua permanência na tradição cultural e suas ressignificações; **Objetivos específicos:** Problematizar como a cultura interfere na formação social de uma comunidade ao longo de 30 anos; Refletir sobre as mudanças nessa prática ao longo dos anos e como afetou de formas diferentes esses tempos; Identificar por meio de entrevistas como a mentalidade em relação a essa cultura foi se modificando e se fortalecendo através dos discursos de propagação dos meios de comunicação da época.

Entrevistas estas que serão conduzidas a partir de um roteiro de questões semiestruturadas em que as respostas serão gravadas com autorização dos entrevistados através de sessões de gravação **presenciais** ou de acordo com as normas estabelecidas para a realização de entrevistas em tempos da COVID19: A Conep vem por meio do presente documento informar aos Comitês de Ética em Pesquisa a Retomada da tramitação regular no sistema CEP/Conep para os projetos de Ciências Humanas e Sociais relacionados à Saúde Mental;

Diante do exposto, as orientações abaixo deverão ser seguidas a partir de 08/06/2020: Em relação ao Consentimento/Assentimento Livre e Esclarecido:

- De acordo com a Resolução CNS nº 510/2016, esse é o meio pelo qual é explicitado o consentimento livre e esclarecido do participante ou de seu responsável legal, sob a forma escrita, sonora, imagética, ou em outras formas que atendam às características da pesquisa e dos participantes, devendo conter informações em linguagem clara e de fácil entendimento para o suficiente esclarecimento sobre a pesquisa (Resolução CNS nº 510/2016, Artigo 15).
- Quando da previsão, no desenho metodológico, de coleta de dados em ambiente virtual (Google Forms, Redcap, Survey Monkey, Zoom, Skype, entre outros), a

modalidade de Registro de Consentimento deve apresentar, de maneira destacada, a importância de que o participante de pesquisa guarde em seus arquivos uma cópia do documento e/ou garantindo o envio da via assinada pelos pesquisadores ao participante de pesquisa.

Assim, as respostas serão gravadas com autorização dos entrevistados em documento escrito ou através do ambiente virtuais adotados se assim for necessário, mediante o respeito as condições de distanciamento em situação da Covid19 ou por meio dos ambientes virtuais propostos pela CONEP.

- Os riscos envolvidos com sua participação são: De acordo com a Resolução 466/2012 do CNS (BRASIL, 2012), toda pesquisa envolvendo seres humanos envolve risco em tipos e gradações variados. Dessa forma compreendemos que com relação a este estudo, os riscos serão mínimos, uma vez que não serão conduzidas experiências ou outras atividades potencialmente agressivas à integridade física ou mental dos participantes. Os participantes serão informados de que a pesquisa consistirá somente de respostas a um questionário, semiestruturado aplicado por meio de entrevista, e os possíveis riscos serão relacionados a possível constrangimento ou desconforto os quais serão minimizados buscando em conjunto possibilidades outras.
- No que diz respeito aos benefícios, a realização do estudo se faz importante, pois através da análise dos resultados obtidos será possível identificar como a prática da cultura e dança de caboclos age na vida e no cotidiano social das pessoas de Major Sales/RN, assim, produzir informações essenciais para a compreensão de como esses grupos se reorganizam no cenário político contemporâneo. Além disso, será possível produzir documentos de grande relevância para a realização de estudos mais aprofundados sobre o tema, oferecendo contribuição relevante para a historiografia social e local.
- Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário.

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você poderá buscar o direito de ser indenizado.

Esta pesquisa atende às exigências das resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), as quais estabelecem diretrizes e normas regulamentadoras para pesquisas envolvendo seres humanos.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) é um colegiado interdisciplinar e independente de caráter consultivo, deliberativo e educativo, que tem como foco central defender os interesses e a integridade dos participantes voluntários de pesquisas envolvendo seres humanos e, conseqüentemente, contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a Silvana Vieira de Sousa, cujos dados para contato estão especificados abaixo.

Dados para contato com o responsável pela pesquisa

Nome: SILVANA VIEIRA DE SOUSA
Instituição: Universidade Federal de Campina Grande
Endereço Pessoal: Rua Irmã Fernanda, 91. Bairro São José, Cajazeiras- PB
Endereço Profissional: Universidade Federal de Campina Grande. Centro de Formação de Professores (CFP) Cajazeiras- PB. Ambiente de Professores, Sala 13.
Horário Disponível: Em virtude da COVID 19 e estabelecimento do ensino remoto o atendimento deverá ser feito de forma remota mediante esse contato:
Telefone: (83) 999177771
Email: svx_sil@hotmail.com

Dados do CEP

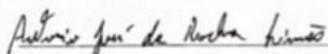
Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Formação de Professores da
 Universidade Federal de Campina Grande- CEP/CFP/UFCG, situado a Rua
 Sergio Moreira de Figueiredo, s/n, Bairro: Casas Populares, Cajazeiras - PB;
 CEP: 58.900-000.

Email: cep@cfp.ufcg.edu.br

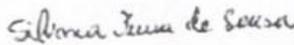
Tel: (83) 3532-2075

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios que estão relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

CAJAZEIRAS – 13/05/2021



(Antônio José da Rocha Limão)
 Assinatura ou impressão datiloscópica do
 Voluntário ou responsável



(Silvana Vieira de Sousa)
 Nome e assinatura do responsável pelo
 estudo

Entrevistas de história oral

Entrevista de história oral I: Francisco de Assis Silva. Concedida a Theresa Dávilla Limão de Bessa. Major Sales (RN), 01 Abril. 2021.

Dávilla: Bom dia, senhor Bebé.

Bebé: Bom dia.

Dávilla: Então, eu convido o senhor a participar da realização da minha pesquisa monográfica e autorização para gravar a entrevista com o objetivo de usar a gravação para a escrita do meu trabalho de conclusão de curso. O senhor permite a utilização dessa gravação nessa pesquisa?

Bebé: Permito sim!

Dávilla: Qual o nome do senhor?

Bebé: Francisco de Assis Silva.

Dávilla: Onde e qual ano o senhor nasceu?

Bebé: Eu nasci ali no sítio Betânia, que é aqui dentro mesmo de Major Sales, bem pertinho. No dia 06 do 06 de 1955.

Dávilla: O senhor sempre morou nessa comunidade?

Bebé: Sempre, só saí pra passear.

Dávilla: Qual a sua profissão?

Bebé: A minha profissão é agricultor.

Dávilla: Sobre sua escolaridade, sabe ler e escrever?

Bebé: Fiz o fundamental, até a 4ª série.

Dávilla: Durante a vida adulta, costumava escrever sobre a sua rotina?

Bebé: Pra falar a verdade, antes eu não escrevia muito, por que eu trabalhava muito. De certos tempos pra cá foi que eu comecei, depois desses caboclos, que começou

o concurso, aí a gente começou a escrever. Eu comecei a escrever, que eu fiz até o histórico, daí pra cá é que eu venho escrevendo as coisas. De treze anos pra cá, eu nunca parei de escrever.

Dávilla: Mas o senhor escreve pra si mesmo ou para o público?

Bebé: Escrevo pra mim, várias coisas como músicas, histórias de muitas coisas de antigamente.

Dávilla: O senhor se considera uma pessoa religiosa?

Bebé: Muito muito a gente não pode dizer, pois quem sabe é Deus. Mas eu sou religioso.

Dávilla: Sendo católico o senhor deve ter conhecimento do calendário da igreja, como se recorda desse período de semana santa?

Bebé: Ainda hoje eu estava falando com a minha esposa, sobre a religião de antigamente pra hoje. No dia de hoje a gente se preparava, já ali prontinho, em cima da mesa mamãe já preparava as esmolas pra esperar o pessoal que passava sempre pedindo esmola. O dia de hoje era sagrado, e amanhã onde tinha uma casinha pertinho de vizinho, amanhã era sagrado, era um menino indo deixar em fulano, outro ir deixar em ciclano, a esmola, tinha que deixar. Não era em troca de nada, mas os de lá também mandavam. Se eu levava um feijão, vinha de lá um arroz, se eu levava um macarrão, vinha outra coisa. E era assim, antigamente era desse jeito na semana santa pra mim.

Bebé: Na semana santa o ritual era diferente, eu alcancei ainda nas quartas-feiras de cinzas tinha um ritual diferente, era até quarta-feira de cinzas não, era quarta-feira de trevas. Tinha certas coisas que a pessoa não fazia. Era uma coisa que eu diria assim, era triste no momento, o povo ficava naquela emoção de ser o início do sacrifício de Jesus, aí ficavam naquele momento ali.

Bebé: No trabalho, trabalhava o dia todo na quarta-feira, mas na quinta-feira trabalhava até o meio dia e na sexta não trabalhava. Mas tinha o ritual que na sexta-feira era tão forte que ninguém nem tomar um banho tomava, e o jejum. No meu tempo de criança eu via mamãe e papai fazer, só bebia água, somente, não tomava nem café, e se tomasse o café era amargo.

Dávilla: O que o senhor saber sobre a tradição da matança de Judas?

Bebé: O significado, já teve muitos que perguntaram e cada vez que vem um perguntar eu sempre digo uma coisa, sempre vem mais coisa pra mim falar porquê a matança do Judas desde que eu vi meu pai falar que meu avô fazia, a matança do Judas era vingando. Já que colocaram o nome de Judas, era vingando a traição, ele num traiu Jesus? Então a semana santa vem junto com o Judas. Antigamente muitas região não tinha caboclo, tinha só o Judas, ainda hoje tem só ele, não tem caboclos. Então eles faziam isso de pedir esmolas com o Judas pra depois afuzilar ele, por que fazia a vingança. Só que não era na intenção de maldade, porquê a intenção de maldade é numa pessoa e não num boneco de pano.

Bebé: Eu sempre falo isso aí, o Judas é um boneco de pano. O que eu conheço bem, que papai contava que meu avô dizia que era pra vingar, somente isso. Ele foi traidor, é tanto que eles num rasgaram a veste de Jesus? Aí faz com o Judas. Ele morreu enforcado, ficou pendurado, então tem tudo a ver. Pega o Judas, no sábado é que faz a brincadeira, porquê isso é inventado, inventaram de pegar o Judas e matar no sábado, devido a festa q eu alcancei. Matava o Judas no sábado à tarde, se ajuntava a caboclada, a família dos caboclos e era um forró de latada até o amanhecer do dia.

Bebé: O significado sempre foi esse, a matança do Judas, pelo que eu entendo é esse tipo de coisa, a vingação, vingar porquê devido ele ter traído Jesus, aí o povo se pegou com isso, colocou ele pra judiar dele andando com ele encima do jumento, derrubar ele e depois estraçalhar. É o que eu conto da malhação é isso aí.

Dávilla: Com quem o senhor aprendeu a danças caboclo?

Bebé: Eu aprendi a dançar caboclo com os meus primos, por que meus primos mais velhos do que eu, ali na carrapateira, pertinho daqui também, foi lá onde eu comecei também. Eles aprenderam com meu avô. Eu morava no sítio Betânia e lá não tinha como fazer o grupo e o grupo que tinha era lá, nem aqui não tinha, aqui em Major Sales, tava começando também. Eu comecei em 1967 a andar com os caboclos, mas aqui em Major Sales ainda não tinha grupo. Mas pra falar a verdade eu dancei pouco caboclo, a minha profissão era o pandeiro.

Dávilla: Como que surgiu a ideia do avô do senhor dançar caboclo?

Bebé: Meu avô ele nasceu em 1888, no Seridó. Agora a gente não sabe exatamente onde foi que ele nasceu, papai não disse pra mim, talvez nem ele saiba. Com 16 anos ele veio embora pra cá, em 1904 ele chegou aqui nessa região, e quando ele chegou, ele já trazia, só que ele viu lá os índios dançar, agora nós não tamo sabendo qual era a tribo. Sei que papai contava que a dança ele aprendeu com os índios, só que os índios dançava de um jeito, e meu avô era um homem muito inteligente e viu os índios dançar e juntou com o judas que já trazia, e pensou em trazer os caboclos pra poder pedir esmolas pra sair mais esmola, porquê só com o judas saía pouca esmola e com os caboclo dançando tinha mais graça.

Bebé: Meu pai contando que ele disse que era desse jeito, ai pra você ver como era as coisas, a dificuldade era tão grande que só formou a turma em 1924 por que não tinha o tocador, não tinha caboclo. Se tinha homem nos sítios, nas fazendas, não queria brincar, não era capaz de enfrentar aquela luta.

Dávilla: Qual o motivo principal que fazia o senhor participar?

Bebé: Só lembrando da matança, da festa, o que fez eu seguir foi se lembrando de trabalhar na semana pra no final ter aquela festa.

Bebé: Eu saía sozinho pra ir pra lá, o que que acontecia, eu ia lutar a semana toda, mas sabendo que no sábado de aleluia eu podia levar minha família pra festa. Era a alegria daquele tempo, a alegria nossa era isso aí. Era brincar a semana inteira pra no final participar da matança de judas. A matança do judas sempre teve a festa, o forró pé de serra, o forró de latada.

Dávilla: Antigamente, a matança do judas acontecia apenas na semana santa ou se repetia durante o ano?

Bebé: Só acontecia uma vez por ano, acredita? Se falasse em caboclo fora da época vixemaria, o povo num falava não. Num tinha onde a gente brincar, não tinha ninguém que procurasse, o povo não se interessava por aquilo não, a parte da cultura era apagada naquele tempo, veio mesmo mudar de 92 pra cá.

Bebé: Todo mundo se preparava o ano todo pra no domingo de ramos muitos iam pra missa em Luís Gomes, eu lembro disso aí. Quando era meio dia eles desciam, pra de

uma hora tarem aqui, se aprontando, aprontando o figurino, e tinha 3, 4 que ia fazer o judas, pra na segunda-feira já ta pronto.

Dávilla: O senhor acha que a dança de caboclos ajudou de alguma forma na criação da sua família?

Bebé: é uma tradição familiar, a maioria dos meus filhos e netos estão envolvidos, uns 70% da família tão no meio.

Dávilla: Quem organizava a matança do Judas?

Bebé: Tu quer saber, no meu tempo que começou lá na carrapateira era muito controlado, sabe?!, quem morava mais perto chegava aquele horário, já ficava todo mundo já se preparando. Um ia no mato cortar a madeira, que era uma aspa de aroeira, bem alta. Outros se preparando em carregar as espingardas porquê tinha que ter muitas espingardas. E outros se preparando, um cavando um buraco. Eu sei que era em grupos, sempre foi em grupo.

Bebé: Era todo mundo, um fazia uma coisa, outro fazia outra. Tinha os outros que ficavam em casa matando galinha, se preparando pra festa, era assim. Pensava logo era antes, saía era convidando os vizinhos, passava na casa dos vizinhos e dizia: “ei se prepare ai com a espingarda que vem ai a matança, a matança é tal hora, 4 horas da tarde, vá participar”. Vinha gente distante, lá de cima da serra, vinha gente lá de Major Felipe, lá da Suçuarana, da Fazenda Nova, e juntava era muita gente.

Bebé: Era boa essa fofoca, nos sítios quando rasgava o judas era caba saindo de dentro das matas, se rasgando todo, rasgava e ficava um braço pra lá, uma perna pro outro lado, e tinha dinheiro nos bolsos. Eu nunca fui atras disso não, sempre fiquei de lado, as vezes eu tava no pandeiro tocando e a bala no centro.

Dávilla: De antigamente pra cá, teve diferença na forma de matar o judas?

Bebé: Mudou por que devido ao concurso não tem mais em Bom Jardim, Carrapateira, Fazenda Nova e Major Sales, um chefe que enfrente malhar o judas de 4 horas da tarde, acabou a tradição. Por quê? Por que tão se preparando ainda, preparando o judas, terminando de arrumar ele pra malhação do judas de 10hrs da noite do sábado de aleluia. Por causa de que? Por causa do concurso.

Bebé: A diferença é essa daí que eu digo pra você, mudou porquê antigamente não tinha o concurso, o concurso era o que? Era matar o judas pra ir dançar o forró, comer festa, partia o que sobrava.

Bebé: Naquele tempo só partia o que sobrava, tinha história não, partia o que sobrava. Tirava arroz, muito arroz, arroz em casca, ia chegando o arroz em casca e as mulher começava logo a tirar, preparando pra festa do sábado de aleluia. E amanhecia o dia matando as galinhas, capote, o que tivesse.

Bebé: Eu sei que tinha casa de chefe de caboclo que se a mistura era pouca que tirou, as esmola de galinha, mas em casa tinha né, no chiqueiro, que ele já se preparava e já botava. A festa era grande, era grande.

Dávilla: Qual o motivo de pedir esmolas?

Bebé: O significado da esmola era pra festa da malhação do judas, que não chamava malhação, chamava matança. A esmola foi a primeira coisa que surgiu nesse negócio todo do judas, eu disse no início a você, ele começou só com o judas, mas pedindo a esmola, pra que? Pra fazer a festa, pra matar o judas.

Bebé: Papai dizia que vovô dizia que lá no Seridó usava só o judas, mas quando chego aqui ele não fez isso aí, ele começou logo com os caboclos. Então vai ser preciso pessoal, nós tirar mais esmolas por que agora cresceu, num é só um que vai andar com o judas pedindo esmola, e depois que tirar aquela quantidade de esmola vai fazer a festa, e cada caboclo leva dois, três de sua casa, de sua família.

Bebé: Era bom que era uma forma de unir os familiares. Tinha também aqueles bem pobrezinhos que não tinha como tirar de casa pra ajudar, não podia tirar do trabalho, aí tinha que tirar pra essas pessoas aquelas esmolas, pra ajudar dentro de casa aquelas pessoas que não tinha nada.

Dávilla: Qual o motivo do personagem da velhinha?

Bebé: Antigamente eles andavam com a velhinha buchuda que era pra pedir mais esmolas, pra poder sair mais cascalho. A velhinha era pidona, botava ela pra pedir. Por que os caboclos dançando, as vezes não pedia como a velhinha pedia, aí a velhinha ficava no pé da porta. Cansei de ver lá na Betânia, quando chegava as turmas lá, a velhinha chegava nas portas e enquanto não desse mais ela não parava.

Chegava dando uma bacia de feijão e ela pedindo uma rapadura, aí a pessoa dava, aí ela pedia dois ovo e assim ia. Era pidona, as velhinha pidona era a alegria das turmas. Pra pedir esmola era as véa. Foi feita pra pedir, foi inventada pra pedir.

Dávilla: Como surgiu o concurso de caboclos?

Bebé: Olhe, essa história aí ela começou assim, por que as turmas de caboclo sabendo que lá em Dr pio, no são Miguel, vinha gente de Fortaleza, vinha gente do Piauí, vinha gente de João Pessoa, vinha pra lá passar a semana lá, aí tudo tinha cascalho. Começaram a ir e dizia: a turma de fulano vem com tanto, a turma de ciclano vem com tanto. Ai então devido a isso se ajuntava os grupos lá. No primeiro ano que aconteceu isso lá no são Miguel, que no histórico tá que o primeiro concurso e o segundo foi no são Miguel ne. Eles viram, era as quatro turmas que brincou lá, nesse primeiro foi quatro turmas, no segundo já foi cinco. Agora no terceiro ano, que foi em 93 foi que foi lá no mercado, foi quatro ou foi cinco, não lembro quantas turmas foi em 93, eu sei que lá começou os dois anos lá no são Miguel, a da fazenda nova, duas daqui de Major Sales, outra lá do baixio e a de Antônio Grosso.

Bebé: Começou devido a isso, Dr pio incentivou, ele teve essa iniciativa de fazer o concurso a partir da casa dele, porquê lá era onde ele tava vendo a junção de grupos. Se ajuntava lá no São Miguel, na casa dele e daí ele foi vendo que ia ser preciso fazer um concurso num lugar maior, fez no mercado que naquele tempo era chamado de barracão, aí daí não parou mais, né.

Dávilla: O senhor acha que com o início do concurso surgiu uma rivalidade entre as turmas?

Bebé: Surgiu, mas só acontece naquele momento, terminou já não tem mais nada, já vão beber junto. É todo mundo se abraçando, se dando parabéns. A rivalidade pra mim mesmo é só no momento.

Dávilla: Quais as primeiras equipes que iniciaram junto com o senhor?

Bebé: Olhe, começou os mais antigos era Milton, Antônio de Vitor esses chefes de caboclo daqui de dentro de Major Sales, tinha também Antônio Grosso do Bom Jardim. Sabe que teve um jovem daqui que também teve uma turma, há mais de 30 anos, teve uma turma de Mozim de Enoque, ele foi chefe de turma de caboclo. Pra falar a

verdade, de chefe de turma lá do baixio eu só me lembro de Antônio Leite, se teve outro eu não lembro. Agora eu lembro que nós se encontrava e nunca teve briga nenhuma, nós fazia era brincar junto. Na fazenda nova tinha a de Verideano e depois dele passou pra Zé de China, e depois dele Francisquinho.

Dávilla: Tem algum requisito pra entrar nas equipes?

Bebé: A fiscalização é grande (risos), é por que tem uns caboclo profissional, vem de fora fazer o teste e não passa, ai fica fora. Não pegou os passos aí não dá certo, tem que acompanhar os outros.

Dávilla: A composição do grupo do senhor, são da cidade ou de fora?

Bebé: O grupo mesmo, a banda toda é família, dos caboclo tem família também, chega até 70%. Poucos de fora da família.

Dávilla: As músicas utilizadas tem alguma simbologia?

Bebé: Um história, em apoio ao concurso, adicionando os elementos e adereços nela.

Dávilla: O senhor acha que o concurso age de forma positiva na comunidade?

Bebé: As criancinhas hoje, é no bucho da mãe e já se estremecendo pra dançar caboclos (risos). Acho positivo que essa tradição é positiva aqui dentro de Major Sales. Apesar de ter gente que não gosta, mas né 100% não.

Dávilla: As pessoas de mais poder econômico também dançavam?

Bebé: Não não, eles só faziam doação, davam esmola. É uma cultura de família, da comunidade mesmo, de pessoas mais humildes e pediam esmola, e essas esmolos eram distribuídas pra quem mais precisava.

Dávilla: Qual a diferença do sábado de aleluia de antigamente pra hoje em dia:

Bebé: Essa é bem facinha de responder, é como eu falei pra você, mesmo que foi ontem pra mim, a gente se preparar pra matança do judas pra dançar o forró, e a festa, passar a noite comendo, bebendo e dançando, brincando. A matança era 4 horas e o forró começava de 7, 8 horas. Enquanto tivesse gente dançando o forró tava tocando.

Bebé: Pra hoje é diferente por que, olhe, se antigamente nós se preparava pra fazer uma festa, pra nós dançar, hoje em dia é diferente, nós se prepara pra o concurso. Apesar de os caboclos, a maioria vão dançar também, vão participar da festa, mas é diferente dos chefes, acabou o concurso vem pra casa, quem ganhou ganhou, quem perdeu perdeu, não tem comemoração de nada.

Entrevista de história oral II: Antônio Otacílio da Silva. Concedida a Theresa Dávilla Limão de Bessa. Major Sales (RN), 09 de Maio 2021.

Dávilla: Bom dia, senhor Antônio Grosso.

Antônio Grosso: Bom dia

Dávilla: Convido o senhor a participar da realização da minha pesquisa monográfica e autorização para gravar a entrevista, com o objetivo de usar a gravação para escrita do meu Trabalho de conclusão de curso. O senhor permite a utilização dessa entrevista?

Antônio Grosso: Permito.

Dávilla: Qual o nome do senhor?

Antônio Grosso: Meu nome completo é Antônio Otacílio da Silva

Dávilla: Nasceu em qual ano?

Antônio Grosso: Eu nasci em 28 de abril de 1944.

Dávilla: O senhor sempre morou nessa comunidade?

Antônio Grosso: Foi, toda vida. Desde quando eu nasci aqui nessa propriedade, aqui desse meu povo que Deus já levou. No sítio Bom Jardim, fui criado aqui dentro mesmo.

Dávilla: Qual a profissão do senhor?

Antônio Grosso: Minha profissão chama da roça, ne?! Roceiro né que chama, agricultor.

Dávilla: Sobre a escolaridade do senhor, sabe ler e escrever?

Antônio Grosso: Não, a gente nesse tempo... a gente não tinha a escola que tem hoje né? Tinha pra todo canto hoje em tia, até pela internet, em casa tão estudando, né. Mas nós era difícil, tinha uma escola aqui, aculá onde era o finado Fortunado na Barra Verde, e era caro pra poder ir pra lá. Não era todo mundo que podia ir pagar, né, nesse tempo. Aí depois aqui na Zefa Rocha, botaram uma mobral, era até um povo ali do Bil, tinha uma professora que ensinava a eles, a mobral né. Aí começou a ir todo mundo, mas tinha muitos que não tinha jeito de aprender, que era só a noite o povo, ai de dia não tinha como porquê tinha que ir pra roça trabalhar e pronto. Mas foi assim, não deu tempo eu aprender nada não, pelejei mas engrossa a cabeça né (risos). Mas tudo é no dedo né, eu não assino, todo documento que tenho que fazer vou e boto o dedo.

Dávilla: O senhor se considera uma pessoa religiosa?

Antônio Grosso: Eu graças a Deus, eu tenho aquela coisa em mim, eu sou filho de Deus e Deus é nosso pai.

Dávilla: Sendo católico o senhor deve ter conhecimento do calendário cristão da semana santa. Como o senhor se lembra dessa época?

Antônio Grosso: Eu dessa época da semana santa eu lembro que antigamente, hoje não tem mais não, quase ninguém quer jejuar mais. Mais aqui jejuava três dias na semana, era quarta, quinta e sexta, era o jejum né. Não comia de tudo, era só aquele jejum mesmo, comia na hora. Mas hoje em dia não tem mais, acabou, é cachaça, é tudo que come... carne assada né? Tudo no mundo.

Antônio Grosso: Nessa época minha filha, se você furasse um pinhão, ele saía sangue. Eu comecei vendo tudo isso, no tempo do jejum você não podia cortar um pau que saía sangue, era diferente a coisa né, mas hoje em dia acabou, tem mais não.

Dávilla: Ao longo da vida do senhor, como o senhor tem participado da semana santa?

Antônio Grosso: Eu mesmo acho bom demais, assim como eu falei, tem as mudanças assim porquê sobre a semana santa era uma coisa mais moderna né, não tinha era geração que tem hoje, de bebida, de coisa. Era só aquela coisa, semana santa é semana santa, não tinha exagero de bebida que tem hoje em dia né. Hoje dia de semana santa o caba vai pra um bar, ai bebendo, comendo uma carne.

Antônio Grosso: Ninguém comia não, naquele dia de jejum, era dois, três dias de jejum, mas era só aquele jejum, o tempero que tinha num era carne de jeito nenhum, peixe, queijo e essas coisinhas moderna.

Dávilla: Quais os rituais que o senhor lembra desse período?

Antônio Grosso: Você sabe, ai agora vamos falar.. Eu comecei essa cultura de caboclo com a idade de 8 anos. Meus tios moravam no Bom Jardim aí, que era irmão da minha mãe, tinha um que era mestre de caboclo, se chamava Mané Painha, ai eu ia pra lá e vinha, brincava aqui de frente a Antônio Rocha. Era o mestre de caboclo mesmo, que isso ai era a dança antiga, aprendi essa dança antiga com eles lá. Ai quando vinha embora, eu sai brincando mais aqueles outro, chamava pra brincar e eu acompanhando, acompanhando até que aconteceu que essa coisa. Arrumou uns caboclo e lá vai, ai eu entrei nos chefe de caboclo. Só não tô hoje porquê o joelho meu tá mei judiando com eu. Mas eu tava porquê gosto demais da coisa.

Dávilla: O que o senhor sabe sobre a matança do Judas no sábado?

Antônio Grosso: Rapaz, era muito bom demais, era gostoso demais. A gente chegava aquele dia de matar o Judas, a gente trazia os caboclo tudim. Nesse tempo tinha muita criação de galinha, nós andava era muito, tinha casa que nós voltava era com um pau de galinha cada um que era muita coisa. Tinha muita criação, o povo gostava toda vida dessa brincadeira minha, ai quando era no sábado se juntava tudim aqueles caboclo aqui, ganhava né, nós juntava e partia aquelas coisa tudo aqui. Mas tinha a farofa, Tia Maria matava duas, três e fazia aquela farofona, comida mesmo pra comer tudim. Matava logo um bocado pra comer logo a vontade mesmo.

Antônio Grosso: Vinha os participantes de lá, dos outros eventos mesmo, vinha pra cá também pra aqui pra casa. Aqui era coisa boa. Saía tudo satisfeito demais, num dá pra mim esquecer não.

Dávilla: Com quem o senhor aprendeu a dançar caboclo?

Antônio Grosso: Aprendi a dançar caboclo com um tio meu, Mané Painha. Aí daí começou essa turma mais velha, e eu acompanhando, acompanhando...

Dávilla: Como surgiu os caboclos?

Antônio Grosso: Partiu daí que eu tô lhe dizendo, desse tio meu né. Ele fazia o Judas, naquele tempo não tinha caboclo. Botava o Judas no jumento e saía de casa em casa de noite, visitando aquelas casas, recebendo aquelas esmolos. Aí o povo lá daquela idade começaram a perguntar: “rapaz, esse judas sem ter dança, sem ter nada.” Ai eles respondiam que num tavam por dentro dessa cultura ainda, mas que ia chegar lá.

Antônio Grosso: Começou fazendo o Judas sem caboclo, só pra acompanhar as casas, andava aqui, ia na casa de tudim visitando e ganhando as esmolos. Ai depois acharam que o moderno mesmo era ter a dança do caboclo, aí começou. Os caboclo surgiu daqui mesmo, da cultura. Esse tio meu era também executor de dança, de tudo no mundo, sabe? Aquele “sabidoge” que tem né. Ai saiu na televisão, pegou isso ai, aqueles ano de fora né, aquela cultura que tinha fora que tinha, ai dali tiraram. Daqueles negócio que dançava com aquelas máscara lá, diferente, os índios, ai daí começou. Os caba começou a treinar daquilo logo.

Antônio Grosso: Em Major Sales ninguém sabia, de jeito nenhum. Aí começou tocador que era tocando as música dos caboclo, que era a marcha e o xote, e aquele baião, daí que engrossou mesmo a coisa, ficou nos sítio. Tinha a turma minha aqui do Bom Jardim, a turma de finado Antônio Leite do Baixio e aqui na fazenda nova tinha outra, no São Miguel tinha uma também. Só tinha essas turmas mesmo.

Dávilla: Por que o senhor participava?

Antônio Grosso: É porque, é aquela coisa... toda vida eu fui mei dançador, né? Toda vida gostei de dançar também, graças a Deus. Aí disseram; “brincar de caboclo é bom pra ser o mestre de caboclo”, ai eu só dizia: “ome, eu sou um dançarino de caboclo” ai sei que me colocaram como chefe e lá vai, lá vai, ai começava o bang bang de lá pra cá.

Antônio Grosso: Nós saía daqui de 4 horas depois que nós jantava tudo, Maria fazia comida pros caboclo tudim, nós já saía daqui tudo comido. Ia lá pro Lourenço de pés, de lá ia pra Pitombeira. Nós andava com um jumento ou com um burro, era uma época mais favorável, nós levava o tropeiro né, que era quem recebia as esmolas. Tinha hora que tinha que dá duas viagens porquê as esmolas não cabiam tudo, ai voltava no outro dia pra buscar.

Dávilla: Essa dança acontecia só na semana santa?

Antônio Grosso: Só durante a semana santa.

Dávilla: Com relação a matança do Judas, qual o propósito?

Antônio Grosso: É semana santa, tinha aquela, num judiaram com Jesus? Então tinha a mesma coisa, de pegar o Judas pra judiar, foi isso aí quando começou.

Dávilla: Quem organizava a matança do boneco, era decidido em grupo ou por um só?

Antônio Grosso: Não, tinha um certo mesmo. Um, dois que organizava e já sabia o que ia acontecer mesmo.

Dávilla: De antigamente pra hoje em dia, teve muita mudança no significado de matar o Judas?

Antônio Grosso: Demais da conta, mudou muito. Pode ver, mudou mais do centro, pro que era de antigamente. Olhe, Major Sales começou a formar uma turma, ai ficava a turma. Quando começou essa cultura lá, Dr Pio botou pra fazer a cultura lá em Major Sales, pra se apresentar lá. O povo ficou interessado no dinheiro né, ai pegou e ficou fazendo turma de tudo que era jeito, encheu mesmo. Mas era aquela ganancia, pra ganhar dinheiro.

Dávilla: Como surgiu os pedidos de esmolas?

Antônio Grosso: As esmolas era a mesma coisa do jejum da gente, num tinha muita gente que saía de casa em casa pedindo as esmolas pra jejuar, num tem? É a mesma coisa, foi onde surgiu a dos caboclos também, caboclo é Judas, mas é do lado de Deus.

Dávilla: Fale um pouco sobre a festa que acontecia após a morte do Judas.

Antônio Grosso: Matava o Judas no sábado né, aí eu até dizia pra Maria que ia aproveitar logo os caboclo pra fazer a festa, pra não precisar mais trabalho pro domingo de pascoa né? Aí fazia no sábado mesmo, vinha o povo de fora pra ver como era aqui. Fazia no meu terreiro.

Dávilla: Sobre os personagens, qual o papel da Velhinha?

Antônio Grosso: A veinha, sabe pra que servia a véa? Quando saiu a cultura no mundo, no Brasil todo quando saiu, no Rio Grande do Sul, até pegou vindo na televisão saindo aquela turma com aqueles vestido de veia, sabe. O povo até perguntava se era uma mulher mesmo no meio, mas era um homem. Era da cultura mesmo, saiu o boi, o Jaraguá, tudo saindo já, a cultura de lá era diferente da nossa, daí que surgiu a cultura da veia entrar também.

Dávilla: Como que o concurso surgiu?

Antônio Grosso: O concurso começou porque Dr Pio chamou uma turma lá pra casa dele logo, lá no São Miguel, acolhendo todos os caboclos né. Aí tem Maria Carlos né, que trouxe essa cultura de lá e fez até um projeto né, pros caboclo. Nesse tempo foi feito um projeto pra eu e pros outros chefes de turmas também.

Dávilla: Pra entrar na sua equipe, precisava ter quais habilidades?

Antônio Grosso: Olha, ai é o seguinte, é onde você vai ficar sabendo da história bem contada. A turma de caboclo tem o chefe né? Seja a veia ou seja o caboclo, o chefe tem que dançar pra equipe seguir ele. O primeiro a entrar pra dançar tem que ser ele, né entrar assim adoidado não, tem a fila.

Dávilla: Era frequente a mudança dos componentes?

Antônio Grosso: Era, se tiver naquela hora ali, tem os minutos pra dançar né, 15, 20 minutos, nem que seja se lascando mas tinha que segurar pra não atrapalhar os outros né. Se não aguentasse nós tirava fora.

Dávilla: Como é a música dos caboclos, vai qualquer uma ou tem específica?

Antônio Grosso: O caboclo que aprende a dançar tudo, eu danço tudo. A primeira dança é a marcha, aí depois é no xote. O xote alivia tudo, é maneio de ir, a pessoa vai só no molejo. A cantiga era acompanhando aquele xote, aquele ritmo, o cantor sabia cantar tudo. Quem dizia era o sanfoneiro e o cantor acompanhava.

Dávilla: Pro senhor, essa cultura tem algum poder positivo para os jovens?

Antônio Grosso: Age sim.

Dávilla: Com o decorrer do tempo o senhor sente uma mudança na comemoração do sábado de aleluia e da dança do caboclo?

Antônio Grosso: Tem já, porque mudou o ritmo, muito ritmo mudou né. Minha turma mesmo, eu, danço sem música, preciso dela pra dançar não. Já os caboclo de hoje só dança se tiver batida, eles não sabem dançar a marcha, um xote.

Dávilla: E as roupas, de que eram feitas?

Antônio Grosso: Ah, as roupas eram da folha da bananeira ou de carnaúba, estopa também era usada, as máscaras de pele de raposa, aí depois começaram a usar umas de plástico.

Entrevista de história oral III: Antônio José da Rocha Limão. Concedida a Theresa Dávilla Limão de Bessa. Major Sales (RN) 12 de Maio de 2021.

Dávilla: Boa Tarde.

Tonymho: Boa Tarde.

Dávilla: Eu convido você a participar da realização da minha pesquisa monográfica e autorização para gravar a entrevista com o objetivo de usar a gravação para a escrita do meu trabalho de conclusão de curso. Você permite a utilização dessa gravação nessa pesquisa?

Tonymho: Sim!

Dávilla: Qual o nome do senhor?

Tonymho: Antônio José da Rocha Limão.

Dávilla: Onde e qual ano o senhor nasceu?

Tonymho: Nasci em Major Sales mesmo, dia 25 de Agosto de 1993.

Dávilla: Sempre morou nessa comunidade?

Tonymho: Sempre sim, só viajo nas férias.

Dávilla: Qual a sua profissão?

Tonymho: A minha profissão é Educador Físico.

Dávilla: Sobre sua escolaridade, sabe ler e escrever?

Tonymho: Fiz ensino superior, Educação Física e tenho pós graduação.

Dávilla: Ao longo da sua vida, como tem participado desse período de semana santa?

Tonymho: Desde pequeno, quando eu ia lá pra vó, que via as turmas fazendo as visitas, principalmente na sexta-feira santa, que a gente se reunia toda família e tinha as visitas das turmas, ai eles já incluía, a gente já começava a brincar com 6, 7 anos de idade. E daí a gente foi começando a interagir. Depois fomos criando a turma entre os primos, e comecei a participar todos os anos.

Dávilla: O que sabe sobre a tradição da matança de Judas no sábado de aleluia e como ocorria?

Tonymho: A matança do Judas ela vem da tradição católica, no caso pela traição de Judas, a figura do caboclo foi utilizada como se fosse uma espécie de vingança contra aquele que traiu Jesus Cristo. Então isso é retratado nos caboclos sempre no sábado de aleluia, quando tem o concurso é a figura principal, falando do concurso, é um dos principais elementos pra poder ser apresentado pelas turmas é a matança de Judas.

Dávilla: Com quem você aprendeu a dançar caboclos?

Tonymho: Aprendi como falei, com as outras turmas maiores quando era criança, eles iam pular lá em vó e a gente ia se incluindo no meio da turma e os caboclos mais experientes iam ensinando como era.

Dávilla: Por que participava?

Tonymho: Mais pelo estímulo local, todo mundo se envolve muito, é um período onde a população se envolve bastante, principalmente aqui em Major Sales, crianças, jovens, adolescentes, adultos, tipo, não tem faixa etária, praticamente todo majorsalense já espera por essa semana.

Dávilla: A prática dessa dança era regular ou apenas anual?

Tonyinho: Geralmente anual, principalmente na semana santa, é onde se dá mais ênfase, tanto que aqui em diversos momentos do ano vemos muitas manifestações, apresentações de caboclos, viagens. Mas, a ênfase mesmo é no período da semana santa.

Dávilla: Na organização da matança do Judas, tem alguém encarregado ou é o grupo todo que idealiza sua morte?

Tonyinho: Na matança do Judas, o elemento que é o principal, é um momento de todos, todos devem participar da matança dele. Na origem mesmo dos caboclos, no começo, antes do concurso em si, muitas turmas tinham a tradição de fazer a matança de Judas no domingo, reunia a população em geral, pendurava o Judas em um local mais alto e todo mundo atirava pedra, atirava de espingarda pra poder derrubar o Judas e fazer a matança.

Dávilla: Houve alguma mudança no significado de matar o Judas?

Tonyinho: Sim, teve sim, o Judas na época tinha mais esse sentido religioso, só que com o passar do tempo, principalmente pela evolução do concurso, esse sentido religioso foi ficando um pouco de lado, em si, o Judas tava fazendo mais só uma parte do espetáculo. Não tinha mais aquela figura religiosa como havia antes.

Dávilla: Sobe as esmolos, qual o sentido de pedir elas?

Tonyinho: Antigamente eles pediam as esmolos pra fazer a festa, pra distribuir entre os caboclos mais pobres, mais carentes. Então, na nossa turma desde a época que começamos a brincar a gente tinha mais esse sentido, de fazer a arrecadação pra poder repassar tanto pros nossos caboclos mais carentes, como também pessoas da população com mais necessidade. Esse era nosso objetivo de arrecadar alimentos.

Dávilla: Sobre o surgimento do concurso, como você se lembra?

Tonyinho: O concurso quando ele surgiu, na verdade eu não vou ter lembrança por que foi um ano antes do meu nascimento, mas eu pude acompanhar grande parte do processo de evolução, acredito eu que tenha feito até parte desse processo de evolução, quando eu passei a ser chefe de tudo.

Dávilla: Sobre os primeiros grupos de dança, o que se recorda?

Tonyinho: As primeiras turmas eram bem assim, a tradição era bem diferente, os trajes eram bem diferentes do que é hoje, que era trajes de trapos mesmo, de roupas velhas que a gente recortava pra fazer as roupas, tinha também uma paixão maior dos caboclos, por exemplo, a gente começava a pular na segunda-feira da semana santa o dia todo, e hoje em dia praticamente não existe mais caboclos na semana santa, somente no dia do concurso, então pra mim a grande diferença é essa, do início

pra hoje, as vestimentas e também a participação dos caboclos em si durante a semana santa.

Dávilla: O que os caboclos tem a ver com a matança do Judas?

Tonymho: Os caboclos eles quando foram criados, de acordo com os mais velhos, pelo que sei vem de uma origem indígena, uma pisada forte, a marcação do território tem essa origem indígena. Por essa questão religiosa que se tem o Judas, eles incluíram a figura do Judas como uma forma de vingar a traição que ele fez. Então essa figura do Judas ficou bem forte por essa questão religiosa que foi incluída.

Dávilla: Sobre os personagens, qual o papel da Velhinha?

Tonymho: Nos caboclos o principal personagem além dos caboclos e do Judas, é a Velha, também era utilizado muito o Velho, como se fosse formar o casal do velho e da velha que eram os responsáveis por pedir as esmolos e pedir permissão pra pular na casa. Por exemplo, a velha ia na frente da turma e pedia permissão ao dono da casa pra poder pular e era quem fazia a animação da turma, que chamava mais atenção, a animação do velho e da velha durante a a dança dos caboclos.

Dávilla: Pra entrar nos grupos de dança, qualquer pessoa poderia entrar ou tinha algum requisito?

Tonymho: Praticamente todo majorsalese, como falei, desde criança aprende a dançar, a pular caboclo. Então pra poder se incluir numa turma, necessitava mesmo só uma amizade, ou um conhecimento.

Tonymho: Isso mudou bastante quando se fala em concurso, pra pular nas ruas, nas casas como a gente fala, fazer essa visita, pedir esmolos, toda criança, toda pessoa consegue participar tranquilamente, mas quando é pra falar em concurso existe uma seleção. Os chefes de turmas sempre procuram selecionar os melhores caboclos, aqueles que pisam mais forte, que tem um gingado mais bonito, então essa questão de participar mesmo durante a semana não existe pré requisitos, se a pessoa souber brincar, pular, como aqui normalmente todo mundo sabe, já pode participar.

Dávilla: As mudanças dos componentes eram frequentes?

Tonymho: Era sim, sempre aconteceu de haver alguma desavença, algum descontentamento por parte ou do brincante ou do chefe de turma e haver essa troca, até era o que mais estimulava, que mais estimula a participação dos caboclos era essa disputa entre as turmas.

Dávilla: A respeito das músicas, elas têm alguma simbologia, as letras tem que ser específicas ou qualquer uma pode?

Tonymho: Elas sempre são específicas, são relacionadas a cultura, sempre botado em ênfase a pisada, os instrumentos, a vestimenta. Todas as músicas são pensadas e trabalhadas com o que está acontecendo no momento, sempre relatando.

Dávilla: O concurso, age de forma positiva sobre a comunidade?

Tonymho: Sim, com certeza, o período de semana santa aqui, principalmente o fator econômico cresce bastante, porquê a cidade recebe muitos visitantes pra apreciar a cultura, então é um fator tanto econômico como também cultural e dá uma visibilidade muito grande a cidade porquê somos conhecidos como a cidade da cultura justamente por conta dos caboclos.

Dávilla: Pra você, essa cultura exerce algum poder positivo sobre os jovens?

Tonymho: Sim, por que como eu falei que existe esse fator de ter uma simbologia muito grande na cidade, essa cultura também influencia pra que os jovens tenham um envolvimento cultural e que seja algo que eles possam aprender e repassar. Aprender a aprender, e aprender a repassar.

Dávilla: Como você ver essa interação da cultura da dança de caboclos com a comunidade?

Tonymho: É uma cultura que nós gostamos sempre de falar que ela é passada de geração em geração, então é sempre estimulante quando a gente vê um pai ensinando ao filho, o irmão ensinando ao irmão mais novo. Eu no meu caso, era meu tio que fazia as máscaras pra gente poder brincar, participar. Fazia as máscaras de papelão pra gente poder brincar entre as turmas grandes, então é uma influência que ela vai passando de geração pra geração.

Tonymho: Uma forma cultural até religiosa, por que por meio de forma indireta a gente passa a conhecer diversos aspectos religiosos e culturais que por outro meio, sem que tivesse essa cultura nós não saberíamos e os jovens também não saberiam.

Dávilla: Com o decorrer do tempo e das mudanças na sociedade, sentiu diferença na forma de comemorar o sábado de aleluia?

Tonymho: Muita, como falei, é uma cultura que ela traz um aprendizado muito grande em vários fatores, religioso, econômico, cultura, e que se nós não tivéssemos essa cultura, no caso, os caboclos, nós não teríamos essa vivencia. Isso foi mudando com o tempo, antes o sábado de aleluia era praticamente um sábado como qualquer outro, comum, se não tivéssemos essa cultura seria só mais um sábado, e na nossa realidade, principalmente aqui em Major Sales, é um dia D, um dia em que as pessoas esperam o ano todo por esse dia, já que é um dia inteiro de manifestação, de movimentação, de pessoas chegando na cidade, querendo ver a apresentação dos caboclos a noite. Então é um sábado especial.